

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Lais Biasoli Moler

“Quando os olhos não veem”, mas o coração sangra:
um estudo sobre as relações raciais pelos afetos e arte na arena
do slam

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do
título de Doutor em Psicologia Social sob a
orientação da Profa Dra Bader Sawaia

Banca Examinadora

Dedico a Emma, minha
filha, com o desejo e ação
para a construção de outro
mundo.

AGRADECIMENTO A CAPES

“O PRESENTE TRABALHO FOI REALIZADO COM O APOIO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL NÍVEL SUPERIOR-BRASIL (CAPES) – CÓDIGO DE FINANCIAMENTO 001”.

NÚMERO DE PROCESSO 88887.149655\2017-00

Agradecimentos

Ah, o agradecimento é sempre interminável, a dívida de gratidão é eterna, ela mora no coração! São muitas as pessoas à quem devo agradecer, foram mais de quatro anos para o desenvolvimento dessa pesquisa...

Foram quatro anos e meio de muitos movimentos, de aprendizados que me transformaram por completo. Nosso país mudou, o medo iminente de retrocesso histórico se fez presente. Retrocedemos não apenas quatro, mas dezenas de anos de conquistas e de avanços. A cada dia, temos uma nova e triste surpresa. Ao final dessa pesquisa, compreendo que, sem me nutrir da potência do slam, teria sido ainda mais difícil seguir. Compartilhar das transformações vividas na periferia, ver as pessoas que me acolheram se transformando junto comigo é de um valor incomum. A composição dos corpos e das ideias que formam a cena do slam tornou-se, para mim também, combustível para seguir adiante.

Assim, agradeço pela possibilidade de trilhar um novo caminho, de mergulhar num novo recorte do sofrimento e de encontrar resistência e afeto. Os encontros potentes com todas as poetas e os poetas, queridos slammers, fizeram de mim uma pessoa melhor, uma pessoa que passou a se esforçar para a construção de uma sociedade antirracista.

Estudar os constructos ideológicos da raça e do racismo provocaram-me reflexões acerca de meu lugar no mundo e, desde esse lugar, assumir o compromisso ético da desconstrução dos privilégios concedidos às pessoas brancas, bem como da desnaturalização dos fenômenos racistas cotidianos por meio da problematização dos eventos ordinários. Dito de outra forma, entendo que, quando passamos a enxergar determinada realidade, não há mais como voltar atrás, não dá mais pra fingir que não se vê aquilo que já se viu. Como diz Patrícia Meira: “*eu perdi a paz*”.

A todas as relações tecidas na base da comunhão, troca e afeto que contribuem para expansão mútua de aprendizagem e potência de vida, eu agradeço! Aprendi que, para mim e muitos de nós, a arte poética revestida pela militância recheada de afetos é capaz de propor um tecido novo de luta e perseverança.

Agradeço aos meus orientadores - iniciei a pesquisa e passei mais da metade do tempo com meu querido e afetivo orientador, Professor Doutor Odair Furtado: quantos aprendizados tive com você. Agradeço por fazer dos nossos encontros sempre um momento de acolhida e aprendizado. Agradeço por ter participado por tanto tempo de seu núcleo, espaço em que pude

nutrir grandes e valiosas amizades. Com a mesma intensidade, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Bader Sawaia, com quem tive a honra de terminar a pesquisa. Sua companhia desde os tempos do mestrado, sempre atenta e afetiva, fortalece minha ação no mundo. Muito obrigada por prontamente me acolher, compreender minhas angústias e meu lugar de fala.

Agradeço à Professora Doutora Myrte Cruz por trazer excelentes reflexões à essa pesquisa, encorajando-me a terminá-la com o mesmo entusiasmo com que a havia iniciado. Agradeço por todo apoio afetivo, por toda indicação bibliográfica, por me auxiliar na compreensão de seu mundo: ofereço-lhe toda minha gratidão e afeto.

Agradeço, igualmente, à Professora Doutora Katia Maheirie, por ter aceitado o convite em compor a banca bem como com suas valiosas contribuições, ajudando-nos a pensar sobre a ponte entre arte e política no exame de qualificação.

Agradeço ao professor Doutor Antonio Honório Ferreira por ter aceitado o convite para compor a banca, agraciando-nos com suas ponderações e reflexões.

Agradeço aos meus pais Raul e Emma por sempre acreditarem em mim e valorizarem minhas escolhas. Agradeço por ter recebido de presente minha filha, Emma, em meio ao turbilhão de mudanças que acompanharam minha vida nesses últimos quatro anos! Que a gente possa construir um mundo melhor! Agradeço à minha irmã, Lara Biasoli Moler, pela presença potente em toda a minha trajetória. Agradeço ao Ronaldo pela concepção da Emma, no início dessa trajetória e, do mesmo modo, pelos dias que ficou com ela para que eu pudesse escrever.

Agradeço a Cristina Almeida, o Emerson Alcade o Chapéu, organizadores do Slam da Guilhermina, por sempre me receberem bem em todas as arenas em que nos cruzamos e fora delas, desejo que a intimidade construída possa se fortalecer daqui pra frente. Vocês são incríveis, obrigada! Agradeço as e os slammers que conversaram comigo que me permitiram a oportunidade de dizer quem eu era e à que eu vinha, obrigada por confiarem em mim, que essa tese possa ser útil para vocês também e que tenhamos muitas oportunidades de nos encontrar e conversar. Foram muitas sextas-feiras de clima quente e frio na estação Guilhermina Esperança, em que todo o meu corpo ressoava a potência da expansão da vida. Colocar em palavras tudo aquilo que foi vivido com vocês foi uma tarefa pra lá de desafiante; partir da materialidade da vida para reflexões teóricas sem me perder na abstração da

academia foi um exercício constante em toda a escrita dessa tese. Agradeço a todos, especialmente à Patrícia Meira por tanta potência em cada encontro, por tanta troca e acolhida! Por me ajudar a construir o título dessa tese, eu também te agradeço e muito! Agradeço pelo encontro potente e caloroso Midria! Daniela Rosa, Beká, Isaac Quaresma, Thalita, Tawane, Aline, Kimani, Bruna Mara, Poeta Evolution, Chico, meu muito obrigada! Que a tese seja de valia para todos nós!

Agradeço às minhas novas amigas da PUC, em especial, Sílvia Rozendo e Aline Matheus. Aline, suas provocações diretas sobre a branquitude, as conversas acolhedoras sobre nossa existência, sobre a pesquisa, sobre os casos clínicos, sobre os relacionamentos afetivos, sobre Emma, sobre a vida. Sílvia, agradeço por sua companhia comigo no SlamSP, me auxiliando na compreensão de um mundo que não é o meu. Pela presença potente na banca de qualificação, pelas palavras de incentivo e valorização dessa pesquisa. Agradeço por você em minha vida, vem comigo! Aline, agradeço por suas provocações angustiantes que me movimentam. Agradeço ao Marcos que nesse processo esteve mais próximo de mim, me acolhendo e impulsionando.

Agradeço aos meus amigos que já se tornaram meus irmãos: Maiena e Wagão, estaremos sempre juntos!

Agradeço aos amigos dos núcleos NUTAS Lidiane, Graça Lima, Fabiana, Carla Tenório, Winnie, Leandro, Camilla, Adriana Eiko e do NEXIN, Dilson, Cinara, Beatriz Eugênia, Gabriela, Emílio, todos e todas meu muitíssimo obrigada!

RESUMO

MOLER, LAIS BIASOLI **Quando “os olhos não veem” mas o coração sangra: uma análise das relações raciais pelos afetos e arte na arena do slam 2019**. 114 pgs Tese de Doutorado em Psicologia Social) Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

O presente trabalho objetiva investigar por meio da pesquisa participante a vivência psicológica produzida a partir da participação nos slams de poesia na cidade de São Paulo. Slams são gincanas de poesias faladas *spoken word*, que acontecem principalmente nas periferias da cidade de São Paulo e do Brasil. Atualmente estima-se que existam mais de 300 slams no território brasileiro. Problematizamos na pesquisa partindo da dialética branquitude-negritude, os lugares ocupados por negros e não-negros em nosso país e o que eles lhes conferem. Partindo da perspectiva de Espinosa, temos o homem como um ser de paixão e desejos, sendo a experiência no mundo apreendida pelas emoções. Assim, a partir dos encontros vividos e conforme as relações se configuram, podemos aumentar ou diminuir nossa capacidade de agir, nossa potência de vida. Bons encontros são aqueles em que nossa capacidade de agir é aumentada e, do mesmo modo, ampliada a nossa capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo. A pesquisa revela que o slam é um espaço de autorrepresentação em que é possível narrar suas vivências permeadas por afetos alegres, que possibilitam a composição de corpos e ideias em busca de expansão e mesmo de uma nova formulação de como as pessoas se percebem nesse processo. Além disso, as gincanas de poesia fomentam a construção de um novo modelo de sociedade comprometido com a luta pela equidade, pois, na medida em que se identificam as dificuldades (anunciadas nas poesias), é possível encontrar estratégias para superá-las.

Palavras-chaves: slam, arte, afetos, negritude, branquitude identidade

ABSTRACT

MOLER, LAIS BIASOLI. **When the eyes can't see, but the heart bleeds: an analysis of racial relations through the affections and the art of the Slam.** 2019. 113 pages. Doctoral thesis in the field of Social Psychology. College of Humanities and Health, Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC). São Paulo, 2019

This research aims to investigate, with the tools of Participatory action research (PAR), the psychological responses from individuals attending, or performing at, the Poetry Slams in the city of São Paulo, Brazil. Slams are “spoken word” competitions, which take place especially on the outskirts of cities in Brazil. There are believed to be around three hundred Slams in the country. We depart from the dialectics whiteness-blackness and the place of black people and non-black people in our country. What does that place convey?, we ask. From Espinosa’s point of view, man is subject to passion and desire, the very perception of the world made possible through his emotions.

The meetings held throughout the research have shown us that we can either enhance or weaken our presence in the world, our power of life. Good meetings are those in which our presence in the world is enhanced: we are more capable of affecting and being affected by the world. The research shows that the Slam is a place for self-representation, full of joyful affections that ultimately lead to the quest for new ways of perceiving one’s self.

The poetry competitions help to promote a new model of society, engaged with the fight for equality. As we understand our difficulties (chanted in the poems), we feel compelled to overcome them.

Keywords: Slam, Social Psychology, affect, affection, blackness, whiteness, identity.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Agradecimentos a CAPES..... | 02 |
| Agradecimentos..... | 03 |
| Resumo em Português..... | 06 |
| Resumo em Inglês..... | 07 |
| Índice de Tabelas e Gráficos..... | 11 |
| Lista de Figuras..... | 12 |
| Poema: O Grito Preso..... | 14 |
| Apresentação..... | 15 |
| Poema: Alforria..... | 18 |
| Introdução..... | 19 |
| Poema Vitimismo Localizado..... | 22 |
| Capítulo I Precisamos falar sobre isso..... | 23 |
| 1.2 A raça como constructo ideológico..... | 24 |
| 1.3.Branquitude-Negritude e seus desdobramentos históricos..... | 28 |
| 1.4.Branqueamento como estratégia genocida..... | 36 |
| Poema Papo Reto..... | 39 |
| Cap II As vicissitudes escamoteadoras de uma versão histórica..... | 41 |
| 2.1. No Brasil, as vidas negras importam? | 41 |
| 2.2 Juvenicídio | 44 |

| | |
|---|----|
| 2.3. A luta pela abolição..... | 48 |
| 2.4. Lutas e conquistas pós-abolição | 49 |
| 2.5.Necropolítica..... | 52 |
| 2.6. Pequenos Avanços e a Nova Forma da Resistência..... | 54 |
| Poema: Eu sou a menina que nasceu sem cor..... | 56 |
| 3. O contexto que faz emergir o Hip Hop..... | 57 |
| 3.1. Um pouco de história..... | 57 |
| 3.2 Hip Hop: Falar é existir para o outro | 59 |
| Poema Estado Slâmico | 65 |
| 3.3 Slam: a batalha de poesias | 66 |
| 3.4. Slam no Brasil | 66 |
| 3.5 A periferia é poética | 70 |
| 3.6 A arena e as regras do jogo | 71 |
| 3.7. Slam Interescolar: “Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas!” | 72 |
| 3.8. Circuito de São Paulo a Paris | 73 |
| Poema Auto declaro! | 75 |
| 4.Percalços da Pesquisa: incômodos, conquistas e avanços | 76 |
| 4.1 Objetivo e Método | 77 |
| 4.2. O caminho se faz ao caminhar | 80 |
| 4.3. O Slam da Guilhermina: manos, minas! | 83 |
| 4.4 O slam salva | 85 |
| 4.5. A metamorfose | 87 |

| | |
|---|-----|
| 4.6. A Revolução virá pelo afeto | 89 |
| 4.7.Encontros potentes. | 91 |
| 4.7.1 O bloqueio dos afetos como possibilidade de sobreviver | 92 |
| 4.7.2. A negação da raça como possibilidade de afeto. | 94 |
| 4.7.3.Possibilidades de se inscrever no mundo pelo branqueamento: serventia. | 97 |
| 4.7.4. No Brasil não se nasce negra, torna-se negra. | 98 |
| 4.7.5.Sofrimento ético-político. | 100 |
| 4.7.6. A demarcação de uma nova possibilidade: o trabalho intelectual..... | 101 |
| 4.7.7.Slam Vomitei: precisava sair de algum jeito, escrevi a poesia. | 102 |
| Poema Eu não queria ser feminista. | 107 |
| 5. Considerações Finais: espaço de fala mas também de cura. | 108 |
| Referências Bibliográficas. | 112 |
| Anexo Termo Livre e Esclarecido. | 119 |

Índice de Tabelas e Gráficos

| | |
|---|----|
| 1.Taxa de Homicídios em 100mil habitantes. | 43 |
| 2.Percentual da População Negra no Sistema Carcerário e na População em Geral Infopem . | 45 |
| 3 3. Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por cor ou raça, IBGE..... | 47 |

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Quadrinhos autor desconhecido | 21 |
| Quadrinhos Autor desconhecido | 65 |
| Figura 1 Foto: Slam da Resistência Ponte Jornalismo. | 81 |
| Figura 2 Foto Slam da Guilhermina. Foto Legant | 83 |

*“O futuro não nos traz nada, não nos dá nada;
nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe
tudo, dar-lhe nossa própria vida”.*

Agnes Heller

O meu pai morreu engasgado (com um grito). E nisso, deixou uma lição que eu sempre levo comigo: “Um grito preso te mata, mas um grito gritado tem mantém vivo”. Minhas palavras são estilhaços de uma voz que urge em recuperar o tempo perdido. Minha intolerância não vem de mim e eu me lembro das pessoas me mostrando isso. Ignorando o meu nome e me chamando de filho do catador de lixo. E eu fui um dos muitos que sentiu o desprezo logo cedo sendo ofertado. É fácil julgar quem grita, mas você tem ideia do que eu já ouvi calado? Eu conhecia a maioria dos lugares onde meu pai trabalhou. E, vi de perto algumas situações que ele vivenciou. Os patrões se esforçavam para nos tratar como amigo, embora continuassem me chamando de filho do catador de lixo, tentavam ser gentis comigo e no vício do protagonismo, eram gentis até demais *você recebe a adulação e anos depois a ficha cai*. Nunca foi sobre ignorar o meu nome, era sobre frisar quem era o meu pai “catador de lixo” como se ele não tivesse nome e basta ampliar um pouco a visão e a realidade te consome. Ele era catador sim e era assim que ele me sustentava, ajudando a limpar a cidade que a burguesia turista sujava. E tem que ser muito bom pra transformar em pão cada latinha que os boy jogava. A cada piada lançada meu pai pegava a humilhação e transformava em refeição, sem truque de mágica, com a mão. Sem direito trabalhista, sem garantia de nada meu pai saía todo dia e batalhava, batalhava. E nois rezava, porque o racismo dizia que quando um preto saía a família não sabia se voltava. E eu só fui ter consciência disso esses dias. Meu pai morreu engasgado porque racismo era crime que ele nem conhecia, só sentia. Condicionado por toda uma vida, preto, pobre, catador, morador de periferia cercado de desprezo velado e discurso “bondoso” de protagonistas todos com o mesmo perfil: privilegiados colonizadores heroicos herdeiros dos descobridores do Brasil. E a questão não tem só dois lados, não se reduz a bem e mau. O bagulho é embaçado, é estrutural. Basta olhar pro comercial, vê quem faz o trabalho braçal. E se um preto vira intelectual, eles criam o racismo reverso. E apelam pro mérito individual. Mas o grito do meu pai não é individual, é coletivo; representam todos os gritos silenciados, o grito preso de cada preto que morreu com o racismo entalado. Quando eu grito poesia meu pai se eterniza e o céu se rasga. É como se eu dissesse: “Pai desengasga, desengasga, desengasga essa pela marcada, a suspeita da mira da bala, desengasga essa voz silenciada... Desengasga!”. Mas o tempo não volta atrás. E eu tenho que gritar em dobro porque meu pai não grita mais. E me desculpa, pai. Eu sei que os calos da sua mão doía, mas acho que o calo na sua voz doía mais. E pai, acredita em mim. Eu ainda não fui muito longe, mas também não desisti de todas as armas que me ofereceram a caneta foi a que eu escolhi. E meus gritos escritos me ajudam a aguentar o peso, porque todo dia morre um herói como você engasgado com um grito preso. Dizem por aí que é exagero e que eu vou acabar morrendo por conta das coisas que eu falo, mas eu tenho certeza que se ele tivesse aqui, ele diria: “Filho, eu tô do seu lado” E eu prefiro mil vezes ser respeitado por ele e retalhado por todos do que o contrário. Eu planto um verso por metro quadrado. Não mudo o mundo, mas por onde passo pratico o aprendizado: “Filho, faça o que eu digo e se puder faça melhor do que eu faço” E é por isso que eu grito, entende? Sente? Sente a urgência desse corpo marcado, desses versos gritados em gritos rasgados? Pois é eu sou o filho do catador cujo o nome era José, porém engasgado.

Kleber Fernando

APRESENTAÇÃO

*“Somos homens negros em um mundo branco.
Mas, o que isso quer realmente dizer? Quais são
as implicações dessa sentença?” Michael
Kinakua¹*

Assim como muitos de nós, eu também acredito que um outro mundo é possível. Um novo mundo sedimentado em políticas sociais que promovam desenvolvimento humano e inclusão, partindo de uma perspectiva em que a condição humana seja universalizada. Considero, pois, que estar no mundo é assumir uma condição política.

Desde o início de minha formação, atuo em projetos de desenvolvimento social com o ensejo de enfrentar a vida cotidiana e para além dela. Nessa configuração, toda forma de organização popular, de enfrentamento e resistência que brota descontroladamente, diante da avalanche de injustiças que atravessam a história da humanidade, sempre me encantou.

Na ocasião de minha dissertação de mestrado, estive ao lado de uma comunidade de pescadores artesanais, com a qual pude, por meio de uma pesquisa participante, desenvolver estratégias a fim de provocar resistência ao modelo do desenvolvimento macroeconômico. Com o passar do tempo, repensei a estratégia adotada e questionei-me sobre quais os motivos que me levaram a priorizar os depoimentos dos pescadores homens em detrimento das mulheres, também moradoras da região e esposas dos pescadores. Os depoimentos masculinos foram riquíssimos a despeito da atividade criativa do homem, o trabalho; por sua vez, as mulheres, em nossas conversas, traziam dados valiosos e de perspectiva mais abrangente, que incluía a territorialidade, a família e a perpetuação da cultura tradicional, a vida das crianças etc. Falavam de todas as responsabilidades que são atribuídas à mulher numa sociedade patriarcal. Hoje analiso que teria sido mais enriquecedor levar em conta o discurso das mulheres e dos homens igualmente.

Anos mais tarde, logo após meu ingresso no doutorado, ganhei meu maior presente, minha filha, e em função de privilégios, pude acompanhá-la em seus primeiros anos. Lembrome da primeira vez que fui com ela a um Parque Público de São Paulo numa área nobre de São Paulo e, por diversas vezes pude ver mulheres negras, uniformizadas de branco, cuidando de crianças brancas. Pude entender ali, naquela cena ordinária do cotidiano daquele bairro, como

¹ Título da música: *“Black Man In A White World”* do cantor inglês de origem ugandense *Michael Kinakua*. que retrata que não há nada de errado com ele: ele é apenas um homem negro vivendo em um mundo branco em que não há lugar pro homem preto.

o racismo é internalizado desde muito cedo. Como se constrói, para alguns desde a tenra idade, a naturalização dessa população ocupando espaços como serviçal. Assim, passei a olhar atentamente, guardadas as peculiaridades de classe social, como a mulher negra e grande parte do povo negro que se localiza na periferia continua restrito aos serviços braçais, como na época em que a escravidão era legalizada. Ora então, quanto avançamos como sociedade? O que de fato, fazemos para construir no cotidiano uma sociedade equânime? O que temos feito dentro da academia que, de fato, possa trazer algum benefício à população que, histórica e cientificamente, temos colocado como objeto de pesquisa?

Pensando nos incômodos que essas questões me causam (e também podem nos causar), passei a olhar de forma mais atenta aos movimentos populares e, em especial os de arte, que aumentavam significativamente nas periferias de nossa cidade e, que por sua vez, produzem respostas no tempo presente às construções históricas. Os movimentos artísticos merecem atenção especial na medida em que por meio do desenvolvimento criativo, emocional e artístico é que se constrói um novo homem. (Sawaia, 2010).

Depois do Hip Hop, o movimento que ganhou a cena da periferia foram os slams: gincanas de poesias trazidas dos Estados Unidos para o Brasil. A palavra “slam” tem origem na língua inglesa e significa batida, estrondo². Entretanto, no mundo contemporâneo, acabou tornando-se sinônimo de uma modalidade de sarau. Concebido em Chicago, cidade estadunidense, por volta dos anos 1980, o slam traz à cena poetas, os “slammers”, que declamam poesias de própria autoria e participam de uma gincana. Os jurados são pessoas da plateia que se voluntariam a desempenhar esse papel, atribuem notas às performances e aos conteúdos declamados. De forma inusitada e espontânea, slammers e plateia interagem e constroem a cena do slam.

Esse movimento chegou ao Brasil há cerca de dez anos, por meio de Roberta Estrela D`Alva e, desde então, não deixou de ganhar adeptos. Atualmente estima-se que existam em torno de 100 slams no país. Inspirado e construído em estratégias horizontalizadas, autônomas e criativas, as gincanas produzem diversos afetos a partir da autorrepresentação e demarcação de lugar de fala: falando sem representantes, o próprio povo narra sua história, suas vivências, percalços e superações. Assim, na contramão do ensino nas salas de aulas, a arena do slam tem sido usada para ensinar, formar e debater a história política do país, a fim de que os participantes possam construir seu lugar no mundo a partir de novos referenciais.

² Dicionário Inglês Houaiss.

O slam é uma modalidade do *spoken word* (palavra falada), um show de performances e talentos que tem aberto a possibilidade de promover cultura e arte produzida na periferia para a periferia, sem subsídio do poder institucional. Com a celebração do público presente, que se reconhece nos conteúdos declamados, percebe-se a produção de um “comum”, compreendido, com base em Espinosa, como fruto do encontro entre as pessoas e as diversas e recíprocas formas de afetação, resultando no aumento da potência de vida dos indivíduos em particular, e, igualmente, do grupo.

Tendo esse objeto como ponto de partida, envolvi-me no campo a fim de investigar a vivência psicológica produzida na cena do slam. Nessa pesquisa, e agora com as lições aprendidas do Mestrado, embora tenha ouvido diversos poetas, aprofundei a pesquisa a partir da narrativa das poetisas.

Assim sendo, apresento, a seguir, a introdução do presente trabalho, descrevendo as partes que o compõem.

Alforria

Decidi escrever minha carta de alforria, Eu mesma
 Com papel, caneta e poesia. A tal da quebra de correntes
 Na verdade, decidi quebrar tudo aquilo que me fazia ranger os dentes
 Do medo ao desespero. Aniquilar tudo o que eu carregava por dentro
 Eu que sempre fui café com leite Cansei de brincadeira
 Agora é sangue nos zói, Tiro, porrada e bomba
 Ou até um chocolate com pimenta
 É que nessas de tirar doce da boca de criança
 Tentaram tirar meu sorriso. Falharam!
 Não sabiam que em matéria de sobrevivência
 Eu sempre fui menina pródio!
 E é estranho pra quem sempre achou que devia ser o mínimo
 Fala mais baixo Fica quietinha
 Vê se assim você passa despercebida....
 Eu já percebi que não nasci pra caber em lugares pequenos
 Tô fora da caixa, fora da casinha
 Fora dos quadrados onde cabem seus pensamentos
 Sou da rua, mas as vezes tenho pavor de pisar nela
 O problema não é as calçadas E sim quem anda nelas
 Meus demônios tentam me trancar em casa
 Mas se for preciso, pulo até a janela Sigo a luz da lua
 E sentir o sol sobre a pele é tanto dádiva quanto poesia
 Tinha dias em que eu nem me mexia
 Em outros, quero sair correndo
 Hoje, ser correria é o ponto mais alto do meu reestruturamento
 Até cá na dúvida, mas tô aqui pelo escurecimento
 Pensar de novo Trilhar novos caminhos
 Pra isso, é preciso ser forte É isso que pesa
 O choro preso na garganta disfarçado de riso
 Quando eu precisava ser drama mas tive que ser comédia
 E é mó comédia Esconder os sentimentos e depois
 perguntar por quê que tá mal das idéia É que eu nem fazia idéia
 Que podia mudar as palavras Driblar as tragédias
 E que o mundo é inteirinho meu, dos nossos
 E que minhas feridas serão curadas pelo amor, jamais pelo ódio

Thalita de Freitas

INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado da pesquisa de campo em diversas batalhas de poesia, ou slams, ocorridas na cidade de São Paulo. O estudo buscou por meio da metodologia da pesquisa participante investigar sobre a vivência psicológica produzida a partir da participação nos cenários das batalhas.

Nossa intenção ao entrar nesse cenário, descortinando-o à luz da Psicologia Social Sócio Histórica, é contribuir para com o registro, ainda pouco explorado, da história vivida pela periferia poética. Nesse contexto, trazemos elementos objetivos que auxiliam a reflexão sobre a configuração de nossa sociedade, problematizando os papéis ocupados pelas pessoas negras e não negras em nosso país e o que isso significa. Além disso, também tivemos como objetivo revelar o caráter revolucionário da arte defendido por Vigostki (1999), que parte do psiquismo como histórico e social, concebendo a arte como ação humana intencional, que recria a realidade material e o próprio sujeito, na medida em que possibilita o desenvolvimento de diferentes funções psicológicas, ensejando uma nova configuração psíquica. Com efeito, para o autor, a arte é capaz de promover, elaborar, superar e solucionar a transformação de sentimentos, tendo uma função de técnica social de sentimento:

“...a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida” (VIGOTSKI, 1999, p. 329).

O texto está organizado de modo a demonstrar ao leitor a trajetória vivida na pesquisa, agregando-se reflexões de psicóloga e pesquisadora. A partir dos questionamentos que surgiram com o contato com o campo e suas provocações, iniciamos o primeiro capítulo com o título: “Precisamos falar disso”. Nessa parte introdutória, apresentamos uma breve discussão sobre a dialética da Branquitude-Negritude, trazendo teóricos incontornáveis, como Fanon, Davis, Hooks, Abdias Nascimento, para refletirmos sobre esse movimento e seus desdobramentos.

O segundo capítulo traz um panorama sobre as vicissitudes da “necropolítica”, conforme a acepção de Achilles Mbembe. Igualmente por meio da apresentação de dados objetivos, apresentamos o cenário do mundo contemporâneo em profunda relação com o processo histórico que foi escamoteado da versão hegemônica da história. Assim, nosso esforço foi o de contribuir com a reflexão para a desconstrução de um modelo de sociedade excludente com práticas racistas, segregadoras e genocidas.

O terceiro capítulo traz um recorte histórico do movimento que antecede o slam, o Hip Hop, destacando o contexto histórico que gesta e concebe o movimento. Em seguida, apresentamos o Slam e, em destaque, o Slam da Guilhermina, o primeiro slam de rua do Brasil, fundado pelo slammer, educador popular, ator e MC (“Mestre de Cerimônia”) Emerson Alcade que introduz o conteúdo político à cena, na medida em que inaugura a rua como território a ser ocupado e celebrado pelo slam.

Foi no cenário do Slam da Guilhermina que foi realizada a maior parte do campo e, também, onde conheci a maioria das (os) poetas que se dispuseram a conversar comigo para a realização desse estudo, em que pude viver o caráter revolucionário da arte e dos afetos.

No último capítulo, apresento minha trajetória como pesquisadora, revelando ao leitor como foram os primeiros contatos com o campo, expressando as questões que me assombraram durante a pesquisa. Coloco em pauta parte do que foi viver a experiência de ser uma pesquisadora branca de classe média, estudando em uma universidade católica, disposta a ouvir as poesias e refletir sobre seus conteúdos a partir de meu lugar de fala. A metodologia eleita para a realização desse estudo foi a da pesquisa-participante realizada em contato direto e prolongado com o campo, que permite à pesquisadora sua inserção no contexto cultural do objeto da pesquisa. Como procedimento para coleta de dados, escolhemos o diário de campo, as conversas informais e, por fim as entrevistas formais.

Na última parte do texto apresento as considerações finais destacando as valiosas transformações produzidas pelas slammers a partir da construção de novos referenciais para identidade da pessoa negra e não negra, destacando o caráter revolucionário da arte e sua importância na produção de um novo homem.



Vitimismo Localizado

O que mais dóis na caminhada é ter que ser obrigada a escutar de gentinha do nada: “Ai, a escravidão já passou e nenhum legado deixou, é tudo vitimismo, essa coisa de racismo nem existe mais. Vitimismo? Claro! Amamos não passar em uma entrevista de emprego pelo simples fato de ser preto. Vitimismo? Claro! Amamos ter nosso cabelo chamado de ruim sem ele ter te feito nada. Vitimismo? Claro! Amamos ser a maioria da população carcerária. Vitimismo? Claro! Amamos quando a burguesia nos confronta dizendo que ali não é nosso lugar, que cotas são privilégios, que pretos favelados não deveriam estar em seu colégio. Vitimismo? Claro! Amamos que a USP só tenha 7% de negros mesmo sendo uma faculdade pública, amamos a desigualdade de classes lá dentro... Afinal, é tudo uma brincadeira né? Pra quê ligar pro preto favelado em escola de burguês? Tirar seus privilégios seria uma injustiça, né? Injustiça...Sabe o que realmente é uma injustiça? É o extermínio dos meus pela PM, os padrões de beleza que nos sufocam, as piadinhas que escondem o racismo de todo negro ser ladrão e minhas manas negras ainda sofrerem com a solidão, de todo negro em cargo grande incomodar a casa grande. É, tá fácil não negão... Mas aí, não pensem que vamos desistir. Pode se preparar que a revolução vem por aí, vai ter negro em cargo grande sim! Vai negar a minha identidade? Então segura porque nossa representatividade só vai crescer. E nem venha tentar me embranquecer porque erguerei o dedo do meio jogarei o meu cabelo ainda mais pra cima, afinal, não nasci essa negra maravilhosa, pra você me chamar de exótica e, só me procurar em situação erótica, né? Sei que ficará todo ofendido Por ter seus privilégios atingidos. Mas tudo só está no início pois pode esperar, Que o sentido dá frase: "Tinha que ser preto" Vai mudar!!!

Tawane Theodoro

CAPÍTULO 1. PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO

“É mais difícil falar de privilégios do que falar de racismo” (Kleber, slammer)

Pesquisar o slam exigiu-me a investigação sem restrições sobre a estrutura racista que mantemos em nossa sociedade, uma realidade que precisa ser descortinada, debatida, enfim, enfrentada. No Brasil, em decorrência do alto índice de miscigenação, vivemos o mito da democracia racial, como se a mistura de “raças” pudesse combater o racismo. Desse modo, não problematizamos a história nem tampouco a construção da identidade do povo branco, não falamos sobre os lugares ocupados pelos brancos e o que eles lhes conferem, tampouco discutimos os processos históricos que refletem as oportunidades dos povos.

Confesso que mergulhar nesse tema me deixou sem rumo por alguns meses. E essa sensação de estar à deriva me fez pensar como é estar do outro lado. Como é estar por diversas gerações ocupando um lugar atravessado pelo despreço e pela suposta inferioridade. Como seria, por exemplo, para mim, que sou branca, não ter referências positivas para a constituição de minha identidade? Não poder me constituir com a imagem que tenho, porque, além de ela ser negada, a ela é atribuída uma série de características depreciativas e estigmatizantes: que é ruim, feia, indesejável - o que geralmente significa ocupar um lugar de desprestígio no mundo social. Como seria para os brancos, a escolha da profissão vinculada à condição étnico-racial que, no caso da grande maioria dos descendentes de pessoas escravizadas, refere-se a lugares de trabalho secularmente servis (Souza, 2019, p.156). Como seria minha vida, por exemplo, se a polícia me abordasse sempre e, também, me ameaçasse a cada quadro voltando para casa depois de um dia de trabalho? Como seria ser acompanhada no supermercado quando vou fazer minhas compras cotidianas? Como seria estar num território onde não há lugar para mim? Ou, ainda, ocupar um território demarcado pela impossibilidade, interditado? Como seria, para os, brancos, levar os filhos ao parque e ver que as outras mães não permitirem que suas crianças brinquem juntas apenas por ela ser de outra cor? A mim, que sou branca, só me resta o exercício da imaginação, da empatia, da (com)paixão, bem como a problematização e o estudo da branquitude.

Assim, a partir dessas primeiras inquietações, acessamos a literatura para investigar como se deu a construção das raças no contexto científico e a que (ou a quem) serve. Desse modo, essa primeira parte do texto tem como objetivo apresentar dados históricos da construção da raça como poder e seus desdobramentos, que se referem, especialmente, à demarcação dos lugares ocupados pelo povo negro e não negro.

1.2.A raça como constructo ideológico.

Para Mbembe (2016), a construção da raça possibilitou a hierarquização das etnias a fim de viabilizar o comércio de escravos, garantindo seu principal objetivo: o lucro. No Brasil, o início do tráfico de escravizados se localiza por volta do século XVI, nos primórdios do período colonial. Para que fosse viável, foi necessária a construção da pessoa negra em uma condição pré-humana, aprisionando-a em condições precárias de sobrevivência que lhe furtariam a dignidade como pessoa. Com efeito, a categoria raça é um constructo ideológico que visa verticalizar as relações étnico-raciais: de um lado, a pessoa negra, vivendo um rebaixamento social sob o estatuto de animal e, de outro, a pessoa branca, em situações de superioridade. Assim, ainda hoje no século XXI, a estrutura societária insiste em manter a pessoa negra como, de acordo com o autor supracitado “um corpo resignado às demandas de seu branco, fadado ao sofrimento e à clausura (Mbembe, 2016, p78), como veremos.

Na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, que fundamenta nossa pesquisa, consideramos o homem como sujeito ativo, construtor e construído pelo mundo circundante; assim sendo, as verdades produzidas atravessam a história subjetiva e objetiva da humanidade demarcando territórios e corpos. Nesse sentido, como afirma Furtado (1998), somos constituídos a partir de um movimento dialético entre o objetivo e o subjetivo, compondo também uma dimensão social que é subjetiva e que tem sua base no mundo concreto: trata-se da dimensão subjetiva da realidade - crenças, valores, ideologias e afetos que mascaram a realidade no sentido de transmutá-la segundo o interesse específico de uma classe social. Assim, ainda em consonância com Furtado, a dimensão subjetiva da realidade formada no período do Brasil- colônia, impregnada de valores eurocêntricos, atribui ao povo preto uma imagem de desprestígio social, tornando-o vulnerável a situações de humilhação social, que se prolongam, ora de forma escancarada, ora de forma “velada”, até a contemporaneidade. Nessa composição, apreende-se a pessoa negra como supostamente inferior, por meio de situações objetivas do movimento histórico e social, como a dificuldade de acesso à moradia, à educação, à saúde, a empregos com melhores remunerações etc., ao passo que a pessoa branca é reafirmada em lugares de poder diante dos demais grupos, sendo colocada como uma referência, um ideal que deve ser alcançado.

A construção de nosso país após invasão europeia se deu por meio de devastação e guerras; a população originária de nosso território foi dizimada, por meio da conquista territorial e, especialmente, também por meio do contágio de doenças infecciosas e graves

como apontam os estudos de Darcy Ribeiro (1996) em que se destaca o papel dessas epidemias como fator que contribuiu para a diminuição dessa população. Foi a mão de obra impiedosamente escravizada que construiu o país para benefício exclusivo de uma aristocracia branca e europeia (NASCIMENTO, 2016, p.59). Com efeito, os valores eurocêntricos, tidos como hegemônicos desde esse período, asseguraram, inclusive, o estatuto, “cientificamente” comprovado, de desumano ao povo preto (BUONICORE, 2005). Como resultado, legitimou-se a destruição de sua memória, sua cultura, sua organização, seus valores, crenças etc., contribuindo assertivamente para a construção de um lugar histórico cimentado em injustiças sociais naturalizadas. Diante de tal quadro, a narrativa do povo negro passou a ser escrita pelo branco, que lhe roubou a história, a família, o trabalho, as produções intelectuais e, da mesma forma, a alforria, quando comprada no período escravagista (SOUZA, 2019). De fato, reduzir o povo negro a mera força de trabalho, a mercadoria, foi a estratégia eleita para eliminá-lo como sujeito autônomo e autor de sua própria história, aprisionando-o, em muitos casos, na servidão, na acepção de Espinosa, que gera a potência de padecer, passando a ter como norte a heteronomia. A narrativa hegemônica vincula a imagem do povo negro àquela de alguém inferior e perigoso, alguém que ameaça, um animal, que deve ser confinado e dominado e, atualmente, morto.

Considerando a perspectiva de Espinosa, entendemos o homem em relação permanente com o mundo, sendo por ele afetado, do mesmo modo que o afeta. Sendo assim, experimenta-se o mundo pelas afecções do nosso corpo e pelas ideias dessas afecções. Dessa maneira, tudo o que está na mente foi antes uma afecção do corpo, e quando o corpo sofre alguma afecção de outro corpo, isso implica a variação da potência de agir, na direção da expansão ou da retração. Com isso, nossos corpos podem ser limitados por outros corpos, assim como a ideia de seu corpo também pode ser limitada por outra ideia. Diante dessa premissa, considera-se que é a partir dos encontros que o homem se constitui, refreando ou expandindo sua potência de agir. Espinosa chama de alegria essas últimas afetações e de tristeza quando os encontros promovem a sua diminuição, gerando a potência de padecer. Para o autor, a variação da potência está vinculada à capacidade de ser e existir, de realizar-se, ou de retrair-se. Observa-se, portanto, que o exercício da resistência negra também perseverou, mesmo que de forma clandestina, potencializando-se em busca de outra história.

Dessa maneira, asseguramos que a história do povo negro é também permeada pela resistência e enfrentamento. Mbembe (2016) ressalta que, muito embora o povo escravizado tenha tido sua humanidade “suspensa”, eles não perderam, por conta dos desmandos do

senhor e das condições de vida impostas, a capacidade de simbolizar e o desejo de perseverar na existência, mas continuaram a construir seu mundo particular, produziram idiomas, religiões e danças, participaram dos movimentos políticos nas cidades, organizaram diversas rebeliões e revoltas a fim de romperem com um modelo de sociedade escravocrata, seja pelo desejo de liberdade ou mesmo de vingança. Em casos extremos, romperam em absoluto o vínculo da servidão ao tirarem a própria vida, destituindo o senhor escravagista de seu poder (MOURA,1959).

Na perspectiva de nossa fundamentação teórica, o psiquismo humano tem base material e histórica, assim como as estruturas de nossa sociedade resultam de processos históricos construídos pelos homens em sociedade com viés ideológico, seguindo-se a hierarquia das classes. Com efeito, é a classe dominante quem narra a versão hegemônica da história, sendo que o racismo pode ser observado nas esferas institucionais, culturais e de trabalho: por isso o concebemos como estrutural. Aliado a isso, a agressão direcionada ao povo preto e periférico, descendente das pessoas que foram escravizadas, tem sido naturalizada ao longo dos séculos sendo, inclusive, celebrada por parte de nossa sociedade como explica Jessé Souza (2019) como forma de higienizá-la:

O que permanece do escravismo é a sub-humanidade cevada e reproduzida a crença de que existe gente criada para servir outra gente e que, se existir um governo para redimi-la, deve ser derrubado sob qualquer pretexto de ocasião. É necessário reproduzir uma classe de carentes pela ausência de pressupostos para o sucesso escolar como forma de continuar a escravidão por outros meios (SOUZA, 2019, p.112)

Lembro-me da época das Olimpíadas no Rio de Janeiro, quando vários homens pretos gravaram vídeos com dicas de alerta para a população da favela poder circular e evitar transtornos com os policiais. Um dos vídeos trazia, por exemplo, o alerta aos moradores da favela que eventualmente saíssem de casa portando celular, o aviso era claro: “*não deixem de andar com a nota fiscal no bolso para comprovarem a compra*”. Na ocasião, questionei-me onde eu havia deixado a nota fiscal do meu aparelho recém-comprado. Vejam, são essas as miudezas contidas nas experiências ordinárias do cotidiano que propagam o racismo, aprisionando a imagem do povo preto à marginalização. No cenário construído, ser negro é sinônimo de ser sentenciado.

A psicóloga Lia Schucman (2012) traz importantes dados em sua pesquisa de doutorado também acerca das diferenças objetivas na vida da população negra em relação às

condições experimentadas pela população branca. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a região que concentra o maior número de brancos está localizada em uma área atrelada ao progresso e ao sucesso financeiro, cujo IDH representa a 44ª posição de melhor lugar do mundo para residir; por outro lado, a população negra residente da mesma cidade, em sua maioria, está localizada nas áreas periféricas, ocupando a 104ª posição entre os melhores no mundo para viver. As condições objetivas da vida social prosseguem, de fato, reproduzindo um cenário de exclusão para a população preta e miscigenada.

Sawaia (2006) defende que a exclusão se dá a partir de três esferas: a esfera objetiva, a partir das condições materiais da existência - as condições objetivas da vida e da ética, vinculada às injustiças sociais; a esfera subjetiva, em que o sujeito vive a experiência do sofrimento ético-político – sofrimento, esse, relacionado às relações sociais, nas quais o sujeito-corpo experimenta um rebaixamento de sua potência de vida ao se deparar com situações de servidão, passividade ou heteronomia. No contexto da sociedade capitalista, somos todos incluídos de alguma forma, mesmo que perversamente, na produção.

A sociedade exclui para incluir e essa transmutação é a condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações que se desdobram para fora do econômico. (SAWAIA, 2006, p.8).

A forma como a sociedade se organiza promove o sofrimento de uma parcela da população sem que isso mobilize recursos para seu enfrentamento, pelo contrário: o sofrimento é tido como uma das engrenagens do sistema, é desse modo que ele funciona e assim permanecerá o sistema de produção capitalista, que prevê o acúmulo do capital a partir da exploração do homem pelo homem.

Após um período como que interminável de quase 400 anos de escravidão no Brasil e de apenas 130 entre a assinatura da “Abolição” em 1888 até os dias de hoje, os negros ainda não ocupam, ao lado dos brancos, lugares de poder e decisão: mantemos a estrutura escravagista da sociedade que coloca o povo negro em situações desfavoráveis, por meio de sua inclusão perversa no sistema ou diretamente pela sua exclusão. Na pesquisa realizada por Mattos (2007) com a população em situação de rua, constatou-se que, na cidade de São Paulo, são os afrodescendentes de hoje que habitam as favelas, os vãos de viadutos, que carregam as carroças pelas cidades, que estão nas longas filas de emprego, nos corredores precários dos hospitais públicos e nos presídios, resultado de um movimento histórico e cultural que

continua desqualificando e excluindo sistematicamente essa população, em benefício daqueles que não são negros. Os estudos de Souza (2019) apontam a construção de uma raça brasileira composta por descendentes das pessoas escravizadas e unidas a uma minoria mestiça pobre, também com histórico de abandono, que vive hoje “uma vida indigna, uma classe reduzida ao próprio corpo”, pois, seu trabalho, sua capacidade criativa está limitada ao próprio corpo, à energia muscular, o acesso ao trabalho intelectual está interdito na medida em que para a imensa maioria dessa classe o caminho ao acesso escolar é fechado. Os postos de trabalho são sempre de serviços braçais, a empregada doméstica, o servente de pedreiro etc. Diante de tal quadro, evidencia-se o fenômeno da dialética branquitude-negritude por meio do qual é possível analisar a relação direta que há entre os lugares ocupados pelos brancos e pelos negros. Dessa maneira, se os negros estão em situação de desvantagem permanente em relação aos brancos é porque esses estão sempre em situação de vantagem em relação aos negros. Assim, desde o período colonial temos fabricado um conjunto de ilusões e crueldades cujo prejuízo concreto e simbólico é exclusivo do povo negro.

1.3. Branquitude-Negritude e seus desdobramentos históricos.

O debate a respeito da negritude surge no final do século XIX, sobretudo a partir do Movimento Pan-africano originário dos EUA e das Ilhas Britânicas. Entretanto, é a partir da década de 1930 que se transforma em um movimento intelectual e político, cujo objetivo estava em alcançar o branqueamento por meio da absorção da cultura hegemônica do mundo ocidental, uma vez que não é possível transformar os traços fenotípicos, tampouco o é mudar o tom de pele. O conceito de negritude é introduzido na literatura, especialmente, com a obra de Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra, filósofo e ensaísta nascido na Martinica (MUNANGA, 2017).

Na obra *Peles negras máscaras brancas*, Fanon (1980) apresenta discussões essenciais a respeito da relação entre colonizado e colonizador e de como esses personagens se constroem a partir de uma relação dialética e, portanto de interdependência. Na perspectiva defendida pelo autor, o complexo de inferior vivido pelo colonizado é apresentado de forma entrelaçada ao complexo de superioridade vivido pelo colonizador. Como consequência, só existe um lado opressor porque existe o outro, o oprimido. Nessa composição, Fanon entende que o negro tende a rejeitar sua autoimagem, fazendo um “acordo com o branqueamento”, o que o autor chamou de “máscaras brancas”, que se caracteriza como um esforço de escapar de

seus traços fenotípicos e, com isso, obter mais acessos dentro de uma sociedade estruturada no racismo. A defesa do autor está em acabar com a ideia de raça que aprisionaria tanto o negro como o branco.

Anos mais tarde, um dos poetas surrealistas mais conhecidos no mundo, Aimé Césaire (1913-2008), também nascido na Martinica e conhecido como “o poeta da negritude”, escreve sobre a consciência de ser negro, que trata da aceitação da condição negra, reverenciando sua história, sua cultura, em direção à construção de uma identidade positivamente afirmada. Segundo Flores (2014), o poema “Diário de um retorno ao país natal” (“*Cahier d’un retour au pays natal*”), dentre suas diversas interpretações, já foi considerado o poema fundador da identidade cultural martinicana. Nesse poema em que desenvolve uma narrativa sobre o mergulho interior à procura de sua essência, o poeta faz uma busca do inconsciente e um esforço de eliminar as camadas sociais impostas. Ao retirar essas camadas, encontra aquilo que ele chama de “*Negre essentiel*” (“Negro essencial”), a África e seus valores presentes e sobreviventes no homem negro contemporâneo:

...Porque não é verdade que a obra do homem está acabada que não temos nada a fazer no mundo que parasitamos. O mundo que basta que marquemos o nosso passo pelo passo do mundo, ao contrário, a obra do homem apenas começou e falta ao homem conquistar toda interdição imobilizada nos recantos do seu fervor e nenhuma raça possui o monopólio da beleza, da inteligência, da força e há lugar para todos no encontro marcado da conquista e sabemos agora que o sol gira em torno da terra iluminando a parcela fixada por nossa única vontade e que toda estrela cai do céu na terra pelo nosso comando sem limite³. (Aimé Césaire, 2012).

Os estudos sobre a branquitude, por sua vez, são mais recentes e, muito embora exista uma demarcação de sua origem nos Estados Unidos, abordado a partir das ciências humanas, no Brasil, foi o sociólogo Alberto Guerreiro (1957) o pioneiro em analisar a temática tecendo uma relação entre o racismo brasileiro e o ideal de branqueamento para o branco brasileiro. Em sua análise, defende que o ideal de beleza, construído a partir da estética do branco, enaltece essa população, ao mesmo tempo que produz efeitos negativos à imagem e à cultura do negro. Abdias Nascimento, com a publicação de *O genocídio negro*, publicado em 1977, denuncia como vivem os negros no Brasil, colocando por baixo o mito da democracia racial na medida em que revela a situação de linchamento social a que são submetidos.

³ *Diário de um Retorno ao país natal*. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 81.

Na Psicologia, o grande marco se estabelece com os estudos e publicações da psicóloga Maria Aparecida Bento. Em sua pesquisa de doutorado intitulada Pactos narcísicos no racismo: branquitude e o poder nas organizações empresariais e no poder público (2002), assegura que a branquitude brasileira está fundamentada nas ideias sobre branqueamento, fazendo que os brancos atuem no mundo a partir de pactos narcísicos revelados por meio de sua omissão nas situações de desigualdade social. O objetivo de agir dessa forma está, segundo a autora, em garantir seu lugar de referencial da humanidade, interditando a entrada de pessoas negras em espaços de poder e decisão, exercitando, desse modo, sua exclusão em todas as esferas da vida social: econômica, moral, afetiva e política. Aliado ao desejo de se manter nesse lugar, está também o medo de reconhecer em si aquilo com que não conseguiria lidar e, assim, projeta no negro as características que não suportaria reconhecer em si próprio. Desse modo, nessa leitura o negro seria a sombra do branco, seria mais do branco do que dele próprio negro.

Nessa nova perspectiva teórica da branquitude, o branco passa a ser colocado como objeto de estudo, a fim de que se possa investigar como se dão as relações de discriminação racial a partir da perspectiva da constituição histórica do branco - quais os lugares ocupados e quais os acessos materiais e simbólicos que se acumulam ao longo dos anos para essa população. Como resultado, ao se ampliar o fenômeno, é possível o aprofundamento nas investigações a respeito da relação que constrói o racismo estrutural da nossa sociedade (Schucman, 2012).

Com efeito, o negro e o branco foram ambos construídos com base em idealizações e fantasias demarcando espaços e territórios, com o objetivo de maximizar o lucro a qualquer preço. Além disso, demarcam-se de forma fidedigna os acontecimentos históricos, vinculando, dessa maneira, a história da escravidão à história do povo branco e não exclusivamente à dos negros, afinal, foram os brancos que construíram *a priori* essa realidade, submetendo o povo negro a uma condição servil.

Na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica - PSH, a sociedade é construída por meio do movimento social e histórico dos homens; assim, a cor da pele, a raça e a etnia são categorias construídas e demarcadas historicamente a serviço de uma elite dominante e escravocrata. Ao longo da trajetória das sociedades ocidentais, produz-se um lugar ao povo branco: a partir da ideia de raça, o branco aparece sempre como referencial da humanidade, um padrão a partir do qual tudo é medido, comparado e produzido. Assim, trata-se da

manutenção de um espaço que acumula privilégios materiais e imateriais. Para Frankenberg (2004), a vida de quem é branco é construída a partir de um lugar confortável, de uma posição de poder que, inclusive, permite atribuir ao outro, negro, elementos que não se atribui a si próprio.

Nesse sentido, a branquitude envolve um conjunto de privilégios materiais e simbólicos que organiza uma forma de ser e estar no mundo, promovendo a manutenção de injustiças sociais que favorecem exclusivamente o branco. Os estudos de Cardoso (2008) problematizam a forma como abordamos a história da escravidão, partindo, de um lado da imagem do atraso e da sociedade escravista “colada” na imagem do povo negro e, de outro lado, o símbolo do progresso e desenvolvimento vinculado à imagem da pessoa branca. Nessa perspectiva, a escravidão é apreendida como um fato histórico que diz respeito, exclusivamente, ao povo escravizado, sendo escamoteada da história a figura do branco colonizador. Desse modo, a suposta inferiorização do povo negro é localizada nele mesmo, colocando-o como responsável por sua condição de inferior, desconsiderando-se por completo o movimento histórico e social - aspectos respaldados nos valores hegemônicos e responsáveis pela produção dessa sociedade escravocrata. A história apreendida por esse prisma apaga de seus capítulos a imagem do branco como alçoz e colonizador, passando a ser “invisível” na medida em que seu papel na sociedade se metamorfoseia com a chegada dos imigrantes brancos, principalmente italianos e alemães, que ingressam no mercado de trabalho em detrimento da população negra e tornando-se os representantes do progresso. É nesse contexto histórico de transição que o branco começa a ganhar um caráter da “invisibilidade” na medida em que se apresenta como “normal”, aquele que segue construindo a vida, que possibilita o progresso à sociedade; apenas o oprimido, o “errado”, aparece em destaque na história para que possa ser corrigido. O efeito disso é devastador, pois, uma vez que a escravidão é atribuída exclusivamente à história dos negros, estes são confinados a uma condição indigna que perdura até os dias atuais, já que são eles, os descendentes diretos das pessoas escravizadas, que habitam os cortiços, as favelas e as ruas da cidade, as cadeias e, por fim, os caixões, vivendo em um território de impossibilidades e de interdição.

Desse modo, estamos de acordo com Mbembe (2016) quando defende que a estrutura de nossas sociedades ocidentais se fundamenta em valores eurocêtricos, que definem padrões culturais a partir dos costumes dos grupos dominantes, estabelecendo uma forma de ser e estar no mundo, que descarta o “diferente”. Assim, a degradação a que foi submetido, aliada ao aprisionamento a uma condição servil, deixou o negro submerso em um terrível

sofrimento. A humanidade comum a todos os seres humanos foi e, em muitos casos, ainda é, negada ao negro, colocando-o como um homem à parte, membro de um povo sem história para além da escravidão, sem registro, sem memória. “Reduzido à um animal, vivencia uma separação de si mesmo que o teria relegado a uma identidade alienada” (Mbembe, 2016. p. 68.)

Os estudos acerca dessa temática trazem à tona a construção dos lugares atribuídos, ao longo da história, tanto para o branco como para o negro e, no âmbito da psicologia, ponderam sobre como esses lugares afetam a construção das subjetividades. Bell Hooks (2006) assegura que, em uma sociedade estruturada no racismo, a vida dos negros é permeada por um sentimento de inferioridade, e considera que os sistemas de dominação são ainda mais eficazes quando conseguem alterar a capacidade de sentir, de querer e de amar da população oprimida. Para a autora, a população negra é ferida, ferida no lugar onde poderia conhecer o amor. A autora sustenta que há uma dificuldade para essa população em amar e construir vínculos, que decorre do registro de anos de violência e negligência vivenciadas. Para Hooks, essa população precisou reprimir suas emoções para conseguir sobreviver. Apenas em espaços secretos e reservados para a resistência é que podiam liberar suas emoções reprimidas.

No mesmo sentido, Fanon (2008) defende que a destruição da cultura de um povo, como produzida no período da colonização, torna-o vulnerável ao sentimento de inferioridade social imposto pelo colonizador, mantido por meio do fenômeno dialético branquitude-negritude. Na pesquisa feita por Camila Moreira de Jesus (2017), no Recôncavo baiano, constatou-se que: “há uma sensação de se perceber inferior que produz baixa autoestima que atinge o povo preto de forma individual e coletiva alcançando sua capacidade de reagir e tomar decisões, medo persistente do fracasso adocimento”⁴. Assim, a construção na dimensão subjetiva da realidade - o lugar de inferior - é arquitetada de forma tão perversa que promove no próprio povo negro, de acordo com a pesquisa supracitada, dúvidas e inseguranças sobre sua condição humana, seus traços físicos e sua capacidade de agir. A pessoa negra é, sobretudo, negra, antes de ser considerada uma pessoa, ela é negra. Diferente do branco, o branco antes de tudo é uma pessoa branca. Isso significa dizer que, diante de

⁴ Informações colhidas na pesquisa realizada em 2013, dentro de uma escola da rede pública, em uma cidade do Recôncavo da Bahia que tinha como objetivo geral compreender como o privilégio da brancura poderia se manifestar entre adolescentes majoritariamente negros. Texto: A Persistência do Privilégio da Brancura: Notas sobre os desafios na Construção da Luta Antirracista.

qualquer fenômeno que a pessoa negra viver, ela será observada primeiramente como negra, o que muda todo o cenário, pois traz todo o peso do movimento histórico e social que compõe a trama da nossa sociedade, marcada pela sobreposição de preconceitos e estigmas. Nessa composição histórica, as pessoas brancas gozam de privilégios materiais e imateriais nas experiências cotidianas

A Psicologia Sócio-Histórica concebe a subjetividade a partir de um movimento dialético com as condições de vida concreta; assim, tudo o que agora é interno já foi externo. Desse modo, não apenas absorvemos o mundo social como somos compostos por ele e o reproduzimos por meio de suas regras, valores e crenças, ou seja, pela dimensão subjetiva da realidade. Contudo, entende-se que o movimento histórico não produz determinações que não possam ser desconstruídas. Como vimos, o tratamento recebido pelo povo escravizado não foi capaz de arrancar-lhes por completo a humanidade, a capacidade de simbolizar, a linguagem, e a possibilidade de criar e manusear ferramentas a fim de preservar sua humanidade, expressa, sobretudo, nas senzalas, de forma clandestina, escondida dos brancos. Era lá, na senzala, no seio da vida doméstica, que o povo negro perseverava em sua existência, por meio do resgate de sua cultura, seus valores, reconstruindo na diversidade e, com muita resistência, sua dignidade como pessoa humana (Cavalleiro, 2001).

Sendo os detalhes da vida doméstica frequentemente omitidos ou descartados pela história, dificulta-se o processo do resgate histórico do fenômeno do racismo, apreendido aqui como resultado da dialética branquitude-negritude. Como consequência, atribui-se apenas ao negro a responsabilidade pelas mazelas do período da escravidão. Aliado a isso, a constituição de identidade da pessoa negra tende a ser cristalizada como escravo, o que ressalta apenas sua condição servil e seu rebaixamento, obstruindo, desse modo, o processo em busca de sua emancipação como sujeito autônomo, construtor de sua realidade, de sua condição histórica.

Abordamos a identidade a partir do conceito defendido por Ciampa, que a concebe como metamorfose, ou seja, a identidade é um processo, um movimento incessante que se transforma ao longo do tempo, tendo como pano de fundo o movimento sócio-histórico, que constituiu o ser humano concreto em sua esfera singular e coletiva. Desse modo, a identidade só pode ser pensada a partir da trama social que constitui a realidade sócio-histórica, que a envolve e na busca de condições emancipatórias. Com efeito, o homem é concebido por sua capacidade de superar as circunstâncias da vida (Ciampa, 2006). Sendo assim, temos o homem como produto e produtor de seu contexto histórico e social, agente de transformação e

mudanças. Mas esse movimento da identidade tende a ser cristalizado pelas relações de poder, como aconteceu com a branquitude e negritude, dois polos cristalizantes da identidade atribuída, ao longo dos tempos, ao povo negro e ao branco. Assim, a metamorfose da identidade do povo negro tende a ser dificultada em função das regras e padrões estabelecidos pelo viés da branquitude. Franklin (2009) defende que a trajetória da construção da identidade negra é composta por diversas contradições e opressões sofridas internamente pelo indivíduo que, em alguns casos, tende a negar sua cor e suas características fenotípicas em função das experiências de racismo às quais está sujeito. Em sua pesquisa, aponta que o povo negro tende a viver muitos conflitos em relação a sua identidade, na medida em que ela é negada pelo movimento histórico e social que os constitui, uma vez que as determinações históricas, que compõem os traços identitários que possibilitariam a identificação como parte de um grupo, são mantidas de forma alienada, em função de um ideal de branquitude que jamais será alcançado.

Nas conversas com as e os slammers (nome atribuídos para todos os que declamam no slam, homens, mulheres e trans,), foi comum ouvir a experiência de terem vivido a negação de sua identidade negra em todos os relatos; não à toa, as poesias abordam a negação vivida pela sociedade pautada no ideal do branqueamento, mas também falam da construção de uma identidade positivamente afirmada:

Eu sou a menina que nasceu sem cor... Para alguns eu sou...pra outras eu sou preta, pra muitos e muitos eu sou parda, ainda que eu sempre tenha ouvido dizer por aí que parda é cor de papel. Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória. Com amnésia, que apaga da história todos os registros e os símbolos da resistência negra...Um dia gritaram: Preta... e eu respondi! Midria.

Para Franklin (2009), o processo de transformação que visa à formação de uma identidade positivamente afirmada ao povo negro se inicia quando a pessoa entra em contato com a sua ancestralidade – como estudar a história do povo negro, por exemplo -, a problematizar sua condição como negra e as mediações históricas que atravessam os registros e que condensam a dimensão subjetiva da realidade como parte integrante de sua identidade e não mais alienadas do processo. Nessa perspectiva, defendemos que há um processo de rompimento de ideologias na medida em que se problematizam as “verdades históricas” que valorizam o povo branco em detrimento do povo negro. Além disso, a mídia, especialmente, a televisão – que ainda é a grande formadora de opiniões – configura-se como uma grande aliada da propagação da ideologia dominante e, com isso, do ideal de branqueamento, já que coloca a referência estética na pessoa branca. Desde a criança até a pessoa adulta, os ideais de

estética e beleza sempre apresentam a pessoa branca e, em muitas vezes, com cabelos e olhos claros como padrão estético. Desse modo, reforça-se a hegemonia branca como referencial da humanidade em detrimento da diversidade de belezas que, de fato, compõem nosso território, o que significa que ela também é cristalizada, a diferença que é na positividade.

Schucman (2011), defende que a experiência de ser branco é um processo complexo em várias partes do mundo, nos EUA, por exemplo, ser branco está relacionado com a origem étnica e genética das pessoas, na África do Sul fenótipo e origem são marcadores de brancura, no nosso país, o Brasil, ser branco é menos complexo, basta ter a pele clara e o cabelo liso.

A configuração da identidade da pessoa branca no Brasil se faz igualmente por meio de um processo histórico que decorre de uma supremacia racial branca. Os brancos europeus não apenas se reconheceram como superiores, mas também construíram condições legais para o rebaixamento da população negra de forma a garantir seus privilégios e tomada do poder. Assim, a suposta “superioridade racial” dos colonizadores brancos foi cimentada por meio de uma construção social-histórica e cultural que produziu e, relações assimétricas de poder mas que são naturalizadas.

A psicóloga Maria Aparecida Bento (2002) denuncia diversas vantagens usufruídas e não problematizadas na constituição da identidade branca, reunidas na perpetuação do legado que a escravidão reserva aos brancos - privilégios materiais e simbólicos -, mantendo-os como referencial universal da humanidade. Nessa direção se alimenta um sentimento de estranhamento ao povo negro, no sentido de não serem reconhecidos como iguais, uma herança do período escravagista. Para a autora, os brancos, em posição de superioridade racial, usufruem de um lugar onde permanecem distantes do sofrimento do povo negro. O movimento histórico e social tende a negar a condição de humanidade aos negros, perpetuando o cenário do período escravagista. Trata-se de uma trama complexa mediada pelas determinações históricas que camuflam, como já apontamos, diversas passagens da história, obstruindo o processo de equidade racial.

Há de se considerar os importantes estudos apresentados por Cardoso (2008), que anunciam a divisão da branquitude em dois subgrupos de pessoas: “branquitude crítica” e “branquitude acrítica”. A primeira trata das pessoas que reconhecem o racismo e não pactuam com ele; pelo contrário, desaprovam-no, mas usufruem de privilégios por serem brancas em uma sociedade em que o racismo se apresenta em suas estruturas: culturais, econômicas e

históricas. A segunda parcela, a branquitude acrítica, é concebida pelo autor por pessoas que atuam de forma a propagar o racismo, argumentando a favor de uma superioridade racial.

A seguir no ensejo de trazer mais elementos para a reflexão proposta com essa tese, apresentaremos dados objetivos para compor o cenário das produções históricas do contexto problematizado do modo a revelar como essa situação, atravessada pelo racismo, se atualiza ainda hoje

1.4.Branqueamento como estratégia genocida

“...A minha palavra é um soco para quem não quer ver a nossa vitória Um balde de tinta preta Pra quem tenta embranquecer a nossa história....” (Tinta Preta, Patrícia Meira)

O branqueamento da população é compreendido, por Nascimento (2016), como uma das estratégias do genocídio preto ainda no período da escravidão. A norma do período escravagista, baseada na exploração máxima da população negra, sujeitava a mulher africana, não somente à exploração como escrava nas lavouras, mas também à exploração sexual pelo senhor escravocrata. Era comum que o senhor mantivesse algumas de suas escravas como prostitutas, as demais sendo violadas nas senzalas por ele próprio ou pelo feitor, como punição, ou, ainda, serviam aos filhos do senhor em sua primeira relação sexual. Assim, tidas como escravas e reprodutoras, eram avaliadas também em função de sua capacidade reprodutiva, sem que isso lhe proporcionasse algum tipo de benefício ou privilégio. Em decorrência do estupro da mulher negra, nasceram muitos miscigenados, materializando o roubo do corpo da mulher, de sua dignidade, de seu ventre, de seus filhos e filhas.

O mestiço serviu ao senhor de formas diferenciadas. Era ele quem punia e controlava os escravos, como capitão do mato, feitor. Desfrutou de certa confiança do senhor escravocrata, mas foi também discriminado pela cor da sua pele. A miscigenação tornou-se a versão da aposta, mais bem sucedida, do clareamento da raça. Anos mais tarde, diante de uma suposta “ameaça racial” - o Brasil estava ficando preto demais- o mestiço foi eleito como estratégia de branqueamento da população. Aliado a isso, a população brasileira era considerada pelos diplomatas europeus como feia e geneticamente inferior em função da presença do sangue negro; defendiam veementemente que deveriam fortalecer-se com o auxílio dos níveis mais elevados da raça europeia (Nascimento, 2016, p.57)

De acordo com os dados do IBGE entre os anos de 1872 a 1950 observamos que:

| Ano | 1872 | 1890 | 1940 | 1950 |
|--------|-----------|-----------|------------|------------|
| Branco | 3.787.289 | 6.308.198 | 26.171.778 | 32.027.661 |
| Negro | 1.954.542 | 2.097.426 | 6.035.869 | 5.692.657 |
| Pardo | 4.188.737 | 5.934.291 | 8.744.365 | 13.786.742 |

A partir dos dados estatísticos se evidencia o declínio da população negra em comparação ao crescimento da população branca e de miscigenados. No período pós abolição, um decreto em 1890 determina que:

É inteiramente livre a entrada nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos ao trabalho (...) Excetuados os indígenas da Ásia ou da África, que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos⁵.

Assim, no século XIX, a meta a ser alcançada pela política imigratória era o desaparecimento do negro por meio da miscigenação com o sangue europeu. Foi essa a proposta que direcionou a política nacional durante o século XX. Anos mais tarde, em 1945, Getúlio Vargas assina o Decreto-Lei n 7967, que restringe a entrada de imigrantes no país em função de preservar e desenvolver na composição étnica da população as características mais próximas à ascendência europeia. O decreto permite livre acesso aos imigrantes europeus enquanto que os africanos estavam com o acesso restrito.

São esses os elementos constituintes do movimento social e histórico pautado nos valores eurocêntricos que, ainda hoje, propagam a imagem do povo branco como referencial universal da humanidade, mas que, contraditoriamente, também apresentam o mito da democracia racial, na acepção de Gilberto Freyre, como parte constituinte desse processo. Ora, trata-se de um discurso ideológico que faz com que as diferenças individuais sejam colocadas como responsáveis por fracassos da sociedade. O movimento histórico e social é atravessado pela construção de um lugar demarcado por privilégios, possibilitando que as pessoas consideradas brancas no Brasil experimentem vivências em que suas imagens são associadas ao sucesso, à inteligência, à beleza, gozando de maiores acessos à educação,

⁵ Decreto n 528, 28 de junho de 1890 O General Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação. Considerando A conveniência de regularizar o serviço da imigração na República, de modo que os imigrantes tenham segura garantia da efetividade dos auxílios que lhes forem prometidos para o seu estabelecimento;... Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>

trabalho etc., o que significa que sempre estarão em vantagem quando comparadas com as pessoas negras, que, dada precariedade com que vivem suas vidas, permanecem presas à possibilidade de sobreviver no presente, mas sem possibilidade de construção de um futuro melhor (SOUZA, 2019). Perversamente, é colocado ao negro, a partir do ideal do branqueamento, que ele tente ser branco para poder ser aceito, vivência que lhe acarreta uma série de sofrimentos psíquicos: baixa autoestima, sentimento de inadequação, ausência de perspectivas, humilhação social e negação a respeito do histórico de resistência que atravessa a história desse povo atribuindo-lhe apenas o caráter da servidão.

Dito de outra forma, embora tenhamos superado as visões científicas que colocavam o negro em uma situação de inferioridade em relação ao homem branco, os efeitos simbólicos desse período ainda se fazem presente na dimensão subjetiva e objetiva da realidade. Continuamos atualizando o lugar desse povo como análogo ao período escravagista, contribuindo para que essas pessoas ainda vivam experiências próximas daquele período.

O mito da democracia racial que defende que pretos, pardos e brancos vivem a experiência cotidiana de forma igualitária, tendo acesso às mesmas oportunidades, quando os dados objetivos nos revelam outra realidade: a desassistência por parte do Estado que perdura desde o período colonial e abolicionista, quando o povo escravizado foi jogado às ruas e abandonado à própria sorte na luta pela sobrevivência sem nenhuma política de inclusão ao escravo recém-liberto.

Papo Reto

Atenção! Agora as notícias diárias: NÃO! A fúria que o sistema trata a favela Na tela da SMART não passa tipo faces da morte Atenção: cenas fortes IMAGEM CENSURADA a cor da pele imita a cor da tarja Preta, mulher, militante da causa Marielle, 38 anos à tiros é executada e, em menos de 3 minutos a milícia leva embora a pessoa amada Será que é justa a causa? Sem tutorial de como virar o jogo Antes dos 28 muitos de nós tem a vida zerada 92 Slam na escola? Que nada! É tabuada: 7 e 7? São 14 Com mais 7? 21 E a cada 23 minutos de nós morre 1 Game Over! E dessa vez não pode apertar “play” pra recomeçar Nessa parte a vida acaba na metade sem bônus para ajudar Massacre em *multiplayer*, 5 jovens de Maricá resolveram passear além da favela pra fazer rap mas nenhum deles voltou vivo de lá. E como voltar? Se o fardado pago para proteger também é programado pra matar?! É verdade, Agnes. Nossa realidade é nível hard Assistir nossos filhos morrendo de frio é o quê nos faz invadir edifícios e transformar em lares Mas de repente, sem start o fogo invade E como sodoma arde Carbonizando famílias sem *memory card* que salve E isso tudo por causa de 12 hectares? 24 andares? São 146 famílias sem lares: Debaixo de viadutos do fundo do fundo do poço de Lázaro, rejuvenescidos igual criança de profecia querendo enfrentar esse mundo e eu mudo isso tudo não ficando mudo No meio do jogo onde o escudo burguês é o luto do pobre e tudo resulta em velório coletivo Nas vilas não importa se é criança ou adulto: Favelado morre do mesmo jeito Aí a burguesia vê Cidade de Deus e acha engraçado sua barriga dói com tantos risos: Eu tô rindo? Não!: Aqui a periferia da cidade vê Deus mais cedo acertados na barriga com tantos tiros. Honra ao mérito é pro esquadrão da morte que faz mães de maio chorar de sul a norte. Assassinos de farda apontam o revólver e em poucos segundo é bala no córtex mas que diferença faz se mais um favelado aqui jaz. Enquanto marchamos por justiça com velas e cartaz se no fim das contas só sai de alcatraz. Quem dá mais, quem tem mais, quem mata os pai. Suzane Von Richthofen ganha saída Enquanto milhares de mães presidiárias não podem ter visitas 94 Assassinas de classe rica por bom comportamento saem pra passear: assim é fácil virar o jogo e a lei burlar. Ainda nos falam que a culpa é do povo que não sabe votar... Tu tem razão, as mãos sujas de sangue são mesmo da polícia e do governo. Que ao invés de proteger, só sabem nos matar. MAS A POESIA MARGINAL É SALVAÇÃO QUE FAZ A FAVELA RESSUSCITAR Somos POETAS VIVOS Vida longa aos resistentes!

Agnes com G mudo e Deds

Poetas Vivos

“Devemos começar examinando o maior de todos os escândalos, aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negros-africanos”

Abdias Nascimento

2. As vicissitudes escamoteadoras de uma versão histórica

*“Ele não viu que eu estava com roupa de escola, mãe?
Perguntou o menino, antes de morrer ao lado da mãe.
Marcus Vinícius, 14 anos⁶*

Não pretendemos com esse capítulo fazer um levantamento sobre o estado da arte, nem tampouco, resgatar todos os momentos históricos decisivos para a composição da necropolítica. Almejamos, certamente, contribuir para a desconstrução da discriminação e desigualdade racial no Brasil, evidenciando os dados objetivos da realidade como importantes narradores da história. Dessa forma, o objetivo desse capítulo é o de demonstrar como se mantém a perpetuação do período escravagista no cenário brasileiro, por meio da oferta de três lugares ao povo negro: o da força de trabalho, o de inimigo que merece a cadeia ou a morte.

2.1. No Brasil, as vidas negras importam?

O Brasil é o país que mais escravizou africanos e o último a decretar a abolição. Passados mais de cento e trinta anos da “Abolição” de 1888, ainda observamos a manutenção de elementos essenciais que visam à garantia de uma sociedade estruturada em preceitos racistas que legitimam e, portanto, naturalizam e, muitas vezes, escamoteiam, as práticas de extermínio do povo negro. Pautar essa realidade e problematizá-la é também uma obrigação da Psicologia Social

Quando a Psicologia decide seu lugar à favor da transformação social, se faz necessária uma leitura em que se coloque em pauta, não apenas a luta de classes, mas, igualmente, um recorte que aborde a questão étnica-racial. Não podemos mais falar da luta de classes, se não falarmos dos privilégios que os corpos brancos carregam e gozam nesse cenário. É nosso dever problematizar o tema a fim de que possamos avançar no compromisso de transformação social assumido pela Psicologia Social Brasileira de forma a erradicar a problemática da discriminação racial.

⁶ Morto ao ser atingido por bala perdida, no caminho da escola, na favela da Maré, no Rio de Janeiro, em 20 de junho de 2018. <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/mae-de-aluno-morto-diz-dormir-com-frase-eles-nao-viram-o-uniforme-27062018>

O posicionamento da Psicologia Brasileira a respeito da temática é crescente. Estudo feito por Martins, Santos, e Colosso (2013), indica que, com destaque, a Psicologia Social vem incorporando o debate na medida em que elege como objeto de estudo a opressão, a discriminação e a humilhação social produzidas pelas desigualdades sociais. Contudo, de acordo com Shucman e Santos (2015), parece não haver legitimidade na categoria de raça como característica variável e valiosa para o ensino em Psicologia, na medida em que produz subjetividades.

Nos últimos vinte anos, no âmbito das produções na área de Psicologia, as publicações com a temática do povo negro têm investigado os efeitos da inclusão, em espaços antes reservados aos brancos, por meio de políticas públicas e ações afirmativas que, sem dúvida, configuram-se como um grande avanço, muito embora estejam ameaçadas pelo governo atual, mas que, ainda assim, são embrionárias - dado o tempo recente em que foram aplicadas. Além disso, continuamos a enviesar a história na medida em que não produzimos teorias que desvelem a estrutura da sociedade que tem limitado oportunidades, formas de tratamento e expectativas de vida inferiores às condições da população branca.

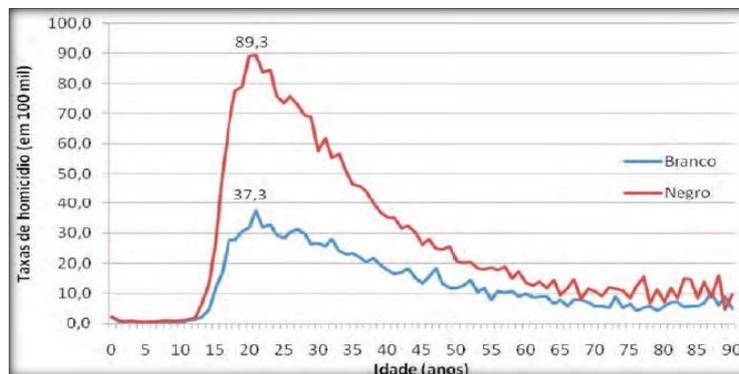
Para Sawaia (2010), o fenômeno da exclusão social se faz por meio de uma relação dialética entre exclusão e inclusão, tornando-se parte constituinte do grande sistema hegemônico. Com efeito, trata-se de um processo complexo que agrega desde as dimensões concretas da vida – condições materiais - como as abstratas: política, relacionais e subjetivas. Com essa importante contribuição, a autora reafirma o compromisso, assumido pela Psicologia Social, referente à transformação social, pois, anuncia que nesse modo de funcionamento, independentemente de se viver uma ação de humilhação direta, onde o racismo se mostra de forma escancarada, o fenômeno do sofrimento ético-político é vivido na dimensão subjetiva, por todos aqueles que sofrem a exclusão para serem inclusos perversamente no sistema. A autora defende que o sofrimento ético-político envolve as diversas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas, retrata a vivência cotidiana, ressalta a dor de ser tratado como inferior, subalterno, apêndice da sociedade, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (Sawaia, 2006, p.104-105).

Considerar uma sociedade estruturada pelo racismo é compreender que o racismo se apresenta nas esferas: política, econômica, cultural e histórica, sendo as instituições sociais as

maiores reprodutoras dessa discriminação. Diante de tal quadro, o povo preto⁷ e em especial o pobre, em sua maioria esmagadora, está sempre em um lugar que o convoca a conviver permanentemente o sofrimento ético-político.

De acordo com o Mapa da Violência de 2017⁸, é avassaladora a variação que existe na taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes, classificados por cor, raça, distribuídos em diferentes idades no nosso país. Nota-se um pico de morte na faixa etária entre os 20 e 21 anos das pessoas negras, que decresce conforme o aumento da idade, mantendo-se superior ao das pessoas não negras, conforme gráfico abaixo:

1.1. Taxa de homicídios em 100mil habitantes.



Fonte: Mapa da Violência, 2017.

A violência tem marcado a morte de jovens, sobretudo, de jovens negros. De acordo com o gráfico apresentado, é possível a constatação do alto índice de extermínio dos jovens negros em relação a jovens brancos. O estudo realizado pelo Mapa da Violência indica que em 2015, 47,5% dos homicídios correspondem à morte de jovens negros com idades entre 15 até 29 anos. Isso decorre de uma supremacia branca, que mantém a construção da figura do povo negro como inimigo e marginal condenado a serviços brutos e animalizados. Nesse cenário, Jessé Souza (2019) defende que a massa luta com as armas mais frágeis, pois toda a organização institucionalizada da violência simbólica e da violência física do Estado está contra ela.

⁷ Utilizaremos povo preto para nos referir também à população mestiça.

⁸ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf

2.2. Juvenicídio

Pesquisadores da América Latina abordam a temática na perspectiva do juvenicídio, pois, rompe, segundo Fefferman (2017) com a ideia de “morte natural”. A intenção está em desvelar o complexo processo racista e discriminatório que elimina a vida dos jovens pretos periféricos e com baixa escolaridade. A autora defende que os jovens negros têm sido colocados pelas indústrias culturais - na medida em que essas estigmatizam condutas e estilos juvenis - no lugar de um suposto inimigo real do Estado e, assim, deve ser combatido ou mesmo eliminado. Desse modo, ainda em consonância com a autora, temos no cenário brasileiro, os jovens pretos e periféricos tidos como os responsáveis pela expansão da economia das drogas ilícitas, contribuindo para a perpetuação do cenário de segregação social e racismo velado.

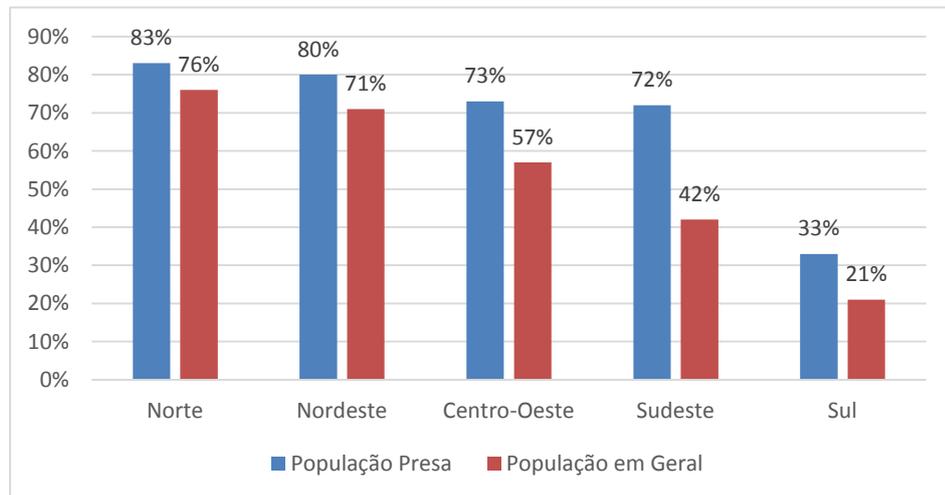
Os dados sobre o encarceramento da população jovem e preta são igualmente reveladores. Em conformidade com os dados do INFOPEN⁹ -MJ¹⁰, a população prisional em 2014 totalizava 607.731 pessoas. Desde o ano de 2000, a população prisional vem crescendo uma média de 7% ao ano, o que representa um crescimento de 161%, ou seja, um resultado dez vezes maior que o crescimento total da população brasileira. Além disso, maioria dos presídios brasileiros apresenta superlotação e condições precárias, desde questões de higiene à alimentação. Os presos são privados de sua dignidade humana ao ingressar em um sistema penitenciário severamente comprometido. Diante de tal quadro, é difícil acreditar no discurso de que o sistema carcerário é tido como possibilidade de ressocializar pessoas, sendo capaz de “devolvê-las” à sociedade de forma melhor daquela como ingressaram. Outro dado que corrobora com a tese do extermínio da população jovem preta e periférica revela-se pelo percentual de pessoas presas: a maioria esmagadora é de jovens entre 18 e 24 anos (idade de estudo e ingresso ao trabalho) e, em segundo lugar, os que têm entre 25 e 29 anos, representando 56% da população prisional. A população negra representa 51% da população geral brasileira, e no enquadre da população carcerária 67%, seguida da população branca com 31% e a população amarela e indígena que representa 1%. Com efeito, a cada três presos

⁹ Infopen Levantamento Nacional de Informações Carcerárias. Banco de dados contém informações de todas as unidades prisionais brasileiras, inclui dados de infraestrutura, seções internas, recursos humanos, capacidade, gestão, assistências, população prisional, perfil das pessoas presas, entre outros. O Infopen é um sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, atualizado pelos gestores dos estabelecimentos desde 2004, que sintetiza informações sobre os estabelecimentos penais e a população prisional.

¹⁰<http://www.justica.gov.br/news/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>

dois são negros. Isso significa dizer que a maior parte dos jovens, pretos e periféricos, está privada de liberdade.

2. Percentual da População Negra no Sistema Carcerário e na População em Geral



Fonte INFOPEN

Para os pesquisadores Lemos, Aquime, Franco e Piani¹¹, apontam o juvenicídio, aliado ao aumento progressivo do encarceramento da população jovem e negra, demonstra que o Brasil elegeu duas estratégias de segurança contra o suposto inimigo: cadeia e caixão.

Destacamos que a prática carcerária é uma política de governo instituída desde o período escravagista e se mantém do período abolicionista até os dias de hoje, conforme vimos. O cenário pós-abolição é marcado por diversas transformações que incluem, principalmente, a transição do trabalho escravo ao trabalho livre e assalariado excluindo a população preta, especialmente, os homens desse contexto. As mulheres negras foram absorvidas no “mercado” por meio da incumbência dos serviços domésticos prestados às famílias brancas. Nessa composição, foi necessário à população preta¹² encontrar novas formas de se integrar no mundo do trabalho, marcado pelo nascimento do capitalismo moderno, constituindo o chamado mercado de trabalho informal. A classe dominante junto com a classe de trabalhadores e a classe média, recém-formadas nesse período, precisaram tecer novas formas de dominação e encarceramento do povo negro (SOUZA, 2019), que foi feito a partir da promulgação da Lei de Combate à Ociosidade, que regulava sobre o encarceramento daqueles que não trabalhavam e vagavam pelas ruas. Desse modo, o governo ficou livre para punir a população liberta por não ter trabalho, desconsiderando os dados

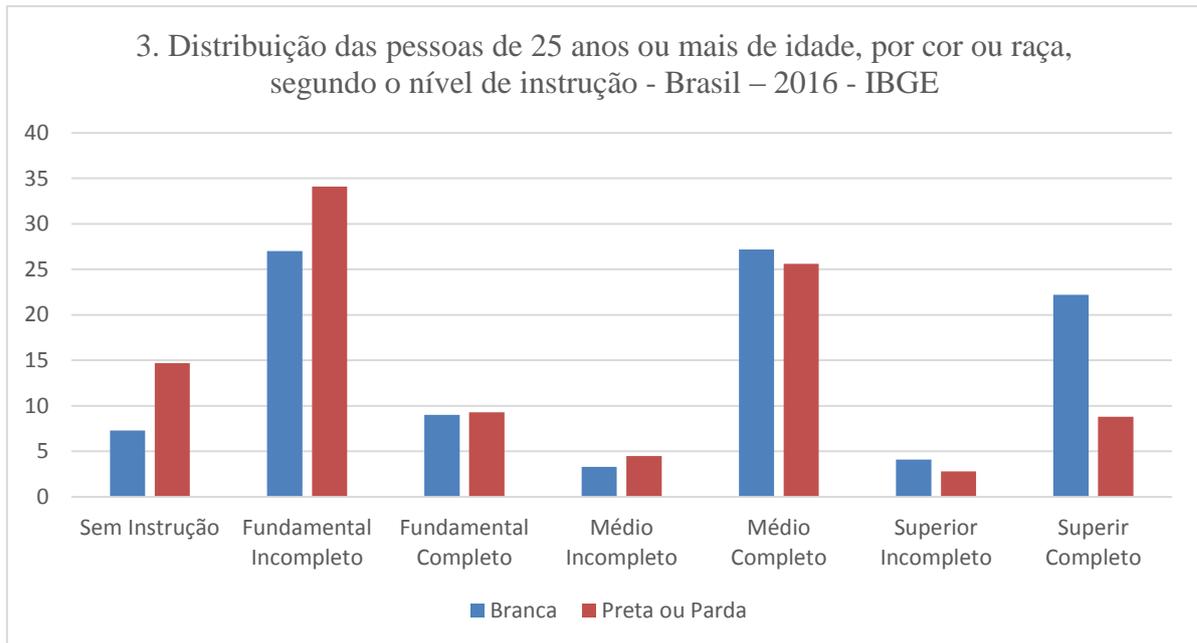
¹¹ O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão.

¹² Linguagem do campo em que se pretende desconstruir o preconceito afirmando a negritude.

materiais e imaterias que compunham esse cenário, os quais se configuravam como grandes obstáculos à absorção da população negra no mercado formal de trabalho.

Diante da exposição temos a prática carcerária como uma política de governo instituída desde o período escravagista prolongando-se até os dias atuais. O cenário pós-abolição é marcado por diversas transformações que incluiu, principalmente, a transição do trabalho escravo ao trabalho livre e assalariado excluindo a população negra, especialmente, os homens desse contexto. As mulheres negras foram absorvidas no “mercado” por meio da incumbência dos serviços domésticos prestados às famílias brancas. Nessa composição, foi necessário à população negra encontrar novas formas de se integrar no mundo do trabalho, marcado pelo nascimento do capitalismo moderno, constituindo o mercado de trabalho informal. Com efeito o Brasil transitou de um mercado escravagista à um mercado formalmente livre, no entanto, manteve a estrutura do escravismo nesse novo formato de sociedade, na medida em que manteve essa população numa classe social inferior. A escravidão, desse modo, segundo Jessé de Souza (2019) ainda que num novo formato, se perpetua até os dias atuais, mantendo a população que ocupa, majoritariamente, essa classe reduzida ao próprio corpo com poucas e mesmo nulas chances de escapar de toda a violência que a acomete por meio dos séculos. Nesse cenário Jessé (2019) assegura, que tem restado a essa população fantasiar sua realidade especialmente, por meio de religiões que vendem promessas infundadas.

Sobre as possibilidades de vida a partir do acesso ao ensino:



Se, de um lado, temos o dado concreto que revela que há diferenças no período de permanência na escola, por outro, o discurso do liberalismo atribuiu a essas circunstâncias causas de âmbito individual – como ausência de mérito pessoal – para a evasão escolar, deixando de revelar, por exemplo, que essas famílias têm se reproduzido ao longo dos anos de forma precária e desestruturada, ficando, em sua maioria, privada do acesso à educação. Como consequência da falta de acesso à educação, essa população continua obrigada a executar os trabalhos mais pesados e também mais desvalorizados. Nesse sentido, defende Jessé Souza (2019) que essa classe que ele chama de ralé de novos escravos, composta pelas pessoas pretas, miscigenadas e uma minoria branca, desempenha os mesmos papéis secularmente servis, que garantem a sobrevivência cotidiana. Entretanto, aprisionam a vida no aqui e agora, sem perspectivas de projeção de um futuro melhor, enquanto que os filhos das demais classes têm tempo livre para destinar aos estudos, construindo as ferramentas necessárias para o ingresso no mercado de trabalho e o desenvolvimento pleno de sua capacidade criativa: o trabalho.

Nesse sentido, as cotas, adotadas para viabilizar o acesso da população negra a mais oportunidades, são importantes conquistas que visam à expansão de possibilidades de entrada desse povo negro aos espaços de poder e decisão, interditados ao longo da história. Trata-se, portanto, de um dever do Estado. Para Djamilia Ribeiro (2017), a eleição das políticas

afirmativas está relacionada também a um tratamento personificado, na medida em que incorporam que não é possível oferecer o mesmo tratamento a pessoas que vivem em condições sociais, culturais e econômicas diferentes.

2.3. A luta pela abolição.

“A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil¹³”.

A configuração de nossa sociedade expressa por meio de dados estatísticos evidencia que não superamos o cenário manchado pela escravidão. Atualmente muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo do fenômeno abolicionista, com vistas a problematizar o que esse marco histórico proporcionou à população de forma geral.

Com efeito, há de se considerar as diversas organizações de resistência, enfrentamento e vitória do povo escravizado, desmistificando, desse modo, a vertente da história que os coloca como passivos e rebeldes. Nessa outra leitura, são reconhecidas as diversas formas de organização para luta, enfrentamento, resistência e vitória das pessoas escravizadas que passam a ser incorporados na história como sujeitos ativos, implicados na luta pela sua liberdade de seu povo.

As manifestações culturais são valiosos indicadores de resistência: a religião o sincretismo religioso, a comida, as lutas, a capoeira, as danças e a música preservam elementos de sua origem africana. Os quilombos configuram-se como espaços territoriais de resistência e luta contra o sistema escravagista, além de espaço de desenvolvimento e organização social, que possibilitou outras formas de ser e estar no mundo para as pessoas que foram escravizadas no Brasil.

A organização de resistência mais conhecida é o Quilombo dos Palmares, colocado como símbolo maior, ou mesmo único, reconhecido nos livros de história, da resistência negra. Por quase um século (1590-1694), Palmares resistiu, aos moldes dos reinos africanos. Por meio de atividades predatórias, traziam escravos - uns por vontade e outros à revelia -que aumentavam o número de habitantes da República dos Palmares. Foram diversas as batalhas enfrentadas pelos habitantes do Quilombo. A primeira metade do século XIX é atravessada

¹³ Os números são do Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

por uma série de revoltas dos escravos, especialmente da capital baiana (MOURA, 1959). Fugiam para as matas, transformando-se em perigo para os senhores de engenho; organizavam ataques às fazendas, mortes de feitores e de capitães do mato, bem como de senhores; definiam estratégias de guerrilhas junto aos indígenas, também escravizados.

Dentre as pessoas que foram eleitas para serem escravizadas no Brasil, havia também grandes guerreiros africanos, que trouxeram consigo sua experiência militar, que utilizaram para conquistar sua libertação. A vida nômade dos escravos foragidos cedeu espaço ao sedentarismo na medida em que as atividades agrícolas iam se desenvolvendo, dando origem aos quilombos. Além disso, as longas guerrilhas da primeira metade do século fizeram com que os escravos acumulassem uma tradição de lutas e estratégias bem definidas contra os senhores (MOURA, 1959).

Dentre as revoltas, destacamos também a Revolta dos Malês, que aconteceu na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835, em Salvador, na Bahia, ocasião em que escravos de maioria muçulmana se rebelaram contra a situação política e econômica e, principalmente, a perseguição e falta de liberdade religiosa durante o império. Uma revolta planejada em seus detalhes, que contou com um longo período organizativo por parte dos “malês”, negros de origem islâmica que organizaram o levante.

Do mesmo modo, a Cabanagem (1835-1840) – índios, negros, mestiços se uniram a fim de conquistar a independência do Grão-Pará; a Balaiada (1838-1841), no Maranhão – um movimento popular contra os grandes proprietários agrários da região cuja revolta era contra as condições de miséria e opressão às quais eram submetidos. As experiências das insurreições demonstraram a importância de um fundo monetário que pudesse custear as revoltas, o que revela seu senso de organização e planejamento (MOURA, 1959).

2.4. Lutas e conquistas pós-abolição

A abolição, primeiro momento de grande mobilização popular da história do Brasil, resulta também de muitas guerrilhas e revoltas organizadas pelos escravos, para finalmente ser assinada em 1888 a chamada “Lei Áurea”, todavia, não representou nenhum respaldo legal para que a população recém-liberta tivesse condições de seguir sua vida em “liberdade”. O território miscigenado que compunha o cenário brasileiro foi palco ainda mais racista pós abolição.

No I Congresso Universal de Raça, realizado em Londres em 1911 o único delegado latino-americano João Batista de Lacerda defendeu que até o ano de 2012 *o Brasil estaria livre dos negros e seus mestiços*” (NASCIMENTO, 2016).

O povo alforriado foi vítima de grande abandono e desprezo. Alimentou-se, ao longo das gerações, o descaso com essa população, que sobrevive sempre mediante serviços vistos como inferiores, aprisionados no cotidiano sem possibilidades concretas de romper por completo com o passado escravagista. O Estado não lhes ofereceu nenhuma política de assistência para que pudessem seguir de forma “livre” suas trajetórias. Desde então, o povo negro é passível de políticas de enquadramento social com “liberdade policiada” e morte. E, não raro, encontram-se ainda hoje, no século XXI, como lixos humanos abandonados nas ruas das cidades que compõem o nosso país. Diante desse, quadro assegura-se que a esse povo jamais foi concedida a liberdade e, tampouco, a condição de sujeito, obrigando-o a permanecer na esfera da luta, enfrentamento e resistência.

A Revolta da Chibata 1910, na cidade do Rio de Janeiro, uma luta contra os castigos físicos que os marinheiros sofriam: chibatatas aliada às péssimas condições de trabalho e baixa remuneração; a Criação da Frente Negra Brasileira em 1931-1937 atuou no campo sócio-político conquistando novos lugares para o povo negro, a Criação do Teatro Experimental do Negro 1944, cuja proposta era a de resgatar e valorizar a herança cultural do afro-brasileiro pela via da arte e educação; Fundação do Movimento Negro Unificado 1978 em São Paulo na luta contra a discriminação racial; a Lei Caó, carrega o nome de seu redator Carlos Alberto Caó, tonar o racismo crime inafiançável em 1985; III Encontro Feminista Latino-Americano em Bertioga, de onde emerge a organização atual de mulheres negras ganhando visibilidade política- um período em que são concebidas diversas instituições e coletivos com grande produção teórica, dentre elas, se destaca Lélia Gonzalez que coloca a mulher negra no centro do debate. Em 1988 há o reconhecimento da propriedade de terras aos remanescentes dos quilombos. A primeira lei de cotas raciais nas universidades¹⁴ do Rio de Janeiro 2002 garantindo em lei uma quantidade de vagas aos pretos e pardos nas universidades.

Entre a década de 1980 e 1990 o movimento social afro-brasileiro ganhou corpo e espaço no campo das políticas públicas. A partir da metade da década de 1990 o processo de

¹⁴ Em abril de 2012 o STF validou por unanimidade a adoção de políticas de reserva de vagas para garantir o acesso de negros e índios a instituições de ensino superior em todo o país.

transformações acerca da desigualdade racial ganha impulso por meio da aproximação entre o Movimento Negro e o Estado Brasileiro, entretanto, apenas a partir de 2003, na esfera executiva que as mudanças segundo, LIMA (2000), começam a se tornar significativas. Todavia, a autora destaca que, se de um lado, tais mudanças resultam de um longo processo político anterior a esse governo, de outro, não deixa de destacar que na medida em que esse governo incorpora em seus quadros representantes do Movimento Negro que passam a colaborar com a elaboração das políticas públicas mudando por completo sua atuação e ganhando maior visibilidade. Aumento da presença negra na mídia televisiva dando “visibilidade” à essa população embora ainda existam críticas dos papéis que são atribuídos a essa população não deixa de ser um avanço. A construção da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial criada em 2003 cujas principais proposições são: elaboração de políticas públicas afirmativas na promoção de igualdade e proteção de direitos étnicos, seguido da aprovação do Estatuto da Igualdade Racial (SEPPIR)¹⁵ com o objetivo de garantir igualdade de oportunidades e defesa dos direitos étnicos, combatendo à discriminação e demais formas de intolerância étnica. É nesse mesmo período que se conquista mudanças também no âmbito da educação, incluindo, por exemplo, na Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática Histórica e Cultura Afro-Brasileira que, por sua vez começa a oferecer subsídios para a construção de referências ao povo negro e não negro dentro desse universo, colaborando para a construção de novas subjetividades. Sem dúvida, o PROUNI¹⁶ - Programa Universidade Para Todos – o Programa de Cotas e as políticas afirmativas, nas universidades públicas contribuíram de forma valiosa para iniciar um desvio na trajetória dos jovens, pois, a partir de novas escolhas profissionais novos enredos tornaram-se possíveis.

Por fim, e, não menos importante, Lima (2010) apresenta os avanços no âmbito da saúde pública ressaltando que a consolidação das políticas sociais apoiaram-se em dois grandes eixos: vulnerabilidade socioeconômica que acomete o povo negro, as doenças que mais afetam essa população, em função das condições da existência -que incluem nuances concretas e abstratas- foram elencadas as seguintes doenças: desnutrição, morte violenta, alta mortalidade infantil, anemia, doenças no trabalho, transtornos mentais resultantes da exposição ao racismo e, também, transtornos derivados do alcoolismo e da toxicomania. Tais doenças são associadas às condições de existência dessa população configuram-se, portanto,

¹⁵ Lei n 12.288-10, publicado no diário oficial de 21 de julho de 2010.

¹⁶ Programa Universidade para Todos, cuja finalidade é conceder bolsas de estudos integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas. Criado pelo Governo Federal em 2004, pela Lei 11.096, de 13 de janeiro de 2005.

como mais elementos objetivos que compõe a denúncia ao linchamento social que ofertamos, sem miséria, ao povo preto.

O grande número de mortos em 2006 e descaso total do poder público em punir os assassinos fez nascer o movimento das mães que perderam seus filhos na chacina de maio desse ano: Movimento das mães de Maio.

Os acontecimentos evidenciam que o quadro das desigualdades e injustiças continua decisivo no cenário atingindo diretamente as condições de vida dessa população, o genocídio da população negra que começa a ser amplamente divulgado, resulta também na formação do Comitê contra o Genocídio da Juventude Negra 2008, e, por fim, o feminicídio sistemático de mulheres negras.

2.5.Necro-política

A partir do conceito de necropolítica, Mbembe (2016) trata da genealogia da violência no sistema capitalista, partindo das condições de produção à época da plantação escravagista e de sua relação com os campos modernos de exclusão, confinamento e mesmo extermínio até o mundo contemporâneo. Mbembe parte do conceito de biopoder, de Michel Foucault, -da produção da vida por meio da disciplina que fabrica corpos dóceis politicamente e úteis produtivamente – ou seja, a tecnologia de controle da vida, para ascender com a produção da morte partindo das condições concretas em que essa forma de governo é exercida sob o racismo e a escravidão. Nesse sentido, o ponto central dessa análise consiste na compreensão que a soberania tem o poder de decidir sobre aqueles que devem viver e os que não devem. Diante dessa configuração a necropolítica é uma forma de governo que legitima a destruição de corpos humanos tidos como descartáveis e supérfluos, possuidores de vidas indignas que não valem a pena ser vividas.

No contexto capitalista, o sujeito que não consegue vender sua força de trabalho no mercado possui uma “vida sem valor”, está, portanto, fora do sistema. Luckás (2003) defende o trabalho como categoria que funda o homem em sua gênese como ser social, assinalando a passagem entre ser biológico e ser social produzindo, desse modo, sua humanização. Com efeito, a partir do trabalho o homem cria seu mundo e, desse mundo, resultam as formas de objetividade do ser social. Assim, um homem sem trabalho não pode ser reconhecido como tal; trata-se de um sujeito excluído. No caso dos territórios colonizados com a mão de obra

escrava, constata-se uma classe reduzida ao corpo, desumanizada, animalizada, cujo trabalho farto e barato, desde a época da colonização, se prolonga ao mundo contemporâneo não tem um trabalho com um lugar social de prestígio, pelo contrário: esse trabalho oferece um lugar que o aprisiona em uma condição secularmente inferior. Fadado a viver o dia a dia sem perspectivas de projeção de um futuro melhor, está preso no aqui e agora que tende a reproduzir no tempo sua ausência de hoje sem perspectivas para um futuro melhor (Jessé Souza, 2019, p. 106).

Achilles Mbembe (2017) demonstra a existência de uma política de inimizadas próprias das democracias liberais em que a produção do outro, quando não lhe corresponde, é tida como ameaça à segurança. Com efeito, o inimigo *é aquele a quem se pode provocar a morte física, porque ele nega, de modo existencial o nosso ser* (p.82). Nessa direção, o autor sustenta que a produção do outro é pautada a partir uma ameaça fantasmagórica que esse outro representa. Pautado na construção da imagem do inimigo a produção do outro não diz necessariamente do outro em si mas sim daquele que o produz.

Com efeito, a necropolítica é uma política de morte que divide a sociedade entre áreas em que é permitido matar. Desse modo, a soberania se respalda a partir do desejo e da capacidade de matar para poder viver, há um outro eleito como inimigo. A construção da imagem do inimigo por meio da intolerância atinge as liberdades: civis, políticas, culturais, religiosas, dos povos e nações que foram colonizados e que segundo Mbembe (2016) explodem em formas de guerras contemporâneas que dão continuidade à violência do período escravagista.

Nessa mesma direção, Jessé Souza (2019) defende que herdamos da sociedade escravagista o desprezo e o ódio covarde pelas classes populares, alimentando uma hierarquia social fundamentada na crença de que há gente que nasce para servir. Desse modo, se fabrica uma classe de sub-humanos com a qual se pode fazer o que quiser, inclusive, reduzi-los a uma condição de vida indigna, chegando ao extremo de tirar-lhes injustamente a vida sem que a opinião pública se comova.

Um exemplo disso está no estudo de Hilário (2015), que corrobora com os dados sobre o juvenicídio, defendendo que o *modus operandi* da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 2001 e 2011, resultou na morte de 10 mil pessoas. Nesse sentido, há uma parcela da população que vive uma vida indigna, uma subvida e esse fato se torna aceitável porque entendemos essas pessoas como “sub-humanas”.

Assim, a necropolítica atua como uma forma de regulação das relações sociais: o direito de matar do Estado moderno, aliado ao sentimento da inimizade, do racismo e do terror, constroem cenários que destroem a democracia. As técnicas de repressão e policiamento do mundo contemporâneo atualizam as formas de dominação do período escravagista. As chacinas que ocorrem nas periferias do nosso país transformam instantaneamente os corpos sem vida em esqueletos sem histórias, sem passado, sem memória. As áreas demarcadas para a legalização da morte são habitadas por aqueles que não se devem deixar viver, em geral tem “má fama” ali, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer parte e não se sabe nunca de quê...uma cidade esfomeada, por falta de pão, de carne, de sapatos de carvão, de luz... (MBEMBE, 2017, p,131). Nesse sentido, as condições objetivas do mundo contemporâneo prolongam as condições de vida impostas as pessoas escravizadas, numa tentativa incessante de furtar-lhes a própria vida, com base em uma ideologia dominante que normatiza e naturaliza os fenômenos do mundo social, encobrendo variáveis a serviço de uma classe em específico. Por exemplo, a desigualdade social aparece, no discurso dominante, como resultado do esforço de cada sujeito na luta pela conquista de seus objetivos – meritocracia – que por sua vez, preconiza o esforço individual como única e exclusiva possibilidade de ascensão social desconsiderando, por completo, as condições objetivas de vida de cada sujeito. Cabe dizer que, vez ou outra, um sujeito com poucas possibilidades consegue ascender socialmente e seu êxito é instrumentalizado, de forma a reafirmar o mito da meritocracia, quando, na verdade, sempre haverá uma contradição – alguém que consegue escapar da regra - no sistema para mantê-lo seguro. No entanto, os dados estatísticos evidenciam a realidade, revelando que as condições objetivas da vida não são equânimes. Pelo contrário, a partir da exposição dos dados acima, temos que a trajetória dos jovens pretos periféricos é interrompida pelo encarceramento ou a morte. Desse modo, avançamos para uma versão da história em que os dados estatísticos iluminam as condições objetivas às quais é submetido o povo preto.

2.6. Pequenos Avanços e a Nova Forma da Resistência

Na fase contemporânea destacamos, como sinais de avanço e alento, além da atuação do Movimento Negro, do Feminismo Negro, a Rede de Proteção contra o Genocídio da população preta, movimento social de São Paulo que tem envolvido diversos atores da sociedade civil no enfrentamento do genocídio. Os crimes contra a população preta têm ganhado novo apelo social, com movimentos organizados que clamam por justiça. Há pouco

mais de um mês, por exemplo, o Shopping Higienópolis, localizado em área nobre da cidade de São Paulo, teve seus corredores tomados pelo movimento negro, que protestou contra o pedido da administração do shopping de apreender crianças e adolescentes em situação de rua dentro de suas dependências. O pedido foi negado pela juíza Monica Gonzaga Armoni da Vara da Infância e da Juventude¹⁷

Por fim, e mais importante, citamos os movimentos de arte que celebram a cultura negra como símbolo de enfrentamento e resistência. O movimento que antecede o Slam é o Movimento Urbano HIP HOP nascido em Chicago, nos anos 80, inspirador de organizações comunitárias de grande relevância que percorre o mundo todo chegando também ao Brasil como possibilidade de ser e estar no mundo a partir da construção de novas referências a esse povo especificamente.

No Brasil, vivemos há dez anos o fenômeno do Slam que trata de uma gincana de poesias falada que tem possibilitado uma nova configuração dos afetos às pessoas negras e não negras. Um movimento autorrepresentativo que aborda elementos essenciais para a construção ou afirmação da identidade da pessoa negra e, do mesmo modo, de sua condição existencial na sociedade construindo referências positivas para essa composição bem como a produção do comum, como veremos a seguir...

¹⁷ Disponível em www.1.folha.uol.com.br/columnas monicabergamos201902entidadesdo
movimentonegroprotestamnohoppinghigienopolis.

Eu sou a menina que nasceu sem cor

Eu tenho um problema meu ascendente é em Áries. E eu tenho um outro problema é que eu sou a menina que nasceu sem cor: “A menina que nasceu sem cor” Pra alguns eu sou..... Pra outras eu sou preta Pra muitos e muitos eu sou parda, ainda que eu sempre tenha ouvido dizerem por aí que parda é cor de papel!!!! E a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto a auto-declaração de artista pop como a Anitta quando pratica apropriação cultural. Eu sou a menina que nasceu sem cor, porque eu nasci num país sem memória, com amnésia que apaga da história todos os registros de símbolos da resistência negra. Que embranquece sua população e sua trajetória a cada brecha Que faz da redenção de Cam a sua obra prima Monalisa da miscigenação calcado no estupro das minhas ancestrais. Na posse de corpos eu nasceram para ser livres. Na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos. Eu tenho outro problema Pô, eu não sei dar cambalhota E não importa que para alguns eu seja a menina que nasceu sem cor que falte melanina pra minha pele ser retinta que meus traços não sejam tão marcados O colorismo é uma política de Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos de meu pai herdados. Me odiasse, me mutilasse, o meu cabelo alisasse. Meninas pretas não brincam com bonecas pretas. Mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se armando se amando. Porque me chamam por aí de Parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom. E esse corpo moreno, xêroso e gostoso(...) É um corpo delgado, da cor do pecado. E me faz tão bem se fetichizada enquanto o quase perfeito padrão de beleza mulata exportação. Um outro problema que eu tenho é que meu passe livre acaba antes do fim do mês. Eu sou a menina que nasceu sem core isso me dá o privilégio de ser a menina que tem livre acesso a muitos espaços mas que no final do dia parece não pertencer a nenhum deles de fato. Eu sou a menina que nasceu sem cor e isso às vezes me deixa invisível. Só-lidão da mulher preta. Eu sou a menina que nasceu sem cor, mas sempre que convém a alguém minha negritude vai saltar aos olhos. E isso só me faz pensar sobre o mito da democracia racial no Brasil é de engasgar. Se você sabe de onde bem sua tataravó pode ter certeza que você é uma pessoa branca de origem europeia, italiana ou portuguesa. O único brasão que sobrou da minha família foi o da desestruturação e da pobreza. Cara gente branca, se você não tem sangue preto nas veias, tem nas mãos. Tá na hora de quebrar a porra da estátua dos Bandeirantes e valorizar o sangue preto que escorreu no solo da construção nada gentil desse país. Ruy Barbosa tentou apagar os registros da escravidão queimando documentos sobre esse holocausto. Então se preciso for, a gente resgata nossas raízes nos dentes vai entender que nossa gente é filha de Dandara do meu quilombo...Me faz livre voar Rainha do meu congo me dá forças pra lutar. Não ter vergonha da história que nossos corpos carregam. Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor mas um dia gritaram-me: Negra e eu respondi!

Midria

3. O contexto que faz emergir o Hip Hop

Continuando a inserção da problemática da presente pesquisa no contexto social, exigência teórico-metodológica da abordagem adotada (Psicologia Sócio-Histórica), apresentamos os antecedentes: o movimento Hip Hop em Chicago nos EUA, gênese do Slam.

3.1. Um pouco de história

O Hip Hop é uma manifestação exclusivamente urbana. Inicia-se em Nova Iorque, num contexto social marcado pela reurbanização da cidade. O engenheiro que está à frente dessas grandes obras é o desenvolvimentista Robert Moses, responsável pela transformação do *layout* da cidade. Entre as obras de Moses destacam-se o *Lincoln Center* – um conjunto de edifícios em NI; o *Shea Stadium*; a sede mundial da Organização das Nações Unidas (ONU); além, naturalmente, da construção de grandes vias, como a *Staten Island Expressway* e a *Cross Bronx Expressway*.

Em sua época, no ápice do fordismo, Moses priorizou o trânsito de transporte privado em detrimento do público. Sofreu diversas críticas por não ter levado em conta a vida dos moradores das regiões afetadas, que sofreram duramente os impactos da construção de suas obras – o que não foi suficiente para fazê-lo repensar suas estratégias.

Com efeito, se, de um lado, a paisagem do mundo contemporâneo reflete as marcas do cenário moderno, de outro, contempla a ruína, a devastação e a desassistência à população local, diretamente impactada pelas repercussões das obras e pouco beneficiada por elas. O *Bronx*, por exemplo, bairro pobre de imigrantes, principalmente negros - jamaicanos, cubanos, latinos, porto-riquenhos, dominicanos - e também de judeus e italianos, sofreu os desastrosos impactos gerados pela construção da via *Cross Bronx Expressway*. Nas palavras de Berman (2007):

O Bronx onde cresci, tornou-se mesmo uma senha internacional para o acúmulo de pesadelos urbanos de nossa época: drogas, quadrilhas, incêndios propositais, assassinatos, terror, milhares de prédio abandonados, bairros transformados em detritos e em vastidões de tijolos espalhados. (BERMAN, 2007, p.135).

No livro *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, publicado em 1982, o autor descreve em detalhes o que foi feito com o bairro em que ele passou sua infância e juventude. Recheado de pertencimento afetivo, Berman descreve o território a partir dos estilhaços das

construções que o emolduravam, fruto de explosões de dinamites que destruíram quarteirões, dilacerando não apenas as estruturas concretas de seus edifícios e casas mas, igualmente, as residências e simbolicamente seus habitantes.

Durante os 20 anos que antecederam a construção da via expressa, as pessoas, conforme o autor narra, desfrutaram de seus lares, beneficiavam-se dos comércios locais e viviam em certa comunhão. Contudo, o início da obra resultou na expulsão de aproximadamente de 60 mil pessoas de suas casas, produzindo um empobrecimento ainda maior dessas famílias. Os comerciantes locais foram expulsos e, em função da destruição dos quarteirões, acabaram vivendo um isolamento forçado, que os colocou em uma condição de maior vulnerabilidade ao crime. De fato, com a justificativa do desenvolvimento e progresso, as famílias que ali viviam tiveram suas vidas furtadas da noite para o dia, seu modo de viver, seu trajeto cotidiano foi eliminado. Com a ruptura do tecido das relações sociais que compunham aquele cenário, o crime ganhou espaço e corpo. O *Bronx* tornou-se uma zona de conflito, uma região intransitável, um campo minado perigoso de ser atravessado a qualquer hora do dia ou da noite (BERMAN, 2007).

O caos, a injustiça, as mortes e a exclusão em alto grau - geradas também em nome do “desenvolvimento” e cujo usufruto no sistema capitalista está, em regra, reservado a uma pequena parcela da população. Desse modo, famílias têm sido arrancadas de seus territórios, seus projetos, desfeitos, com a extinção de possibilidades de seguir com a mesma vida, campo fértil para o sofrimento mental, muitas vezes silenciado. Os impactos socioambientais decorrentes das grandes obras de pretense desenvolvimento seguem encobertos na história, muitas vezes, também pelo poder público. No caso da construção da *Cross Bronx Expressway*, obedeceu-se a uma demanda exógena - a necessidade de circular de automóveis - , que não partiu dos moradores do *Bronx*, pelo contrário: em sua maioria, os locais circulavam de metrô pela cidade e não possuíam automóveis. (BERMAN, 2007). Entretanto, foram eles os grandes prejudicados pela obra, tanto na ordem simbólica quanto material. Ninguém imaginava, porém, que a população poderia comungar em meio ao caos.

Nascimento (2012) estima que havia em torno de 300 gangues que disputavam o território entre os anos de 1970-1975. Algo inusitado, contudo, ocorre com a morte de um apaziguador, o que dispara um processo de paz entre essas gangues. Quarenta e duas gangues assinam um acordo de paz que transforma por completo a trama das relações estabelecidas entre esses grupos. Por meio desse acordo, novas relações se estabelecem e a partir desse

novo cenário é que serão delineadas as condições simbólicas e materiais que dariam à luz ao movimento cultural e urbano Hip (quadril) Hop (balançar).

O Hip Hop nasce em uma festa, mais precisamente, em uma festa de rua, a chamada block party, que inevitavelmente traz consigo as forças presentes na festa popular realizada num espaço público: autorrepresentação, celebração e diversidade. Uma festa que surge como possibilidade de vida frente à morte planejada a toda uma comunidade de excluídos, um momento único de comunhão. (NASCIMENTO, 2012, p.8).

3.2 Hip Hop: Falar é existir para o outro

O cenário do Bronx fez emergir essa manifestação artística a partir da diversidade de olhares culturais que compunham aquele território. É esse o palco do movimento urbano Hip Hop, que está além dos quatro elementos que o compõem, a saber: MC o/a mestre/a de cerimônias, o artista que canta as músicas e, geralmente, as compõe também; o/a disc-jóquei (DJ), que produz a festa pela música, organiza a sequência das músicas; o/a dançarino/a (*b.boy/b.girl*); e o/a grafiteiro/a, que tem nos muros da cidade as telas para expressar a realidade das ruas. O HIP HOP está além da soma de suas partes; trata-se de uma construção que possibilita o que os norte-americanos chamam de *life style*. Trata-se, pois, de um novo posicionamento no mundo, que permite o enfrentamento, o questionamento, a construção de identidade pautados por outras referências. Nesse sentido, cabe dizer que as letras do rap são carregadas de questionamentos, provocam reflexões a respeito das desigualdades sociais e raciais, fomentando uma consciência crítica a despeito do *status quo*, daquilo que é dado como pronto e natural (NASCIMENTO, 2012).

Desse modo, esse importante movimento se configura historicamente pelos questionamentos sociais e posicionamento político. Os mestres de cerimônia, os “rappers”, assumem o lugar de narradores urbanos, descrevendo suas trajetórias no ensejo de trazer uma valorização positiva sobre si mesmo e, do mesmo modo, sobre o território em que constroem suas vidas. Nesse movimento a palavra é o instrumento usado para potencializar a mudança em detrimento da violência física.

Para Ana Lúcia Souza (2011), é tido como letramentos de reexistência:

Os letramentos de re-existência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da

língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal” (SOUZA, 2011, p. 36).

Nessa perspectiva, não apenas se ampliam as práticas de letramento, como também a possibilidade de recontar a história “descolada” dos significados apresentados pelo discurso hegemônico e ideológico, como já vimos. Nascimento (2012) defende o Hip Hop como resistência à morte planejada por um Estado. Para a autora, o movimento constrói possibilidades na impossibilidade imposta, um movimento urbano que nasce pela urgência da vida.

O movimento se espalhou pelos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, chegando ao Brasil entre as décadas de 1970-1980. Nos anos 1990, evidenciam-se as relações de luta e resistência, relacionadas à cultura e à festividade, mas também à noção de educação, ocupando inclusive espaço de educação formal e não formal (SOUZA, 2011). Embora tenha suas origens na América do Norte, no Brasil o movimento ganhou outra configuração, principalmente porque os grupos brasileiros incorporaram elementos do contexto nacional e local, estando presente na maioria das periferias do país. No Brasil se configura como um movimento social juvenil, sustentado pelo protesto das injustiças sociais a que são acometidos, possibilitando, desse modo, o desenvolvimento de uma formação política e, conseqüentemente, um saber crítico da realidade.

Lembro-me de quando trabalhei na Secretaria de Assistência Social e Desenvolvimento, na prefeitura de Diadema, em 2004: os jovens que eu recebia no Centro de Referência da Juventude, por meio de diversos programas de educação e de transferência de renda, vinham de diversas favelas da região e tinham no Hip Hop um acesso ao mundo. Tinham no movimento a possibilidade de se inscrever no mundo a partir de um novo enredo; viviam a possibilidade de reinventar-se a partir da experiência de ser afetado e também de afetar o outro de um novo lugar subjetivo. Foi por meio de oficinas com letras de rap que pudemos avançar num programa que tinha como objetivo possibilitar a educação digital aos jovens. Para que pudessem aprender a usar o Programa Word, tínhamos como estratégia a elaboração de raps. Embora muitos erros gramaticais fossem presentes, a criação e a originalidade das letras garantiam o sucesso das oficinas no sentido de trazer elementos essenciais para a compreensão da dinâmica que cerceavam aqueles jovens e a partir daí, contestá-la. Desse modo, as problematizações não partiam de elucubrações teóricas ou verdades históricas que diminuía ainda mais sua condição de vida, mas sim, da referência

concreta daquilo que, de fato, era possível fazer. Nossos encontros eram permeados por vivências e sobre a possibilidade de se reinventar no meio do caos, encontrando um novo lugar subjetivo, marcado pela valorização de sua história.

Souza (2011) defende que o sistema de educação predominante tende a segregar as práticas de letramento respaldadas na oralidade, desvalorizando-as em favor do letramento escrito, apoiado no modelo europeu. Assim, as leituras das comunidades tradicionais e também de negros, influenciadas pela tradição oral, não tiveram e, ainda não tem, muito espaço de disputa com os textos de leitura e escrita europeus depositados¹⁸ nas escolas. Além disso, o fato de as letras trazerem consigo sugestões frente aos problemas narrados traz à tona a crítica do cenário social, por meio da possibilidade de questionar a experiência vivida, no lugar de absorvê-la como “natural”. Trata-se, portanto, do fomento a um novo posicionamento subjetivo, que está além da crítica apontando uma nova possibilidade de posicionamento social.

Para a abordagem que fundamenta essa pesquisa, o homem é tido como sujeito histórico, mediado pelas condições culturais e sociais presentes em seu movimento, o que o torna mutável. É pela ação humana significada no mundo social que o homem cria suas condições de existência, por meio de uma relação dialética entre sujeito e sociedade sem que nenhum de dissolva no outro, muito embora se misturem. Dessa maneira, seu psiquismo é determinado pela condição concreta da vida, e não o contrário. Nesse sentido, problematizar as vivências é também fomentar um novo lugar subjetivo.

O Hip Hop tem sido considerado como cultura de rua que envolve ações culturais comunitárias, pela promoção do encontro de jovens que formam na periferia grupos artísticos e políticos intencionados em intervir política e culturalmente, de uma forma não tradicional de fazer política (LOURENÇO, 2010).

Esse é o cenário construído pelo movimento Hip Hop, que ecoa a luta pelo direito à liberdade de questionar a “ordem”. O movimento Hip Hop mantém-se forte até hoje, servindo como base de repertório histórico para novos movimentos culturais e políticos uma vez que engendra outras possibilidades de uso da linguagem, construindo novos significados para o que é a marginalidade. O movimento abriu espaço, inclusive, em São Paulo para novas

¹⁸ Usamos o termo de depósito fazendo referência ao educador Paulo Freire e seu conceito de “educação bancária”, que não permite a construção crítica do conhecimento. Nesse sentido, o discurso ideológico, tido como conhecimento, é depositado nas crianças e jovens sem que se possa provocar reflexões a respeito do que é dito. Paulo Freire a Pedagogia do Oprimido, 1996.

leituras da periferia produzidas dentro dela e para ela. Entre os desdobramentos, destacamos os diversos saraus que passaram a ocupar a cena da periferia, com destaque para a Cooperifa, idealizada por Sergio Vaz, e o Sarau do Binho, ambos realizados na zona sul da cidade de São Paulo. Nesses eventos, em que os moradores se reúnem para declamar poesias, o que se observou é que tal prática acabou por afetar positivamente, o que se evidencia pela mudança nos índices estatísticos do espaço, em relação, em especial, a assassinatos e alcoolismo. Esse movimento de arte poética contribuiu para dar novos significados e leituras à periferia, agora produzidos pelos próprios moradores. Desse modo, edifica-se uma geografia afetiva, direcionada às vivências apreendidas no cotidiano da comunidade, que se distancia da ideia de carência e se aproxima de riqueza cultural (Tennina, 2013). É por meio dessa configuração que se permite a produção de saber com propriedade, a voz periférica se vê legitimada, pois, é o próprio periférico que poderá falar com autoridade sobre sua trajetória.

Até meados de 2012, os principais movimentos de cultura urbana da cidade de São Paulo se concentravam na zona sul da cidade. O poeta Sergio Vaz, como dissemos, é o idealizador do projeto Cooperifa, uma cooperativa de poetas da periferia que se apresentam num bar da zona sul desde os anos 90 - um evento belíssimo que tive a oportunidade de conhecer. Atrás do palco, há uma faixa grande em que se lê "*O silêncio é uma prece*", que serve como um pedido de respeito aos poetas e ao público presente que está lá para ouvir a declamação. O Sarau do Binho, que até 2012 acontecia em endereço fixo no Campo Limpo e depois, a partir de uma notificação da prefeitura que impediu sua realização no local, passou a acontecer de forma itinerante principalmente nas escolas da região. Há também o Samba da Vela e demais eventos importantes que marcam a cena cultural da cidade. Assim, a zona leste estava carente de um evento que tivesse a dimensão desse porte, que é o de aglutinar pessoas e promover um show de talentos que fomenta uma consciência histórica e crítica da realidade, além de promover uma batalha sem que se utilizem de armas.

Cabe ressaltar que foi durante os anos de 2003-2011 que os diálogos entre governo e periferia ficaram mais próximos, havendo um importante reconhecimento aos movimentos culturais desses territórios. Foi um período em que foi possível desenvolver uma série de programas de fomento comunitário, reconhecendo espaços e grupos de cultura periférica, dando dessa maneira, visibilidade a essas valiosas iniciativas que tem um histórico de cortes e exclusão, como vem ocorrendo no atual governo.

Entretanto os movimentos de arte vêm ganhando cada vez mais independência e adquirindo um contorno próprio. Atualmente, são muitas as modalidades de financiamento coletivo que viabilizam diversos e distintos projetos comunitários, possibilitando, assim, a atuação da sociedade civil sem subsídio ou parceria do poder estatal. Dentre esses novos formatos de arte periférica, destacamos, enfim, o Slam, uma modalidade da poesia falada (“*spoken word*”, no original em inglês), que vem desde 2008 ocupando cada vez mais território no solo brasileiro.



Autor desconhecido

Estado Slamico

Eu poderia entrar para o Estado Slamico e instaurar o terror no país do carnaval. Afinal, eu já tenho cara de árabe. Até um sobrenome que é assimilado a um califado nem preciso me mudar pro Oriente para ser um jhadista me torno um lobo solitário e eles reivindicam o atentado. Eu deveria entrar para o Estado Slamico pra vingar comunidades dizimadas, florestas desmatadas em nome da ordem e do progresso. Enquanto eles lucram nós trabalhamos em excesso. Nem precisava de explosivos já carregamos nos intestinos alimentos transgênicos cancerígenos. Eu aderiria ao Estado Islâmico pela devoção a um deus que guiou o exército e venceu os bizantinos acabando com o império romano. Abençoados venceremos os europeus e os norte-americanos é contra a parcialidade da grande mídia que satiriza Maomé e demoniza outras crenças. Eu sei qual lado vocês estão com quem financia e garante sua concessão. Marretas nas estátuas do Borba Gato, Bandeirantes, Duque de Caxias e em todos os símbolos da aristocracia com um caminhão desgovernado invadir o showmício atropelando centenas de bolsominions. Imagina as fotos na capa em frente a bolsa de valores com uma faca ir acertando todos de terno e gravata. Oh meritocracia, a sua polícia não é londrina, aqui ela só chega rápido de se for para cobrar propina e, pra concluir, vou estourar pato para provar que foram vocês que fizeram o pacto. Ah, eu não posso entrar pro Estado Islâmico...Devo dar valor a vida e acreditar em um deus misericordiosos. Inocentes morrerão, inocentes não morrem todos os dias pelo Estado Cristão ? Vocês são heréges não respeitam nem seu princípio religioso. Séculos de dominação ocidental o que mudou Quem governa ? Quem são os oito homens mais ricos da Terra ? Eu quero ver a origem, a etnia, o gênero, a religião, a cara! Eu quero as oito cabeças decapitadas. Não tenho o que perder, não tenho o que temer, tenho que abalar seu poder. É fogo na capital financeira, fogo no portal do Citibank Hall, fogo nas igrejas neonazistas. Podem vazar, injustos, porque o Leão chegou para libertar! Eu tive um sonho que o estado da Palestina seria aqui, na América Latina, na faixa de Gaza só homens bombas, na guerra é tudo ou nada. Vamos para Brasília explodir o Congresso Nacional e o Palácio da Alvorada. Eu poderia ter entrado para o Estado Islâmico, mas eu nem posso ver sangue, me dá agonia, sou um romântico. Quero mudar o mundo pela poesia! .E o único lugar que consegui me filiar foi no Estado Slamico

Emerson Alcade

3.3 Slam: a batalha de poesias.

Assim como o Hip Hop, o Slam floresce em locais periféricos onde a luta pela vida é condição do dia-a-dia, marcados por situações de injustiças sociais, exclusão e morte, os poetas se reúnem para declamar seu cotidiano num espaço demarcado pela necessidade da fala, da escuta, conseqüentemente a produção de novos sentidos e significados que permeiem as vivências ordinárias.

Foi Roberta Estrela D'Alva, atriz, MC (“Mestre de Cerimônia”), diretora musical, pesquisadora, apresentadora de um programa na TV Cultura: Manos e Minas, poeta, Slammers quem trouxe o Slam ao Brasil num esforço, bem sucedido, de popularizar a poesia falada. Foi no *Green Mill Jazz Club*, um bar de Chicago, que um operário da construção civil Mark Kelly Smith em conjunto com o grupo *Chicago Poetry Ensemble* criaram um show-cabaré-poético na intenção de divulgar a poesia falada (*spokenword*). O termo Slam é “emprestado”, segundo D'Alva (2012), dos torneios de *baseball* e *bridge*, para nomear as performances poéticas e as competições de poesia. Neves (2017) explica que o termo é uma onomatopeia do idioma inglês para indicar o som da batida de uma janela ou porta um movimento, algo próximo ao “pá” na língua portuguesa.

Esse novo formato de declamar poesia se espalhou em diversas regiões nos EUA e, em 1990, ocorreu o primeiro *National Poetry Slam*, em São Francisco, ganhando visibilidade em diversos países europeus, resultando na I Copa do Mundo de Slam em 2002.

3.4. Slam no Brasil

Co-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, o ZAP! - Zona Autônoma da Palavra -, Roberta Estrela D'Alva, foi a primeira brasileira a conquistar um lugar na Copa do Mundo de Slam. Para D'Alva (2014), o Slam é um movimento político-poético que possibilita que o conflito, a convivência com a diversidade e a celebração transformem-se em possibilidade de diálogo para o enfrentamento e superação das condições de existência das comunidades periféricas. Desse modo, Roberta defende o Slam como um espaço democrático de produção de poesia, em que as pessoas assumem o microfone e seu lugar de fala para contarem quem são, de onde vêm e como percebem o mundo, co-construindo um espaço de partilha para as dores e potências, ou seja, para os afetos.

Para Emerson Alcade, fundador do segundo Slam do Brasil e do primeiro Slam de rua da América Latina: “o Slam da Guilhermina”, em entrevista à autora entende que os jovens, inspirados pela literatura marginal, narram suas trajetórias, sentem-se autorizados a falar sobre a forma como a vida social os afeta. Constrói-se, desse modo, espaço para o “desabafo” artístico, criam-se possibilidades concretas de estar entre os iguais e fazer da vida poesia sem preocupar-se com a estética normativa. Dessa maneira, o Slam rompe com um padrão de linguagem culta e elitista para abrir espaço à literatura marginal e à oralidade. Uma provocação positiva para pensar naquilo que aparece como “natural” por meio do incentivo à leitura e a apresentação de autores a uma camada da população que não tem acesso aos livros. Com efeito, o Slam se configura como um movimento social de resistência que brota em resposta às opressões econômicas culturais e artísticas, trazendo às questões do agora nessa nova ágora que se constrói a cada gincana.

O Slam é uma ágora é um espaço de encontro um espaço para as pessoas que não têm voz gritarem, falarem, colocarem pra fora, reivindicarem. O Slam, na verdade, acho que é um ponto de equilíbrio dessa babilônia, um ponto de resistência de reexistência pra gritar que estamos aqui, que estamos produzindo, fazendo e exigimos coisas melhores pra gente, basicamente, é isso. (Cleyton Mendes, Slammer, em conversa com a autora)

Emerson Alcade, em entrevista à autora, conta que, depois de participar da Copa do Mundo do Slam, na França, em 2012, queria fazer algo diferente no território brasileiro e, assim, fundou o primeiro slam de rua no Brasil, servindo de inspiração para muitos outros que viriam *a posteriori*. Em países europeus e nos EUA, os slams ocorrem em locais privados e, em função da presença de políticas públicas, garante-se um outro formato à poesia, diferente do que ocorre aqui: no Brasil, é preciso ocupar os espaços públicos para que a poesia chegue à periferia. Diante desse histórico, Alcade defende que a poesia ganhou um conteúdo mais próximo do “desabafo artístico” de que uma estética poética, que por sua vez resultou no fomento à construção de comunidades como em nenhum outro país.

A poesia produzida no slam possibilita que a narrativa das vivências cotidianas e singulares sejam coletivizadas. Nesse sentido, o espaço da gincana constrói um produto cultural que atravessa a história da humanidade demarcando a história de uma época. Assim como defende Vigotski (1999), o sentimento é inicialmente individual, mas por meio da obra de arte, torna-se social, generaliza-se. O movimento permeado pela forma como se apresenta questiona, balança, cria uma nova cor e um novo cenário de possibilidades a todos os atores envolvidos, desde os organizadores, chamados de slammaster; as e os poetas, que são os:

slammers, e a plateia. Trata-se de uma rede que envolve uma série de mediações e unidades de contrários. Por exemplo, se há potência para construir objetivamente e subjetivamente um novo lugar, que se dá pelo exercício da militância, de outro lado, a escuta dos afetos permite acessar a dor de um passado, presente e futuro a partir da estrutura que está colocada, ao mesmo tempo em que dá abertura para novas possibilidades. Reconhecer-se negro, é, segundo as e os slammers, reconhecer-se em um lugar de luta constante permeados pela dialética da resistência e sofrimento.

O Slam é um movimento urbano de enfrentamento político em que as pessoas têm a possibilidade de conhecer autores, que não conheceriam no ensino formal, desenvolver visões de mundo, construir posicionamentos críticos, e em alguns casos, podem vir a tornar-se autores da literatura marginal, ou seja, sua arte passa a ser produzida à margem do sistema. Desse modo, a participação no slam cria possibilidades externas referentes a um trânsito profissional que é indissociável do pessoal. Muitos dos slammers iniciam sua carreira como poetas, vendem seus fanzines durante as arenas, financiam seus livros, recorrendo, inclusive, a financiamentos coletivos (*crowdfunding*¹⁹) e passam a viver de sua arte. Materializa-se, assim, o surgimento de produções independentes, elaboração de conteúdos digitais disseminados pelas redes sociais que dão visibilidade ao movimento. Muitos slammers participam de circuitos com o SESC, apresentam suas poesias, são convidados a participar de eventos, declamar em universidades, participar de debates, sendo remunerados por esse novo ofício. Nesse novo contexto, os poetas apropriam-se de um lugar de fala que é material e simbólico, anunciam suas trajetórias e, desse modo, rompem com um discurso hegemônico de universalidade que, na verdade, é excludente. E, assim, argumentam, protestam, comungam, se afetam, afetam o mundo e demarcam territórios.

Do ponto de vista dessa demarcação de territórios, ponderamos sobre o cenário marcado pelas políticas neoliberais, em que o planejamento urbano e o direito à cidade sempre estiveram a serviço das grandes corporações. Desse modo, as periferias estão sujeitas a uma série de dificuldades no seu cotidiano, o que inclui, principalmente, a negação de direitos sociais. Assim como Santos (1999) não nos é possível conceber o sujeito sem considerar sua dinâmica social; pois, há uma relação de interdependência entre o espaço e a subjetividade. O território é parte constituinte do sujeito, configurando-o subjetivamente. Entre o ir e vir da periferia ao centro, há um caminho que modela uma posição subjetiva, que

¹⁹ Financiamento coletivo: o empreendedor apresenta sua ideia ao público, dizendo quanto precisa arrecadar e qual a data limite para alcançar este feito.

demarca um lugar para cada sujeito na história, pois, é na cidade e, em função das circunstâncias sociais e econômicas, que nos inscrevemos no mundo. Dito de outra forma, é a partir do lugar social que ocupamos que teremos maior ou menor acesso às oportunidades.

O Slam nasce da periferia da necessidade dessa galera ter voz, na contra mão desse movimento que vem da cultura branca que se coloca como a cultura que deve ser admirada, celebrada, ver a força que vem deles, com essa galera que é desacreditada, que é relegada de todos os seus direitos...Ninguém considera essa população a não ser como mão de obra... Aí o pessoal vem e cria o seu próprio movimento, a sua própria cultura, a sua verdade. É algo novo que precisa expandir, criar cada vez mais espaços, levar sua realidade, sua visão de mundo. (Raul, 55 jornalista da plateia, em entrevista à autora)

A cena do Slam está além de uma batalha de poesias, é um espaço marcado pela celebração, pelos bons afetos, pelo sentimento de pertencimento a uma história e a um povo. Desse modo, é um movimento que produz raízes, pois possibilita que todos presentes se localizem a partir de uma narrativa pertencente a um tecido social e histórico que rompe, em alguma medida, com o formato de desamparo vivido cotidianamente.

O sistema neoliberal incentiva políticas de individualização, na medida em que fomenta a competitividade em detrimento das relações de solidariedade e projetos coletivos por meio da identificação entre poder político e econômico destacando o mercado como principal beneficiário. Na contramão desse sistema, a declamação das poesias possibilita aos presentes localizar a experiência individual, dos afetos narrados, dentro de uma trama, de forma que o sujeito não pode mais ser responsabilizado por aquilo que o acomete, pois há um entendimento que aquela experiência ocorre em função de uma estrutura social construída historicamente e que produz subjetividades num cenário desigual, gerando sofrimento. Com efeito, a localização social do discurso permite identificar a origem do sofrimento que decorre do movimento histórico e social, assim, há identificação com a narrativa e, por conseguinte acolhida dos afetos.

Só agora eu comecei a escrever a minha aldeia, a minha aldeia vive perto de mim, a minha aldeia está dentro de mim, Fecho os olhos, tampo os ouvidos e escuto minha aldeia. A minha aldeia não sai de mim, ela é a minha cicatriz tatuada. (Maurinete Lima, Aldeia)

3.5.A periferia é poética

A construção de uma arena de poesias coloca a periferia em outro lugar, pois, a evidência a partir de sua potencialidade, sua potência de vida, trata-se de um movimento que nasce em seu seio e registra uma autovalorização a partir da habilidade de construir um espaço de diálogo em que é permitido narrar os afetos: as angústias, alegrias, tristezas e saberes, fazer arte e reescrever a história. Desse modo, abandona-se um lugar marcado exclusivamente pelas escassez e violências que, em geral, demarcam os territórios periféricos dando espaço para o empoderamento e a produção de arte que fomentam a promoção de estratégias coletivas para o enfrentamento da experiência vivida.

Em campo foi possível constatar que a gincana de poesias tensiona a estrutura de poder da sociedade patriarcal e racista, que legitima apenas o discurso do homem branco heterossexual. No espaço construído democraticamente na gincana de poesias possibilita que aqueles considerados como “outros”, “fora da norma” na estrutura da sociedade, passam a ocupar espaços de fala, e de existência que anunciam uma localização social contribuindo para a reflexão não apenas sobre o lugar ocupado pelas pessoas negras, mas igualmente, pelas pessoas brancas e de como esse lugar também deve ser re-pensado. Nesse sentido, coloca-se em evidência como as relações sociais são atravessadas pelas questões raciais e que ambos os lugares devem ser problematizados. Nessa configuração, a gincana de poesias é território para construção de estratégias que rompem com as estruturas opressoras do sistema, é por meio da poesia que se encontram novas formas de estar no mundo.

É um movimento, mas é também um encontro de autorrepresentação, já que são os periféricos, por eles e com eles, que constroem o show da poesia falada, descortinam a história, acessando a dor e a potência num movimento dialético. Na medida em que as demandas comuns ao povo preto são colocadas em pauta, anuncia-se a possibilidade de construir uma outra forma de ser e estar no mundo, levando-se em conta as emoções que permeiam esse processo.

Eu sou a contraindicação favelado com livro na mão! Valeu, Alessandro Buzzo pela inspiração! Literatura periférica é minha ostentação. Então toma! Poeta preto tipo Luis Gama poderoso como Obama mais perigoso que o Osama! Sou racional, filho. Sou negro drama. Eu tô pela leste, pelos loucos, nordeste, meu povo! Papo reto tipo Jebbie de boxeador, curto e direto exijo mais respeito por favor Eu não vim pra esclarecer eu vim pra escurecer tipo Macolm X tipo Kunta Kinté. Tô com o machado de Xangô e a leveza de um erê. Vou ressaltar a minha cor doa a quem doer E, olha que ironia, olha que ironia, os meus erros de português, vira gíria e os boy copia! Diretamente da periferia, eis aqui mais um representante do fundão. Nos meus versos protesto

contra a covardia, protesto contra a discriminação. E o sistema gela quando vê um livro na mão do pretinho da favela. Tentam nos ludibriar com novela mentira na tela propagam mazela mas e não dou guela fecho com Marighella sou formado em viela meu professor Mandela! E esse Apartheid uma hora vai desmoronar! Racistas covardes vão ter que se curvar! O império Axante contra ataca. No olhar o brilho constante pra iluminar as mentes opacas. Nosso exército tá fortemente armado atirando poesia, crônica, rima e verso pra todos os lados. A sua educação privada não vai nos privar de mais nada, pois todo dia surge um sarau novo na quebrada E tamo fazendo mais lançamento que a NASA, vai segurando! Vamo tomar a casa grande de assalto, Poeta suburbano colocando a periferia lá no alto! Ainda tem muita coisa pra mudar, ok, eu tô ligado mas quem um dia ousou nos humilhar vai nos ver exaltado com o punho cerrado Pic Pantera no topo do pódium. O sorriso de um favelado em muita gente ainda causa ódio, mas, para mim, o sorriso negro é felicidade e meu povo não pede arrêgo tamo em busca de igualdade ei, povo escuro, ei, povo escuro você tem muita luz, mais ainda, quando coloca um sorriso na cara. Inspiração Carolina Maria de Jesus as forças vem de guerreira Dandara, poesia e RAP no mesmo proceder batendo de frente até o fim não podemos esquecer da Revolta dos Malê da importância de Luis Amarrim. E aí, já deu pra entender que isso aqui é a revolução: preto periférico e poeta, muito prazer eu sou a contra-indicação. (Cleyton Mendes, Eu sou a contra-indicação)

3.6. A arena e as regras do jogo

“A poesia me fez ter interesse pelos livros, pela história mudou meu rumo e minha trajetória e hoje eu tô certo de que vou no caminho certo, rumo a vitória”. (Beká, Slammer).

As regras da gincana são definidas previamente e sempre acontecem no mesmo formato. São três etapas: na primeira há inscrição de todos (as) os (as) slammers presentes e, em alguns casos, pode ocorrer um limite à inscrição dos (as) poetas de acordo com o tempo disponível para o evento. Não há regras sobre o formato e o conteúdo das poesias, todas as poesias declamadas são de autoria própria e não podem ultrapassar três minutos. Os participantes utilizam-se apenas de seus corpos para dramatizar suas palavras. Há aqueles que iniciam a poesia com versos de músicas, cantando para servir de introdução ao conteúdo que está por vir. Podem ler e recomeçar, se for necessário. Utilizam-se, em geral, de seus aparelhos celulares para recorrer ao texto em caso de esquecimento. Nos casos em que o poeta pede para recomeçar sua performance, geralmente é acolhido pela plateia por meio de aplausos ou movimento das mãos girando para um lado e para outro, o que simboliza o envio de “boas energias”. É também comum que a plateia grite: *“uhu, força, mostra (o), favela, maloca”*.

Para que se inicie a batalha, os e as slammasters convocam os participantes ao palco por meio de sorteio. Há sempre um integrante da equipe dos organizadores que é eleito para controlar o tempo de cada apresentação e para fazer a somatória das notas que classificam ou desclassificam os slammers em cada etapa. Nos casos em que o tempo de três minutos para a performance não é respeitado, a pessoa eleita para essa função sinaliza levantando a mão e toda a plateia faz o mesmo sinal, indicando ao poeta o tempo limite, que tem até dez segundos para finalizar. Caso não consiga, perderá meio ponto de sua pontuação total. Os jurados são escolhidos na plateia instantes antes da abertura. Em geral, a escolha ocorre de forma voluntária com as pessoas da plateia, desde que não sejam amigos dos slammers que participarão da gincana daquela arena. Recebem placas para atribuir notas de 0 a 10, que podem ser fracionadas, notas inferiores a 10, em geral, recebem vaias e em coro o grito da plateia, “Credo!” e, nos casos da atribuição da nota máxima, a plateia celebra com um sonoro “Pow”! Encerrada a primeira etapa, apenas cinco poetas são classificados para continuar batalhando, e da segunda para a terceira etapa, seguem apenas três, sendo apenas um que sairá vencedor ou vencedora. A vencedora ou vencedor sempre é presenteado com livros, abraços e beijos.

3.7. Slam Interescolar: “Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas!”

O Slam interescolar mudou tudo na minha vida eu comecei a fazer os textos e todo o dia eu decorava, foi um sonho que com muita luta a gente conseguiu. Vai ficar marcado. Eu já tinha passado muita coisa na minha vida mas eu não entendia, eu sofria e deixava de lado, pensava que tudo eram flores mas agora eu sei que é muita luta que a gente precisa encarar. A poesia é uma forma de lutar, antes eu não entendia, agora eu entendo (Luísa, 13 anos).

Depois de competir na França e fundar o slam da Guilhermina, Emerson Alcade idealizou o slam Interescolar sem nenhum subsídio do poder público, visitou diversas escolas da zona leste, palestrou sobre a essência dos saraus nas periferias e seu histórico. No fim do primeiro ano, em 2015, conseguiu envolver quatro escolas públicas para a realização do slam Interescolar. No ano seguinte, o número de escolas já era 19. Em 2018 já havia 52 escolas participando. Para Emerson, é essencial a disseminação da linguagem poética na periferia, como também uma oportunidade de incentivo à leitura a falar e ouvir, bem como, de estar juntos, celebrar e conviver.

3.8. Circuito de São Paulo a Paris

“...por cada moeda que minha mãe guardou numa caixa de sapato para um dia poder vir aqui mesmo que esse dia não tenha chego. A ponte vai ter que ser grande pra gente pendurar um cadeado por cada pessoa que tenta fugir da guerra e só encontra os portões fechados, por cada embarcação que não chegou, por cada choro que ninguém ouviu enquanto caíam bombas nos acampamentos de Calais. Por cada criança, por cada esperança que nadou mas morreu na praia. Quem arrombou todas as portas, e hoje tenta se esconder atrás de muros, precisa entender: Grande vai ter que ser a ponte! (Lucas Afonso, Slammer, poema: Ponte de Artes).

As batalhas de poesias acontecem de fevereiro a novembro, sendo novembro o mês em que ocorrem as finais de cada estado brasileiro - no caso de São Paulo, o SlamSP. Cada estado reúne os slams de suas cidades e elege, por meio da disputa, um representante que batalhará para disputar a vaga do SlamBr, que ocorre em dezembro de cada ano. O vencedor do SlamBr representará o Brasil na Copa do Mundo em Paris, na França. Na Copa do Mundo são vinte slammers de diversos países que competirão durante uma semana de dezembro no *Téâtre Belleville*.

Conhecer o Slam e participar das arenas possibilitou-me conhecer a força revolucionária da arte defendida por Vigotski (1999), que a concebe como fruto do desenvolvimento humano circunscrito a uma determinada realidade sócio-histórica, sendo capaz de avançar na temporalidade, indo além do momento presente. Nesse sentido, a arte, como produto cultural, é capaz de proporcionar a vivência de sentimentos e emoções não presentes no cotidiano, possibilitando a “suspensão” da condição de ser singular particular à condição de gênero humano universal. São nas produções artísticas e culturais que estão impressos os significados e as características tipicamente humanas produzidas ao longo da história social. Ao produzir arte, o artista condensa em seu produto suas complexas atividades e, do mesmo modo, aquele que tem acesso à arte, acessa não apenas o produto cultural, mas a tudo que a humanidade já avançou e produziu até o momento presente. Uma possibilidade de síntese entre o biológico e o cultural, um mediador entre o singular particular e o gênero humano.

“A arte é o social em nós, e o seu efeito se processa num indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais. ...O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções. ...A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixados nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade”. (Vigotski, 1999, p. 315)

Com efeito, o desenvolvimento dos processos psicológicos complexos é materializado e objetivado fora do homem o que, por sua vez, possibilita que outros homens tenham acesso a toda produção e conquista da humanidade até dado momento. A vivência de uma obra artística possibilita que um sentimento social transforme-se em pessoal sem deixar de ser social. Desse modo, a produção poética do slam contribui para o registro de um tempo histórico condensado em forma de produto cultural. Além disso, ao suspender as experiências vividas na esfera singular, registra o momento histórico vivido, permeado pelos afetos, em um lugar no mundo que passa a ser reconhecido e garantido pelos outros, o sentimento de pertencimento a uma história coletiva se materializa.

Auto Decaloro!

Pronto! Eu já me decidi vou ser branca, ninguém vai me impedir!

Não tô rouca, não tô louca! Não tona brisa!

Pra que ser negro, só se vitimiza ?

Vou agora provar, Preto no branco, branco no preto! Voltar ao curso da história, eu hein ?

Parece que preto Só te marcas de açoite. E não vivencias na memória. Preto não foi açoitado, preto não foi ultrajado, preto não foi estuprado! Não se faz de coitado, preto! O branco deu de bom grado! Preto não foi queimado, preto não foi espancado, preto não foi acorrentado, que é isso preto ? O branco deu de bom grado! Preto não foi abatido, preto não foi interrompido, preto não foi corrompido, preto não foi corrompido! Que é isso capataz ? Traz mais preto, traz ? O branco só quis ajudar o preto a máscara de ferro foi altruísmo, o branco só queira salvar o preto do alcoolismo. As correntes atadas, nos pés, nas mãos e no pescoço ? Não era pra branco se divertir. Buscava curar no preto o vício de fugir! Ironias a parte, vamos por as cartas na mesa preto não teve chance de saber que tua raça tem beleza! Antes era o reflexo em sua maioria. Hoje é espelho estilhaçado! Na busca do resgate de sua própria identidade

Deusa

4. Percalços da Pesquisa: incômodos, conquistas e avanços

Em minha trajetória profissional, sempre estive envolvida com projetos sociais, trabalhando com populações que vivem a dialética da inclusão-exclusão perversa. Nessas experiências sempre me foi ofertada, além da possibilidade da escuta, a possibilidade da fala. Assim, sempre estive acostumada a ocupar um lugar de privilégios que me permitia falar sobre a maneira pela qual eu apreendia determinada realidade e, do mesmo modo, expor minhas análises críticas sobre o que encontrava e percebia como estratégias a serem eleitas para elaborar alguma ou outra experiência. Contudo, a presente pesquisa me ofereceu um outro lugar, um lugar que eu ainda não conhecia, o lugar de quem não está autorizado a falar em determinado território. Era a primeira vez que eu estava na periferia e ninguém estava interessado em me ouvir, pelo contrário, o conteúdo das poesias me convidava a ir embora...

“...A periferia não é palco do seu tcc...” “ Ei, pesquisador, você que pesquisa a dor que não é sua...”

No entanto, eu não tinha vontade de ir embora, confesso. Eu sentia toda aquela potência e não estava disposta à abrir mão de tudo aquilo sem que pudesse registrar e analisar os desdobramentos provindos desse movimento urbano. O conteúdo declamado de forma inédita e inusitada, para mim, implicava-me questões éticas, questões, com as quais, eu ainda não tinha me deparado. Porque o racismo é, sim, estrutural e eu, que sou branca, falava desse lugar, em que não se costuma problematizar as vantagens materiais e simbólicas conferidas às pessoas brancas.

Desse modo, frequentar o Slam foi um exercício de aprendizagem contínua sobre a escuta e assimilação dos afetos do outro pela narrativa dele próprio. E, a partir dessa escuta, um exercício de apreender a condição da existência negra, bem como de apropriação do meu lugar de fala permeado pela reflexão do que é ser branca e ocupar espaços de privilégios. Assim, como assegura Djamila Ribeiro (2017), assumir o lugar de fala de pessoa branca implica reconhecer as vantagens que o racismo proporciona às pessoas brancas e contribuir para a desnaturalização desses fenômenos. Com efeito, exige uma postura ética, de como as pessoas que ocupam espaços de privilégios podem contribuir para uma sociedade mais equânime.

“Quando começamos a fazer o Usperifa o pessoal da FEA nos convidou pra fazer lá e foi muito interessante porque tinha um pessoal de uma outra classe social e um cara comentou que ele era cheio de privilégios e que nunca ia saber das coisas do nosso cotidiano se não fosse pela nossa boca...Acho muito

legal porque conecta as pessoas é muito mais um espaço de fala e escuta do que uma competição, acho que talvez olhando pro global tome outras proporções porque tem a Copa do Mundo do Slam tem outros torneios mas e tal, mas se você olha por dia-a-dia é uma conversa entre as pessoas que está acontecendo, a diferença é que a outra está totalmente quieta por três minutos te escutando e às vezes, ela nunca te ouviria se não fosse o contexto do Slam. Então é muito legal, a gente sempre fala se você ouvir alguma coisa que te ofender: “ai branco não sei o que...” a gente sempre fala não é sobre você, é sobre você mas não é sobre você em específico. A gente sempre fala disso e é muito legal porque cria umas coisas muito bacanas e vão surgindo umas mensagens que você percebe que as pessoas estão pegando o cérebro está rodando, estão refletindo...” (Midria, Slammer, idealizadora do Slam Usperifa)

4.1 Objetivo e Método

Considerada essa premissa ética, de que as pessoas que ocupam espaços de privilégios podem contribuir para uma sociedade mais equânime, o objetivo dessa pesquisa foi o de investigar quais os sentidos e significados produzidos a partir da experiência psicológica de participar do Slam. Como método de investigação, elegemos a pesquisa participante (Brandão, 1999) da abordagem qualitativa por ser capaz de investigar o processo pelo qual se constrói os sentidos e significados, pois se fundamenta nos princípios do materialismo histórico, tendo a dialética como principal ferramenta de análise (SAWAIA, 1999).

A pesquisa participante possibilita a inserção da pesquisadora em campo a fim de estabelecer contato com o território em que ocorre o Slam, as proximidades da estação Guilhermina Esperança, na zona leste de São Paulo. Durante a pesquisa pude conversar com diversas pessoas moradoras do bairro entre as minhas idas e vindas ao Slam, observando que a maior parte das pessoas que transitam no território, é de trabalhadores que perdem parte de suas vidas no deslocamento cotidiano ao centro de São Paulo. Vez ou outra que chegava mais cedo ou saía depois do término do slam, pude ir aos bares nas redondezas, prestando atenção ao comércio local, o serviço prestado, de forma que eu pudesse conhecer um pouco mais do território, investigando sobre a existência de contextos afetivos e culturais, sem muito planejamento e controle do que estaria por vir. Um fato muito interessante, ao meu ver, é que pude observar por diversas vezes jovens que pulavam a catraca do metrô para ter acesso aos trens - apenas uma vez vi acionarem a segurança-, entre os usuários parecia existir um sentimento de cumplicidade de forma que os jovens que estavam burlando o sistema não fossem impedidos de acessar os trens, ficavam todos em silêncio, ninguém anunciava a “transgressão”.

Embora meu campo de pesquisa estivesse demarcado, eu frequentei diversos Slams ao longo da pesquisa pude observar as e os *Slammers* em diversas batalhas. Além disso, também tornou-se, ainda que de forma restrita, possível observar a qualidade dos vínculos que iam sendo construídos entre eles, nos diversos cenários em que nos cruzamos. Os encontros eram sempre permeados por afetividade, era comum a demonstração de carinho, choro, abraços e palavras potentes. Os meninos se beijam, algumas vezes dizem que se amam. Também observei numa batalha específica, o campeonato de dupla de cinco regiões do Brasil, realizado num espaço privado: Selva, rua Augusta, no centro de São Paulo financiado pela Fundação Perseu Abramo (FPA²⁰). Nesse dia, a batalha estava permeada pela presença de afetos tristes, existia, além dos afetos que compõem a batalha, uma outra competição que não estava clara, para mim. Mais tarde compreendi que embora o Slam seja um território de afetividade e enfrentamento, é também marcado por contradições, sendo possível a presença de discursos e práticas que são combatidas nas poesias, como o sexismo, por exemplo.

Avalio que o fato de eles e elas me verem em diversos cenários fez com que construíssemos outro tipo de vínculo, além da pesquisadora-pesquisados. Assim, de alguma forma, fomos produzindo bons afetos. Fui convidada a participar da cerimônia religiosa do casamento de uma das poetisas, fato que me deixou muito honrada e, também avalio que demarca um certo desvio na relação entre pesquisadora e pesquisada, no sentido de estamos mais próximas, pois há sempre muita queixa das populações que recebem pesquisadores sobre a ausência de um retorno sobre os resultados da pesquisa. Em geral as pesquisas não se constroem por meio de relações horizontais na produção do conhecimento. Depois desse evento, as e os demais slammers começaram a me tratar de uma outra forma a partir de uma relação mais horizontalizada. Eu não estava ali apenas para pesquisar.

Com o tempo, a pesquisa participante guiou meu processo em campo, fui me integrando à arena, construindo laços com as pessoas que a compunham, entendendo sua perspectiva e assumindo sua luta como minha também. Nessa nova composição, as conversas informais transformaram-se importantes fontes de dados, além do diário de campo.

As entrevistas individuais também foram usadas posteriormente como instrumentos de coleta de dados a fim de que pudéssemos explorar determinadas passagens incorporando a história das poetisas ao contexto social. Ao longo da pesquisa, procurei me comportar de forma

²⁰ Projeto Brasil que o povo quer.

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2018/10/Slam-web.pdf>

que deixasse as duas poetas livres para percorrerem sua história sem interrupções, tendo apenas duas perguntas que eu gostaria que fossem respondidas: 1. Como ocorreu seu ingresso no Slam?; 2. Quais as mudanças que ocorreram em sua vida pós-Slam? Encontrei-me com cada poeta em particular, primeiro com uma e depois com outra. Marcamos o encontro e, em ambos os casos, deixei que elas escolhessem o local de melhor acesso. A primeira poeta pediu que fosse no Sesc Belenzinho, o primeiro encontro e depois nos reunimos no Sesc 24 de Maio também a seu pedido, a segunda poeta, pediu que fosse na Av. Paulista, na Livraria Cultura, depois de lá almoçamos juntas no Viena.

Definido o objetivo, os estudos sobre a construção da raça e racismo como constructos ideológicos forneceram-me respaldo teórico para que eu pudesse transitar no tema, bem como exercer maior empatia ao conteúdo que estava sendo exposto, e por fim recorrer a eles para fundamentar a análise dessa pesquisa, localizando a fala dos sujeitos num recorte teórico.

Apresento, a seguir, uma tabela com a intenção de explicitar ao leitor o universo da amostragem dessa pesquisa. Além das poetas que entrevistei, considere todos os sujeitos com os quais estabeleci algum tipo de conversa, mesmo que informal, para compor o quadro. Dentre esses há falas desses sujeitos no decorrer do presente texto. Destaco, ao lado da profissão, os que estavam presentes na arena apenas como plateia:

| Nome | Idade | Ensino | Profissão |
|------------------|-------|--------------------|--------------------------------|
| Isaac | 15 | 1 ano ensino médio | Estudante, slammer |
| Emerson Alcade | 36 | Pós graduado | Educador, Slammer, MC, Ator |
| Cristina Almeida | 35 | Pós graduada | Professora |
| Raul | 57 | Superior completo | Jornalista – plateia |
| Jéssica | 18 | Ensino médio | Estudante slammer |
| Cleber | 22 | Ensino Medio | Slammer Entregador, escritor |
| Francisca | 24 | Ensino médio | Slammer, escritor |
| Tatiane | 19 | Graduanda | Estudante Slammer, Slammaster |
| Patrícia Meira | 30 | Ensino médio | Slammer, slammaster, escritora |
| Agnes | 27 | Graduanda | Slammer |
| Bruna | 15 | Ensino médio | Estudante slammer |
| Thiago | 25 | Graduando | Estudante slammer |
| Renato | 21 | Graduando | Estudante slammer |

| | | | |
|----------|----|--------------------|----------------------------|
| Bruno | 15 | Ensino médio | Estudante slammer |
| Jéssica | 22 | Graduanda | Estudante slammer |
| Bruna | 15 | Ensino médio | Estudante slammer |
| Roseli | 45 | Pós graduada | Assistente social. Plateia |
| Carlos | 28 | Ensino médio | Slammer e Jardineiro |
| Laura | 13 | Ensino fundamental | Estudante slammer |
| Priscila | 30 | Ensino Médio | Slammer |
| Melissa | 21 | Graduanda | Slammer |
| Cleyton | 30 | Ensino Médio | Slammer |
| Caio | 28 | Ensino Médio | Slammer |

4.2. O caminho se faz ao caminhar

Inicialmente, pensei em pesquisar dois slams para poder fazer um recorte ou mesmo um estudo comparativo desse modo, elegi o Slam da Resistência que ocupa o centro de São Paulo, na Praça Roosevelt, e o Slam da Guilhermina, ao lado da estação de metrô Guilhermina- Esperança, linha vermelha do metrô de São Paulo. No entanto, no decorrer da pesquisa, logo após as primeiras visitas, entrei em contato com Emerson Alcade, e marcamos uma entrevista em que pude compreender seus objetivos ao fundar o Slam da Guilhermina e ao mesmo tempo conhecer parte de sua história. Continuei indo aos dois slams, no entanto, com o tempo, passei a ter mais facilidade de construir vínculos com o público que frequentava o Slam da Guilhermina, acredito que o formato da arena e o próprio espaço físico agiram como facilitadores para minha inserção em campo, a facilidade de sentar ao chão ao lado de alguns Slammers trouxe aproximação física Além disso, o Slam da Guilhermina ocorre em bairro, diferente do centro, que tem outro fluxo de pessoas, no bairro, as pessoas se reconhecem e se reencontram no território. O centro é marcado pelo trânsito das pessoas; em geral, os participantes do Slam da Resistência não têm na Praça Roosevelt um reconhecimento daquele espaço como seu território. Ocupar a Praça Roosevelt é um protesto, uma resistência e enfrentamento; as pessoas não moram lá, estão lá para fazer arte, para trazer a cultura da periferia ao centro, um ato político de resistência que traz coerência à proposta do Slam que chama Slam da Resistência.

Figura 1. Slam da Resistência



Foto: Ponte Jornalismo Figura 1

Depois de determinado tempo frequentando diversos slams, tornei-me assídua do Slam da Guilhermina, frequentando outros eventos de acordo com a minha agenda: se tinha disponibilidade eu ia, já que não tinha o mesmo compromisso que estabeleci com o da Guilhermina.

Lembro-me de uma das primeiras vezes que fui ao Slam e ouvi pela primeira vez um dos ganhadores do Slam Interescolar declamar na Guilhermina, expressando toda a potência de vida que reverbera na periferia e sua essência política:

“Não precisa de cadeia para salvar os moleques da quebrada, sarau sara²¹” (Isaac Quaresma 13anos)

Nesse contexto foi possível observar a teoria de Espinosa (2009) sobre os afetos e a composição dos corpos. O processo de educação popular produzido na cena do Slam está pautado nos afetos, bem como na busca da liberdade e da autonomia. Os corpos se compõem na arena aumentando a potência de vida, isto é, os participantes da arena ampliam seu território de ação no mundo, vivem a experiência de olhar para, depois, andar por outras direções. Existe um repertório de vida que é ampliado por meio da linguagem poética do slam e, por isso, é considerado como um letramento de re-existência que, por sua vez implica na

²¹ <http://www.tonorumo.org.br/2019/01/slam-interescolar-das-ruas-para-escolas-das-escolas-para-ruas/>

habilidade de fazer uma leitura crítica da realidade em que estão inseridos e atuar no mundo de forma a transformá-la.

Fomos construindo nossa relação Emerson, Cristina e eu. Conversava também com o Chapéu, todos organizadores, Slammasters do Slam da Guilhermina. Assim, fui me aproximando dos Slammers e de todos os que estavam nos bastidores do evento. Frequentar outros espaços em que eles estavam contribuía para o fortalecimento do nosso vínculo, como já mencionado.

No desenrolar da pesquisa de campo tivemos a notícia do assassinato da vereadora do PSOL Marielle Franco. Na ocasião, estive junto com o corpo discente e docente da PUC na organização de um ato público em repúdio à sua execução. Convidamos diversos coletivos negros de arte para compor esse evento, o Slam da Guilhermina foi um deles, pois, nesse momento da pesquisa, o Slam já se apresentava como um movimento de resistência também ao genocídio da população preta e periférica. Com efeito, a essência política do Slam da Guilhermina ultrapassa territórios geográficos, pois, embora exista uma demarcação territorial para sua realização, ele não está restrito a esse espaço, atua em diversos, bairros e cidades. A partilha de valores com os idealizadores do Slam da Guilhermina, expressa de forma positiva ao convite de compor o evento na PUC, contribuiu para o fortalecimento de um laço afetivo, resultando em outra qualidade de encontro nas arenas seguintes, com mais potência

4.3. O Slam da Guilhermina: manos, minas!

Figura 2 Slam da Guilhermina



Foto: Legant

O Slam da Guilhermina o primeiro *Slam* de rua da América Latina. Emerson Alcade, seu idealizador, apostou nesse formato de poesias como projeto de fomento à leitura e à escrita, a declamação de versos seria o resultado do projeto. Emerson narra que, como seu pai, seria metalúrgico. Na adolescência, entretanto, teve uma oportunidade de fazer um cursinho de vestibular para jovens. Com isso, foi aprovado no curso de graduação em Artes Cênicas da Universidade Anhembi Morumbi. Posteriormente, cursou Dramaturgia na SP Escola de Teatro. Atualmente trabalha como arte-educador, dramaturgo, escritor, poeta, slammer, slammaster e apresentador de eventos. Além de ser vice-campeão do mundo, é o latino que alcançou o melhor lugar na Copa do Mundo do Slam. Depois de ir para França, decidiu criar o Slam da Guilhermina:

“Quando eu criei o Slam, o primeiro na rua, respeito o zap! mas queria algo diferente quis fazer na praça, na rua, ninguém entendia que era uma modalidade, eu fui vendo vídeos. No começo ninguém gostou, o pessoal do

sarau dizia que eu dividir o movimento mas iniciei em fevereiro de 2012 e já foi um sucesso, e de repente viralizou, eu ia nos saraus e falava, na segunda edição já foi a rede globo filmar, tinha um escritor que era meu amigo e aí as pessoas do bairro viram na tv o César Tralli e quiseram apoiar e aí foi crescendo aos poucos, a gente foi divulgando e de repente já fizemos sete anos, depois do nosso vieram muitos outros, o primeiro, depois do nosso, foi o da Resistência que inspirou outro, e depois outro e aí foi, trazemos para à cena à trama das ruas...” (Emerson Alcade em entrevista à autora).

A batalha foi iniciada pelos homens e, aos poucos, as mulheres também passaram a participar. Segundo Emerson, no início, as mulheres recitavam poesias inspiradas no amor romântico e, com o tempo, o conteúdo se transformou: hoje as mulheres declamam sobre relações abusivas, feminicídio, religião, questionamento dos padrões de beleza pautados no ideal do branqueamento, entre outros temas, que revelam o caráter de formação política experimentado no slam.

As batalhas acontecem toda última sexta-feira do mês, às 20h00, na praça da estação de metrô Guilhermina-Esperança, na Rua Astorga. No trajeto de volta para casa, as pessoas se deparam com uma arena poética de graça e ao ar livre. Entre as pessoas que participam, pude acompanhar, durante o período do campo, o desabrochar de alguns slammers, que antes ocupavam a arena apenas no aquecimento (microfone aberto) e que hoje batalham, o que evidencia nossa concepção de sujeito como processo, metamorfose, movimento e mudança.

O público participante é variável: alguns poetas demarcam o território e se fazem presentes em todas as batalhas; outros participam como convidados, e, ainda, há aqueles que compõem a cena eventualmente. Considerando que grande parte dos slammers é de moradores da periferia, nem sempre é possível o tráfego pela cidade; muitos não conseguem voltar para casa depois da batalha em função de depender de transporte público. Nesse sentido, de localização o Slam da Resistência no centro de São Paulo, na Praça Roosevelt, possibilita maiores acessos e, do mesmo modo, maior conflito com o poder público, pois ocupar um espaço público no centro de São Paulo é diferente de ocupar um espaço público na periferia. No centro da cidade, a presença da periferia gera incômodo à política higienista. Não à toa, diversas vezes o Slam Resistência foi importunado pela presença e até mesmo pela intervenção policial na cena, fato que nunca presenciei na Guilhermina.

O público fiel em geral são os moradores do bairro, amigos dos poetas e familiares. Há também um público itinerante, que são as pessoas que se surpreendem com a arena na saída do metrô e param para ouvir a declamação das poesias.

Emerson Alcade conta que, ao idealizar o Slam de rua, seu objetivo era trazer uma vivência diferenciada aos jovens da periferia: “*Queria abrir a cabeça deles, trazer para periferia aquilo que eu tinha vivido na faculdade*”. Além disso, há de se considerar que não há espaços de lazer e cultura nas periferias, é preciso estar nas ruas para poder se reunir. Assim no momento de concepção do Slam da Guilhermina, Emerson participava do movimento cultural do Ermelino Matarazzo. E conta que o slam foi concebido como um fomento à atividade intelectual e de militância, na medida em que buscava promover uma abertura ao aprendizado a partir das “provocações” contidas nas poesias, que ensejam reflexões sobre o cotidiano, numa perspectiva pedagógica cujo objetivo está em facilitar que as pessoas possam desenvolver sua própria leitura do mundo e de sua realidade.

“Nesse tempo eu vi a transformação nos jovens, ver as pessoas iguais a ele falando...transforma. Eles deixam o cabelo original, as mulheres mudam o estilo de se vestir, querem fazer faculdade, são pessoas comuns que não tinham acesso aos livros, porque em casa não tem, e com esse espaço muitos começam a ler, ver um mundo diferente. São as pessoas falando sua realidade, seu lugar de fala, ninguém fantasia, cada um fala do seu lugar. Ninguém fala sobre algo, é uma poesia sobre a sua vida. Minhas poesias falam do meu bairro e da minha vida.” (Emerson Alcade, em entrevista a autora).

4.4 O slam salva

Em campo ouvir os poemas e as feridas que sangravam por meio do acesso ao passado -as memórias inseparáveis da trajetória da condição humana- e ao presente configurou-se como um convite a refletir sobre a manutenção de nossa sociedade e, desse modo, refletir também sobre como se constrói o racismo no cotidiano, como se naturalizam as relações e de que forma os sujeitos encontram estratégias para perseverar na existência.

“...É só dar um rolê num dia de domingo, observe a cor dos que passeiam e a cor dos mendigos. Só nós sabemos na pele a negação dos fatos históricos a nossa cultura chutada e a maior representatividade nos velórios Eu tô cansado do teu eurocentrismo que basicamente é isso: “cala a boca preto que eu sei o que é racismo...” (Felipe Marinho, Tumbeiro, eu e você).

Com efeito, pesquisar a exclusão pela escuta dos afetos, de acordo com Sawaia (2010), denuncia a desconsideração do sofrimento humano provocado pelo Estado, pela sociedade civil e do próprio indivíduo. Nessa perspectiva, a autora defende que a investigação do sofrimento ético-político -criado na interface entre sociedade e subjetividade resulta das estruturas do sistema que acometem as pessoas em função de sua classe e situação social -

viabiliza descortinar as diversas e distintas formas de espoliação humana escondida na aparência da integração social - nesse caso, no mito da democracia racial, que acoberta os entraves provocados pelo racismo e os problemas que dele decorrem: desigualdade social, injustiça e a exploração.

“Poeta Akins Kinte já falou, mas eu volto a repetir Que duro não é o cabelo, duro é o seu preconceito que tenta reprimir. Não existe cabelo duro, deu pra entender? O que vocês estão vendo aqui, são raízes prestes à florescer Duro? Duro é o chão, é pedra, parede, madeira... Meu cabelo não! Meu cabelo é pura capoeira pronto pra gingar e, queira ou não queira, ele vai afrontar. Meu cabelo é disporá, forte como baobá. E, se for preciso o seu eurocentrismo afrontar, tipo Mohamed Ali vai nocautear E se libertar... Desse padrão. Duro é discriminação, meu cabelo é muito bom! Por que duro? Duro é ter que aturar piada racista. Duro é meu cabelo ser o motivo por eu não ser aprovado na entrevista. Duro nossas crianças quererem ser a Barbie sem conhecer Abayomi. Duro é nossos heróis em tese nem existir. Duro é nossa beleza renegada, duro é a opressão...” (Cleyton Mendes, Crespow)

Os processos de conscientização conforme propostos pela psicologia comunitária e educação popular são, muitas vezes, reduzidos ao pensar e ao agir, excluindo-se o campo dos afetos. Tomar consciência, no sentido proposto por Paulo Freire (1982) refere-se ao processo de formação de uma consciência crítica em relação aos dados da realidade objetiva. O movimento que implica a transição de uma consciência ingênua à formação de uma consciência crítica é transpassado pelo acesso à consciência de classe, em que as classes desfavorecidas se reconhecem como tal. Entretanto, a retomada dos processos históricos não conta, na militância clássica, com um espaço para escuta, especialmente a escuta dos sentimentos que afetam os sujeitos nessa trajetória. A dinâmica dos movimentos sociais está vinculada a uma sobrecarga de instrumentalização, normatização que resulta em ações concretas como preparação de reuniões, atos de mobilização participação em editais, atividades que tem prazos para acontecer que não possibilitam a escuta dos afetos. No entanto, as e os militantes de diversos movimentos sociais abordam pautas que atravessam suas próprias histórias: por exemplo, as mulheres pretas, que falam sobre o genocídio de jovens pretos, falam delas próprias, não falam a partir de uma categoria genérica social, falam de sua realidade sem poder acessar essa dor. O slam adquire uma identidade se caracteriza por ser o espaço em que é possível abordar os temas da militância a partir das afetações que eles produzem.

“Não tinha evento de literatura na zona leste, tinha a ocupação em Ermelino mas não tinha lugar pra gente se reunir, a gente fazia reunião mas vai em reunião só quem gosta de reunião aí a gente quis fazer ali no metrô, uma discussão mas que não fosse uma reunião formal. A ideia era pegar as pessoas

no trânsito, que pegasse o popular comum para mobilizar as pessoas, trazer questões políticas do momento relevantes da zona leste... O objetivo era fazer uma reunião de discussão política cultural aberta porque na ocupação só vai quem estuda, agora numa reunião em roda as pessoas ficam mais à vontade e as poesias acabam fazendo a discussão” (Emerson Alcade, em entrevista à autora).

O encontro dos corpos na arena do slam é o que produz a composição deles. Assim, como defende Espinosa (2007), o corpo humano precisa de outros corpos para se regenerar, permitindo a experiência de afetar e ser afetado: *conatus*: a essência de um ser, a potência que parte de nós para criar condições de perseverar em nossa existência- Com efeito, a potência de vida é alterada em decorrência das relações estabelecidas. Considerando que o Slam nasce atendendo à necessidade da escuta das afecções, configura-se como espaço legítimo para a fala, para a escuta e, por fim para a elaboração dos sentimentos, que decorrem do processo de formação crítica, que rompem, portanto, com a racionalidade instrumental da militância. Dessa forma, a arena possibilita o deslocamento do sofrimento ético-político, vivido na singularidade, para a esfera da coletividade, uma vez que sua origem é localizada na estrutura do sistema, de modo que o sujeito não pode mais ser responsabilizado pelos afetos que o acometem. Nesse sentido, o movimento poético enfrenta o sistema neoliberal e seus determinantes na medida em que rompe com as individualizações, produzindo um sentimento de coletividade e pertencimento que produz potência de ação.

“Tem uma potência quando você troca o sentimento ali porque muita gente acaba se identificando. Se assumir negra ou negro é comprar uma luta, né ? Porque é muito difícil enfrentar o racismo quando você ainda se odeia...Então quando você se assume como negro você começa a se perceber dentro dessa estrutura e se amar mesmo sabendo como essa estrutura te condiciona, você já está comprando uma briga, né. Qualquer coisa que empodere esse povo colocado à margem por questões de raça, gênero ou classe, qualquer coisa que empodere essa população automaticamente se compra uma briga.” (Caio, 28 anos slammer)

4.5. A metamorfose

O trabalho de campo completou quase dois anos até o depósito da tese. Durante esse período, pude observar mudanças nas características físicas do público. A ideia de raça como categoria subjetiva foi perceptível também no corpo. Muitas mulheres e homens transformaram-se fisicamente, “enegreceram” a partir da construção da identidade positivamente afirmada, o cabelo voltou ao seu estado natural, não que não seja permitido às

mulheres negras manterem o cabelo da forma que bem entenderem, alisado, crespo, natural -, no entanto, considerando-se as transformações vividas no contexto do Slam, em que se valoriza a negritude, representou algo do reconhecimento de suas raízes, um movimento de libertação dos padrões estéticos, baseados em um pretense ideal europeu de beleza. Além disso, as vestimentas passaram a conter símbolos e desenhos africanos, com acessórios e adornos, como turbantes, brincos e colares, próprios de uma moda “afro”.

“...Eu tenho um problema, é que eu sou a menina que nasceu sem cor, para alguns eu sou a marrom bom-bom, morena, para outros eu sou preta. Pra muitas e muitos eu sou parda. Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel! Eu sou a menina que nasceu sem cor, porque eu nasci num país sem memória. Com amnésia que apaga da história todos os registros e os símbolos da resistência negra...Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor mas um dia gritaram-me: “Negra!” e, eu respondi!” (Mítria, A menina que nasceu sem cor).

A filósofa Djamila Ribeiro (2017) defende que ocupar um lugar de fala é falar a partir de um lugar social que problematiza a sua existência dentro de um sistema de poder em que o discurso do homem branco e heterossexual é que o está legitimado. Quando outras pessoas assumem o lugar de fala, problematiza-se essa construção de autoridade atribuída ao discurso legitimado, tido como referência para humanidade. Considerado isso, todas as falas passam a ser marcadas por um lugar de pertencimento social, demarcado, inclusive a do homem branco, que perde o espaço de universal. Nesse sentido, a demarcação do lugar de fala é essencial para detectar as opressões estruturais que impedem que indivíduos considerados inferiores, na perspectiva eurocêntrica, tenham direito à fala e à humanidade.

“...É sobre a pele, é sobre minha humanidade. Eu não aceito as migalhas da liberdade. Eu não conheço racismo reverso para quem tem acesso social, mas eu entendo a cota para quem sofre violência estrutural...e assim é hereditário negro herda a fama de ladrão e os trabalhos secundários...só nós sabemos na pele a negação dos fatos históricos, a nossa cultura chutada e a maior representatividade nos velórios” (Felipe Marinho)

A poesia de Felipe coloca em pauta o movimento social e histórico de nossa sociedade, desconstruindo desse modo, um modelo dado como natural. O resgate histórico problematiza os fatos, convocando a plateia a um novo lugar.

4.6. A Revolução virá pelo afeto

No decorrer da pesquisa, pude perceber que a cena do Slam é composta principalmente por jovens poetas que circulam pela cidade a fim de participar das batalhas, produzindo um novo movimento de “ocupar” a cidade, ampliando, desse modo, o direito a ela. Esses jovens saem de suas periferias e percorrem outros espaços da cidade, desde o centro à Casa das Rosas, no coração da Avenida Paulista, SESC's e também os demais extremos, num movimento de apropriar-se do espaço urbano. Nesse contexto, há uma compreensão do cotidiano produzida pelo caráter coletivo de reconhecimento e legitimação das reivindicações, anunciadas nas narrativas politicamente engajadas. Desse modo, se constrói um sujeito político num meio cooperativo e essa produção do comum, ao narrar os afetos que perpassam seus corpos nas vivências do cotidiano, as e os slammers encontram acolhida na plateia. É frequente serem recebidos com abraços e beijos após a declamação; muito mais que competição, a arena transborda afeto. Na trajetória da pesquisa, pude perceber a formação de diversos laços, jovens que chegavam tímidos hoje batalham, recebendo dos e das slammers em cena há mais tempo incentivo, apoio e acolhida. Juntos tecem uma rede de afetos em que todos se ajudam, tornam-se amigos, são íntimos, falam de suas dores, se fortalecem. Um indica trabalho ao outro, estão juntos, oferecendo-se ao outro como referência positivamente afirmada.

As poesias muitas vezes se repetem, e ainda assim, seu impacto não se perde, pelo contrário: ganham ainda mais força, como se o exercício da repetição fosse necessário para re-existir. É notória a construção do repertório de cada slammer. Com o tempo, aprendi a identificar o autor ou autora pela construção e conteúdo das frases, sua forma e conteúdo. A identidade poética vai se fortalecendo a cada batalha, buscando reconhecimento dentro do escopo da literatura marginal. No sentido de compreender quais os espaços de transformação da sociedade, como se configura uma nova ordem a partir da literatura marginal? São questões que envolvem as circunstâncias históricas de determinada época que, ao meu ver, estão atreladas a própria reformulação da branquitude sobre ela própria e sobre a sociedade. Entretanto, independentemente do espaço branco ofertado aos poetas marginais, a transformação na periferia pela periferia ocorre em alta velocidade.

“Participar do Slam mudou minha visão do que acontece no nosso meio, política essas paradas, comecei a entender o lado de outras pessoas e comecei a entender de onde eu vim. Eu soube retrucar quando alguém vinha dizer: “Você é da favela, você não tem direito” Eu soube usar a minha voz para me identificar e ajudar outras pessoas a falar o que elas não conseguiam falar.

Várias pessoas chegam em mim e dizem: “Nossa, você me representa!” Eu não tenho medo de falar e mostrar o que eu sinto. Antes do Slam as pessoas chegavam e falavam que eu era inferior porque eu tinha menos dinheiro, mas o Slam me ajudou a entender que não é isso, o dinheiro não define seu conhecimento, caráter, nada. O Slam me ajudou a me reconhecer a saber quem eu sou. O Slam salva, o sarau sara. Entrei no Slam com 12 anos e vou fazer 16. Eu com 15 anos a sou referência na vida de muita gente. O Slam acolhe você, aqui sempre vão procurar te ajudar no jeito que você fala, escreve” (Jorge, 15 anos).

Nesse momento da pesquisa no campo, eu já estava decidida a investigar como os poetas concebiam o espaço do Slam, o que significava estar ali e o que esse espaço democrático representava para eles. Cheguei a pensar em desenvolver quatro encontros temáticos com eles e elas para ouvir sobre a experiência dessa participação. Em uma noite no Slam da Guilhermina, conversei com uma das Slammasters e falei da minha proposta, propondo um formato em quatro temas: 1. O que é o Slam? 2. Por que Slam? 3. Lugar de fala; 4. Dor e potência. Ela gostou muito, pois reconhecia que havia demanda. Contudo, no dia em que pensei em propor esses encontros com os e as Slammers conversei antes, nos bastidores, com alguns dos jovens poetas, que não aceitaram a proposta. Na verdade, fui alvo de uma certa repulsa por tudo aquilo que eu represento a eles e, também, por eu ser mulher, em alguns casos as poesias reverberam conteúdos machistas, relevando que em todos os movimentos, mesmo os que se contrapõem à ordem vigente, apresentam contradições. Essa foi uma noite ruim. Um dos slammers sugeriu que eu pagasse a ele para ouvi-lo. Não seria possível a pesquisa se eu não contribuísse financeiramente com a escuta. Fiquei surpresa com a reação dele e cheguei a questionar o valor e, de fato, considerando a ajuda de custo que recebi da CAPES, eu poderia pagá-lo. Questionei-me, todavia, sobre o conteúdo que seria revelado a partir da presença do dinheiro: o dinheiro compraria o conteúdo do discurso? Não avancei. Entre os demais, senti deboche. Recorri ao Emerson e à Cris para falar do ocorrido. A Cris insistiu para que eu falasse no microfone, apresentasse minha proposta aos demais participantes, mas o Emerson, como eu também, ponderou, disse que ele mesmo poderia fazer a ponte com alguns slammers, com aqueles e aquelas que ele considerava ter mais abertura para esse tipo de encontro comigo. Eu aceitei.

Depois do ocorrido com alguns dos poetas, refleti sobre tudo o que vinha apreendendo do cenário e da bibliografia e, com isso, passei a atribuir novos significados a essa experiência, compreendendo que os e as slammers não querem mais ocupar o lugar de mercadoria, o lugar de objeto de estudo. Depois do acesso ao slam, eles querem agora ser os autores da pesquisa e não atribuem valor algum em narrar suas trajetórias à academia sem que

se beneficiem dessa troca. Talvez uma forma eleita para reagir à opressão pela qual são submetidos, penso. Além disso, há também uma antiga crítica aos acadêmicos que realizam suas pesquisas, se beneficiam dela e não retornam ao campo, descartando seus “objetos” de pesquisa. A escrita científica de forma rebuscada não atinge às vezes nem aos próprios acadêmicos e se revela ainda mais difícil àqueles que se inspiram na educação não convencional. Exatamente por esse motivo, optei por uma linguagem de fácil acesso. Desse modo, sem perder o rigor científico, a troca se materializaria também com a produção dessa tese, em que procurei ser atenta com a linguagem de forma a garantir seu acesso aos diversos públicos.

Consideradas as peculiaridades do campo descritas, era imperativo que eu demonstrasse, por meio de minha prática, que eu não seria mais uma reprodutora do filme do qual eles não queriam mais participar como coadjuvantes. Eu já havia conhecido a Priscila nos bastidores do slam e contado a ela sobre a minha pesquisa. Sobre minha intenção de investigar os sentidos e significados produzidos a partir da experiência de participar do slam e antes que eu a convidasse para uma entrevista, ela mesma disse que eu tinha que ouvir sua história. Desse modo, as entrevistas surgiram como uma excelente oportunidade de estabelecer um diálogo com quem estava disposto a falar. Depois da Priscila, conversei com a Melissa e, assim, as conversas informais com os demais participantes da cena tornaram-se mais frequentes, pois eu já estava conhecida na cena e as poetisas me anunciaram como alguém com quem era possível estabelecer uma troca. Como consequência, o encontro com as slammers ocorreu de uma outra forma, muito mais próxima e, mesmo, poética. Acredito que em função de eu ser mulher, pudemos viver uma aproximação por meio de uma identificação de gênero, que nos viabilizou certa intimidade. Com muito respeito e atenção às diferenças que permeiam nossa condição e trajetória, conseguimos avançar.

4.7. Encontros potentes.

“Virou uma espécie de desabafo. O desabafo sempre ajuda de alguma forma”.(Caio, 28)

A entrevista foi um recurso eleito como estratégia de compreender a trajetória de vida das poetisas, investigando, especialmente, seu ingresso no Slam e os desdobramentos provocados por esse fenômeno em suas vidas. Consideramos como o processo de comunicação é capaz de produzir novos significados e interpretações a partir da relação construída entre pesquisadora e pesquisada.

Antes de iniciarmos a entrevista, pedi que assinassem o formulário de consentimento livre e esclarecido; também indaguei sobre a identificação delas na pesquisa e ambas disseram que poderiam ser identificadas. No entanto, acabei preferindo o anonimato a fim de preservá-las.

Foram cinco encontros com duas poetisas e diversas conversas informais com elas e muitos Slammers e pessoas da plateia que contribuíram para a produção dessa pesquisa. A entrevista tinha apenas duas perguntas: 1. Como ocorreu seu ingresso no Slam ?; 2. Quais as mudanças que ocorreram em sua vida pós-Slam? Foi muito interessante o movimento que elas estabeleceram comigo: por meio do resgate de suas histórias de vida, narraram diversas passagens que revelam a forma pela qual o racismo se configura como uma construção da subjetividade, produzindo marcas e sofrimento. Do mesmo modo, apresentam o Slam como espaço de amplificação de suas potências de vidas. Além disso, consideramos que o fato de elas recorrerem às suas histórias de vida revela que há demanda e espaço para a elaboração de seus sofrimentos na esfera individual.

Os encontros com as poetisas foram recheados de afetações; em diversos momentos de suas narrativas, nos emocionamos, Priscila e eu, Melissa e eu. Suas livres associações guiaram a narrativa de sua história e, ao mesmo tempo, provocaram *insights* entre as conexões presentes num movimento de ir e vir para conseguirmos avançar.

Para melhor ilustrar esses momentos, apresentamos alguns trechos das falas que expressam os efeitos do racismo na subjetividade das poetisas, para então encontrarem no Slam um espaço de resistência, enfrentamento, afetos e poesias

A seguir há trechos das análises feitas a partir das entrevistas apresentadas em núcleos: 1. O bloqueio dos afetos como possibilidade de sobreviver; 2. A negação da raça como possibilidade de afeto; 3. Possibilidades de se inscrever no mundo pelo branqueamento: serventia; 4. No Brasil não se nasce negra, torna-se negra; 5. Sofrimento ético-político; 6. A demarcação de uma nova possibilidade: o trabalho intelectual; 7. Slam, vomitei: precisava sair de algum jeito

4.7.1. O bloqueio dos afetos como possibilidade de sobreviver

A primeira poeta narra que, dentro de uma família de pessoas negras, embora com diferentes tons de pele, não sabia ao certo quem era, não tinha uma identificação clara com a sua etnia. Na Bahia onde nasceu a chamavam de morena. Quando criança, sofria com

episódios de racismo, era chamada de *frango de macumba*, *boneca de vodu*, *suco de pixe*, entre outras expressões depreciativas. Priscila narra que não tinha um colo para correr e se sentir segura, não se lembra de algum adulto que dissesse a ela o que ela era de verdade. Não sabia se era *morena*, *mulata* ou *negra*. A maior parte de sua infância foi na zona rural, nas fazendas em que seu pai trabalhava. Eram sete irmãos que cresceram juntos, sendo cinco mulheres e dois homens, não havendo descrição de afetos positivos. Para Priscila, sua mãe não amava mais seu pai desde que era criança, assim como seu pai também não amava sua mãe e, em diversas brigas ele, pôde dizer a ela que não amava nem a si próprio e ainda menos aos filhos.

Para Bell Hooks (1994), a vivência da escravidão atravessada pela violência e crueldade condicionou o povo negro a reprimir seus sentimentos. A manifestação dos afetos só ocorria em espaços seguros, considerados de resistência. Desse modo, todos os esforços estavam concentrados em garantir a própria sobrevivência - abraços, frases de carinho e demonstração de afetos foram subtraídos do cotidiano.

Na mesma direção que Hooks, Fanon (2008) defende que aprender a se amar dentro do contexto de uma sociedade estruturada no racismo pode ser considerado um ato revolucionário, pois está na contra mão do discurso dominante que fomenta o ódio à própria imagem (Fanon, 1980).

A segunda poeta é Melissa, negra de pele clara, filha de um homem negro que se separou de sua mãe biológica (branca) quando ela tinha oito meses de vida, levando-a para ser cuidada por sua nova esposa (branca) que se tornara sua mãe de criação. Sua única referência de pessoa negra na família é o pai biológico, que poderia ter sido uma referência identitária. No entanto, quando Melissa completou cinco anos, ele se separou de sua mãe de criação, deixando a ela a decisão de seguir com ele ou ficar com a madrasta. Tendo como referência de cuidado e amor a mãe de criação, Melissa escolheu permanecer. Melissa, então, passou a ser criada numa família de pessoas brancas, alternando os finais de semana na casa de sua mãe biológica (também de família branca) com o pai. No entanto, os encontros com a família do pai não se prolongariam; com cerca de oitos anos de idade, Melissa entendeu que não poderia contar com o pai para o seu desenvolvimento. Na família em que se desenvolveria, ninguém abordava sua etnia de forma clara.

4.7.2. A negação da raça como possibilidade de afeto

“Tinha sempre essa questão a gente chama ela de negra, de parda, preta do que a gente chama a Melissa porque numa família toda branca não querem assumir que eu sou negra mas também não vão dizer que eu sou branca então vão ficar nessa coisa de que eu sou morena café com leite ela é...A gente não sabe o que ela é... (sic)

Shucman (2018) defende a negação da raça como possibilidade de afeto. Sendo assim, para amar a pessoa negra da família é preciso negar sua negritude. Para a autora, esse movimento possibilita que, em vez de reelaborarem seu racismo, os familiares, retiram a pessoa amada do grupo estigmatizado para poder amá-la, possibilitando, a um só tempo: (i) ser contra o racismo; (ii) achar que o racismo é um mal que se deve combater; (iii) casar com negros e ao mesmo tempo (iv) ser racista, trata-se de uma contradição, em que é possível amar uma pessoa negra mas manter os demais negros no grupo segregado, mantendo, desse modo, o racismo intocável. Assim, por que se nega e o que se nega? No caso específico de Melissa, há muitas variáveis em jogo. A negação da cor poderia produzir um vínculo mais estreito com sua mãe de criação? Ou, ainda, uma adequação ao mundo social que privilegia as políticas do embranquecimento, em detrimento da construção da identidade positivamente afirmada? Independentemente da resposta, negar a negritude é produzir sofrimento na medida em que reforça que ser negro é ruim, que é algo que deve ser negado. Não há, porém, como manter essa negação: a negritude está marcada em seu corpo, não é possível desfazer-se de seu fenótipo.

”...Passei a vida todo ouvindo seu cabelo é muito difícil de lidar e isso e aquilo, seu cabelo é um caos, seu cabelo não dá, dos 11 aos 15 eu fiz progressiva e relaxamento eram os dois, um tratamento bem agressivo, eu lembro que ficava com ferida na cabeça coçava, queimava...Foi muito ruim ter alisado eu estava me mutilando só que, ao mesmo tempo, foi bom eu passar pela adolescência sem ser tanto discriminada então ainda que eu estudasse na escola de periferia e tudo mais, não tinha ninguém muito escuro, as poucas pessoas que eram negras eram muito marginalizadas. Eu alisei na quinta série, ninguém me perguntou se eu queria mudar o meu cabelo como eu queira, tinha um jeito que eu tinha que fazer, e esse jeito era pra ficar o mais próximo de uma pessoa branca. Aí fui pra escola e não sei se esperava uma reação de elogio, mas quando cheguei as pessoas diziam: “Ah, você alisou, não fez mais que sua obrigação” continuei alisando era isso o que eu tinha...”(Melissa).

Os estudos sobre branqueamento investigam as estratégias psicossociais, eleitas por grupos ou parcelas da população negra, para se adequarem às demandas de embranquecimento da população brasileira, ocorrido desde meados do século XIX. Entre essas demandas, está a negação da raça, que se efetiva por meio da miscigenação, sendo também expressa por meio de comportamentos que os distanciem de sua origem, buscando

proximidade ao mundo dos brancos. A eleição desses comportamentos interfere nos processos de identificação individual e construção da identidade coletiva, produzindo uma baixa autoestima negra, que se contrapõe à idealização do fenótipo branco (Piza, 2002). A negação do negro atua de forma perversa sobre a subjetividade da própria vítima; a autodepreciação configura-se como um dos elementos mais fortes de opressão sobre os sujeitos que têm sua autoimagem deteriorada. Dessa maneira, as produções racistas em torno de uma identidade produzem marcas em suas vítimas de forma cruel, subjogando-as por meio de um sentimento de incapacidade, ódio e desprezo contra ela mesma (Fanon, 1980).

Melissa tem consciência racial e entende que pode se “beneficiar”, ainda que se mutilando, do pacto do branqueamento, artifício esse a que suas colegas mais escuras não podem recorrer, revelando, dessa forma, que o sofrimento que advém do racismo não pode ser padronizado. Nesse ponto, vale destacar que, na década de 1980, a ativista e escritora Alice Walker²² cunhou o termo “colorismo” para abordar a relação que existe entre a pigmentação da pele e a intensidade do racismo. Sua atuação se deu no âmbito dos EUA, em que se estabelece uma classificação étnico-racial a partir do genótipo (composição genética) e não do fenótipo (características físicas) como é no Brasil. Em nosso território, a variação da cor da pele assegura modos de tratamentos diferenciados: quanto mais clara for a pele, maiores serão as chances de inserção em grupos de brancos. Além disso, há de se considerar que no nosso país a mulher miscigenada, tida há algum tempo como “mulata”, ocupa um lugar de hipersexualização em que se valoriza sua estética “*da cor do pecado*”, permitindo, ainda que às avessas, sua inserção na sociedade de forma a garantir a manutenção dos preceitos racistas. Diante desse quadro, ora a pessoa consegue acessar espaços no mundo, ora não o consegue. No mundo dos negros, ela pode ser considerada branca, enquanto que, no mundo dos brancos, ela é considerada como sendo negra.

“É sofrido não ter identidade, é doloroso, confuso, a gente não saber quem é, se esconder na condição de mulata de parda...” (Priscila).

Para Ferreira (2009)²³, há um processo de desenvolvimento na construção da identidade da pessoa negra que parte de um lugar de inferiorização para a construção da identidade positivada, descrevendo-o a partir de quatro estágios: i) estágio de submissão

²² Alice Malsenior Tallulah-Kate Walker (Eatonton, 9 de fevereiro de 1944) é uma escritora, poetisa e ativista feminista estadunidense, autora do romance **A Cor Púrpura**, de 1982.

²³ Ferreira parte dos quatro estágios da psicóloga afro estadunidense Janet E. Helms que estuda questões relacionadas a minorias (Cf. Helms, 1993)

correspondente a ideologia do branqueamento. Supervaloriza-se o mundo do branco em detrimento do mundo do negro. Para o autor é frequente que o sujeito negro, no Brasil se submeta às crenças e aos valores da cultura branca dominante. Nesse sentido, Ferreira (2009) assegura, que um período de permanência prolongado nesse estágio pode provocar intenso sofrimento psíquico; uma vez que não há possibilidades de se desfazer de seu fenótipo para ingressar por completo no mundo dos brancos, a tentativa é fadada ao fracasso; ii) estágio do impacto: trata-se do momento em que a pessoa se reconhece como negra, compreende essa condição como própria de sua constituição; iii) estágio da militância e iv) estágio de articulação: ao se reconhecer negra a pessoa passa a incluir aspectos da negritude em sua identidade, construindo a possibilidade de passar para movimentos de militância, que se expressam por meio da adesão a movimentos negros, luta antirracista e a busca pela estética negra. Nessa defesa Ferreira não pretende padronizar um método sucessivo de estágios para a construção da identidade afrodescendente mas apontar fases que o sujeito, na trajetória da construção de sua identidade étnico-racial poderá encontrar-se em comportamentos e atitudes (Ferreira, 2009, p. 69).

“Um dia eu falei que eu ia deixar de alisar o cabelo e aí nesse dia minha mãe meio que riu da minha cara e falou: ‘Você vai ficar ridícula com o seu cabelo natural. Como assim deixar de alisar o cabelo? Como isso passa pela sua cabeça? Foi aí que a gente teve o maior conflito a gente brigou por mais ou menos três meses e era uma briga contínua e aí sei lá tinha uma semana que a gente nem se olhava direito na cara e tudo porque ela não aceitava o fato de eu deixar o meu cabelo natural. Minha avó tinha uma postura mais materna para tentar me convencer a alisar o cabelo, mas minha mãe era sempre combativa: ‘Você não tem que deixar ele no estado natural, você não tem esse direito’ E aí a gente ficou brigando e brigando, ela ameaçou algumas vezes ‘Você vai ver eu vou pegar e levar você no cabelereiro e ela vai alisar o seu cabelo você querendo ou não. Se você não alisar eu vou cortar ele inteiro’ (Melissa).

No seio dessa família inter-racial, há um racismo velado, que se caracteriza por uma relação assimétrica de poder que tenta impedir a aproximação da pessoa negra, no caso, a Melissa, de sua negritude. Melissa precisa entrar num combate para vivenciar sua estética negra, seu cabelo - conhecer seu cabelo se torna um desafio. A família, segundo Schucman (2018), pode ser, ao mesmo tempo, espaço privilegiado para o fomento de estratégias antirracistas, por meio do exercício do enfrentamento e acolhimento e um espaço em que se legitimam as vivências racistas.

“O irmão da minha mãe, meu tio Fernando ele tem duas filhas meninas. Ele sempre foi muito machista racista e não era uma coisa direta era uma coisa velada... alguns comentários que ele fazia eu lembro que uma vez tipo eu estava com a filha mais nova dele, de 7 anos e eu sempre fui muito próxima dela e um dia eu estava na casa deles e aí ele pegou um macaquinho e aí ele olhou pra ela, a sua filhinha e falou: ‘Olha a Melissa aqui’ e daí acho que o

mais complicado é não poder dizer pra minha mãe isso, ou se eu dissesse ela relativizar: “ai que é isso ele tá só brincando com você tudo bem ele te chamar de macaca”.(Melissa)

Ainda de acordo com Schucman (2018), é possível manter relações com vínculos afetivos sólidos e, da mesma forma, legitimar hierarquias raciais construídas em uma sociedade racista. Nesse sentido, não se trata de desafio, mas de reproduções da estrutura racista da sociedade no universo intrafamiliar. Desse modo, observa-se que raça e racismo são componentes que dão forma também aos vínculos familiares produzindo subjetividades.

4.7.3.Possibilidades de se inscrever no mundo pelo branqueamento: serventia

Como herança do sistema escravagista, a inserção da pessoa negra no mundo dos brancos se deu, para essas duas entrevistadas, via processo da serventia: foi preciso, em dado momento, servir ao branco para ingressar em sua sociedade.

As professoras das escolas do ensino fundamental de ambas as poetisas apresentam-se como novas possibilidades de “escudo” ou mesmo de inserção ao mundo dos brancos. Melissa, diferente de Priscila, acredita que, para estar na escola e ter sua presença valorizada, deva investir no papel da menina estudiosa:

“Eu criei uma espécie de redoma para entrar nesse mundinho, para ser valorizada, ainda que não fosse pela minha estética, eu seria valorizada pelo estudo, e aí desde a primeira série eu já era a menininha que ficava perto da professora para poder ajudar carregava isso, carregava aquilo... (Melissa)

Para poder estar na escola, precisou desempenhar um papel de utilidade, era necessário carregar as coisas da professora para que pudesse autorizar sua permanência em sala de aula de modo a se sentir segura. Priscila, por sua vez, ingressou na escola perto dos nove anos de idade. Narra que nas brincadeiras com as colegas os papéis que podia ocupar estavam restritos à cor de sua pele. Quando brincavam de princesas, por exemplo, as demais meninas diziam que ela não podia brincar, ou então que o seu lugar era o da escrava, sob a alegação de que não existiam princesas pretas. Priscila, porém, também queria ser princesa.

A escola é uma das instituições em que o estágio de submissão ocorre. Neste espaço, por meio das práticas e dos próprios livros, a criança afrodescendente é, em geral, submetida à

influência de figuras estranhas à sua identidade que a colocam em uma posição de inferioridade. (Ferreira, 2009).

Nesse contexto, há uma legitimação de como o racismo se estrutura na sociedade, apresentando-se em diversas instituições, como já falamos, inclusive, na escola em que não se revela que parte das pessoas escravizadas era composta de reis e rainhas africanos que foram escravizados. Desse modo, se atualiza a demarcação do lugar depreciativo e desvalorizado atribuído ao povo negro. Desde muito cedo, as experiências de vivências racistas marcam, com sofrimento, a história individual e coletiva, gerando afetos tristes ou alegrias passivas. Desse modo, em virtude da privação de oportunidades que são concedidas às pessoas brancas, expressa na interdição da vida cotidiana, a população negra, particularmente quando oriunda das classes sociais menos favorecidas, acaba por ter sua vida interditada, como vimos nos gráficos apresentados no início desse trabalho.

Ao ser alfabetizada, Priscila passou a escrever, despertando a atenção de sua professora de Português, que passa a encorajá-la a sonhar e a estabelecer metas para sua vida. No entanto, Priscila ainda não consegue acreditar em si própria, há um mundo todo que a encoraja desacreditar de si. Na oportunidade de um campeonato de redação, a professora a inscreve. E Priscila ganha, trazendo para a escola dez computadores. O lugar de Priscila dentro da escola muda, as meninas deixam de ver nela a imagem de uma escrava para, então, ver nela uma redatora de cartas de amor. Muito embora Priscila tenha conquistado um novo lugar, graças a suas capacidades cognitivas, ela continua servindo às meninas brancas, pois são elas que definem quem é Priscila: Priscila não é mais a escrava, Priscila agora escreve as cartas de amor para entregarmos aos meninos, Priscila continua nos servindo.

4.7.4 No Brasil não se nasce negra, torna-se negra

“Os professores, em sua maioria negra, entendiam que era importante para gente saber qual espaço a gente estava ocupando no mundo. Um dia os professores deram um exercício que começava no navio negreiro e terminava na favela, eles perguntaram quem eram os descendentes das pessoas que chegaram nos navios negreiros, quem eram os pobres no Brasil e, por fim quem éramos nós. E aí, foi um show de horrores, ninguém queria se assumir negro, diziam, sou branco-escuro, moreno-claro, bombom. Eu me descobri negra. Anos mais tarde entrei na UPS pelo PPI, minha família queria que eu escondesse isso, mas não há como esconder”. (Melissa)

Diferente da condição de ser branco no Brasil que é algo dado quando se nasce, ser negro é algo, muitas vezes, negado. É preciso construir a condição de ser negro. Partindo da concepção de identidade como um processo de metamorfose, fundamentando na dialética indivíduo-sociedade, de que o meio histórico-cultural é parte constituinte, não se nasce negro: torna-se negro, parafraseando Beauvoir.

No território brasileiro, o mito da democracia racial, expresso na miscigenação como um processo sem confrontos nem conflitos, contribui para que as pessoas negras de pele mais claras tenham sua negritude negada. Desse modo, a construção da identidade é política, se dá por meio de um processo em que o sujeito se reconhece na conjunção de seu grupo racial.

Ferreira (2000) defende que a identidade negra carrega do passado a condição de escravo, o estigma de ser uma mercadoria, sendo submetida no presente a vivências racistas direta ou indiretamente. Além disso, tem como atribuição construir um novo futuro que rompa com o passado e presente. Considerado esse contexto, a identidade a ser construída é pautada na resistência para conseguir-se enfrentar a suposta superioridade racial do branco, bem como as posições sociais predeterminadas no formato de nossa sociedade. Com efeito, construir a identidade negra é parte de um processo que envolve combater os estigmas históricos que marcam de forma injusta e falsa essa população. Desse modo, Ferreira(1999) defende que a construção positivada da identidade do negro passa necessariamente por um processo de militância, de modo que seja possível o resgate histórico do processo em que a população negra passou a ser considerada inferiorizada e subjugada a partir de valores eurocêntricos:

Levando-se em conta que nosso país é tido como o território da miscigenação étnico-cultural, cujo projeto de branqueamento da população foi implantado para evitar o avanço da população negra, Munanga (2009) defende que não é fácil a tarefa de definir quem é negro, pois se trata de uma decisão política. E por se tratar de um posicionamento político, implica identificar-se com determinado grupo e aceitar as características atribuídas a ele, assim como partilhar dessas na sociedade. De fato, diante do processo histórico de nosso país, há uma carga a ser aceita na construção do ser uma pessoa negra, fato que pode contribuir para a construção de uma identidade negada pela própria pessoa, ou ainda, interdita pelos familiares, amigos e pessoas do convívio social.

4.7.5 Sofrimento ético-político

O sofrimento ético-político (Sawaia, 2010) é determinado por relações sociais de desigualdade, injustiças sociais e das mais diversas e distintas formas de opressão social, constituídas em uma sociedade estruturada em relações assimétricas de poder. O conteúdo e a qualidade desse sofrimento são modelados pela organização social e expressam a vivência cotidiana de cada momento histórico. Além disso, revelam como o sujeito é tratado na esfera da intersubjetividade, desvelando as desigualdades sociais por meio da dor que surge nas situações de exclusão e opressão social:

“Conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social, e, portanto, entender a exclusão e a inclusão como as duas faces modernas de velhos e dramáticos problemas – a desigualdade social, a injustiça e a exploração” (SAWAIA, 2010, p106).

Consideradas as estruturas racistas de nossa sociedade e tendo em vista a definição do sofrimento ético-político, temos sua presença em todas as etapas de vida de uma pessoa negra considerando, evidentemente, o recorte da classe social. Nesse sentido, a experiência de ser negro é forjada na dor, no sofrimento de experimentar o mundo em um território que se apresenta de forma restrita, em que há impedimentos e ressalvas ao desenvolvimento das pessoas negras.

“O Brasil tem a estrutura racista, nossa constituição é extremamente racista a gente cresce em processo de racismo a vida inteira, e é difícil porque quando a gente acaba descobrindo, eu te falo isso sem medo de errar, a partir do momento que eu tomei de volta e resgatei a minha identidade eu perdi a paz porque antes o que eu fingia não perceber, o que eu fazia vista grossa pra não sofrer, hoje me machuca mais, eu vejo e quero combater, foi a minha vista grossa, foi a minha vista grossa que fez isso se perpetuar dentro de mim...(Priscila).

Priscila narra suas vivências revelando como a estrutura do racismo foi construída em sua trajetória. A atualização do sistema escravagista é mantida por meio da internalização da construção hierárquica baseada na cor da pele, em que se naturaliza a dominação de uma raça sobre a outra. Aquilo que Priscila fingia não entender e não ouvir para se proteger, hoje, como slammer, romancista e escritora, enfrenta. Sente-se responsável para combater as estruturas impeditivas da sociedade, o que denota o movimento subjetivo de uma potência de ação. Potencializar pressupõe o desenvolvimento de valores éticos na forma de sentimento, desejo e necessidades para superar o sofrimento ético-político (Sawaia, 2010, p.).

“E tem mais, nós somos ensinados desde criança: “ó quando um não quer, dois não brigam, foi isso que a gente foi ensinada. Então evita confusão! Quando seu patrão disser, não responde, diz que sim que não, só responde o que for necessário, se ele brigar com você, você não responde a ele. Então nós crescemos sendo doutrinados a obedecer e eles e a grande elite, a grande massa branca ensinados a nos maltratar. (Priscila)

Munanga (2009) discorre sobre o racismo utilizando-se da metáfora do iceberg, defendendo que há uma estrutura visível, que trata das vivências ordinárias do cotidiano, em que é possível notar a presença da discriminação advinda da crença racista, ilustrada pelos dados objetivos da realidade (dados estatísticos, por exemplo), e outra dimensão, essa não visível, mas presente na instância psíquica das pessoas que sofrem o racismo.

A esfera considerada invisível para o autor trata, precisamente, do sofrimento ético-político, que só poderá ser superado na reformulação do sistema em que vivemos. Além disso, assim como defende Sawaia (2010), a investigação pelos afetos quando se estuda a exclusão contribui para romper com o mito de que a preocupação da pessoa pobre é exclusivamente sua sobrevivência, não havendo justificativa para estudar as emoções. Desse modo, ao se estudar a exclusão pela via dos afetos, coloca-se a humanidade como foco e, assim, o sujeito e a forma como se relaciona com o social evidenciam o campo dos desejos, afetividades, direitos sociais e economia.

4.7.6. A demarcação de uma nova possibilidade: o trabalho intelectual

Priscila narra que, logo que aprendeu a ler e a escrever, escrevia sobre tudo. Na escola, foi-lhe atribuído o lugar de redatora de cartas de amor. Priscila, contudo, aguardava a aprovação de sua mãe, que a desencorajava sobre sua escrita, afirmando que Priscila não era boa nisso e que, além disso, escrever poesias não garantiria futuro a ninguém.

“Eu acho que não tem mais nada da época em que eu era criança, eu apaguei tudo, queimei me diziam que eu não era boa naquilo que eu fazia. Cresci ouvindo isso, que eu perdia tempo escrevendo que isso não dava futuro pra ninguém ouvi da minha mãe, minha mãe principalmente eu ouvia muito dela. Depois quando eu comecei a escrever, meus amigos diziam para eu batalhar mas eu nunca acreditei que eu seria capaz de batalhar. Hoje sou Slammer, poeta, romancista”(Priscila).

Existe na mãe de Priscila uma preocupação objetiva com a sobrevivência - em especial porque o trabalho intelectual não é comum e, portanto, não é esperado no mundo dos negros. A possibilidade de ingressar no mundo do trabalho para o povo negro se dá, como vimos, a

partir do trabalho braçal: serviços como faxineira, cozinheira, babá, servente pedreiro, pintor etc. estão no rol de possibilidades ofertadas à essa população; ser escritora não.

Para a mãe de Melissa, há também algo que se assemelha à lógica apresentada pela mãe de Priscila. Muito embora dentro de uma família de brancos, todos residem na periferia, compondo a classe que Jessé Souza (2019) define como a “ralé brasileira”.

“...E aí eu tinha muito essa coisa pra eu ficar me arrumando, essa coisa de maquiagem eu nunca gostei de maquiagem e também meu estilo de roupa era confortável eu não ficava preocupada em usar roupa muito justa ou sei lá eu só usava o que eu me sentia bem e aí tinha uma cobrança da minha mãe pra eu ficar mais feminina, então ela dizia que eu tinha que ser mais feminina...” se você não se arrumar você não vai conseguir arrumar trabalho, mas aí eu respondia: “para isso eu estudo” (Melissa).

O trabalho é uma atividade, segundo Lukács (1979), que funda o homem como ser social, pois é a partir do trabalho que o homem se humaniza, constrói o seu mundo, ao mesmo tempo em que é construído por ele. Dessa simbiose resultam as formas de objetividade e de sociabilidade. O trabalho configura um modo de ser e de estar em sociedade, é a partir dele que construímos nossa identidade, nos organizamos em grupos, definimos modos de conduta, valores, e traçamos projeções com base nas possibilidades que o mundo do trabalho nos apresenta. No entanto, para as classes economicamente exploradas, o trabalho se apresenta como esforço para sobrevivência - e não como possibilidade de autocriação e autorrealização. Considerando-se esse pressuposto de que o trabalho se apresenta de forma diversa e distinta para as classes sociais, torna-se possível analisar a fala de ambas as mães a partir de uma preocupação clara de sobrevivência. Avançar para o trabalho intelectual de poeta ou, ainda, estudar para ingressar no mercado de trabalho caracterizam formas de estar no mundo que divergem do cenário vivido pelas mães, ambas analfabetas, e do destino que a sociedade lhes reservou. Trata-se, portanto, de desviar-se do caminho de diversas gerações que a antecederam - o que a mãe de Priscila verbaliza como inconcebível, algo fora da normalidade, “algo que não dá futuro”.

4.7.7.Slam Vomitei: precisava sair de algum jeito, escrevi a poesia.

“O tempo de falar dos nossos é agora, nós estamos fazendo um trampo de muita resistência, na falta de referência somos as referências uns dos outros” Patrícia Meira poeta, romancista, Slammer.

O Slam se configura como espaço de autorrepresentação, em que a mulher negra e o homem negro de periferia se veem representados em um show de potência de vida que convoca para a luta por meio de uma linguagem poética, considerando o tempo presente como o espaço de tempo para intervenção.

“É muito mais um espaço de fala e de escuta do que uma competição. Acho que talvez olhando em aspecto global isso tome outras proporções tem a copa do mundo do slam tem outros torneios e tal. Mas se você olha pro dia-a-dia é uma conversa entre as pessoas que está acontecendo, a diferença é que a outra pessoa está totalmente quieta por 3 minutos te escutando e às vezes ela nunca te ouviria se não fosse no contexto do slam. (Melissa)

Melissa descreve a necessidade que sente de anunciar o seu mundo, como se suas próprias vivências estivessem sufocadas, e estão, de fato, pela estrutura racista. Como vimos em seus poemas, o que se evidencia são as ideias defendidas pelo pacto do branqueamento de forma a silenciar, banalizar e naturalizar o sofrimento vivido por essa população. Como defende Jessé de Souza (2019), a herança do período escravagista se reproduz por meio da crença de que existe gente para servir e gente para ser servida. No entanto, o slam é construído na contramão desse processo, anunciando a necessidade de diálogo entre os mundos:

“Começamos a fazer um slam lá na USP: usperifa, e fizemos nas Ciências Sociais e aí o pessoal da FAU chamou a gente pra fazer lá e as pessoas começaram a convidar a gente pra fazer lá e a gente foi fazendo...Tinha um cara da sinuca no slam e, ele comentou que porque ele era um cara cheio de privilégios ele nunca ia saber das coisas que a gente estava dizendo, se não fosse saindo da nossa boca mesmo, foi muito legal. Porque na FEA as pessoas que estavam lá nos assistindo são totalmente diferentes e elas regiam dizendo que era muito legal que era a primeira vez que estavam lá...Acho muito legal porque conecta as pessoas” (Melissa).

Partindo da reflexão sobre lugar de fala pelo viés de Djamila Ribeiro (2018), antes de problematizarmos quais os discursos que apresentam legitimidade, o discurso autorizado e não marcado era (e ainda persiste) o do homem branco, heterossexual; é ele quem está autorizado a falar de todos os lugares, proferindo o discurso (pretensamente) universal e verdadeiro. Na medida em que se demarcam novos territórios, o povo preto e periférico, silenciado há séculos, assume a autoria de sua vida, decidindo, no presente, escrever uma nova poética, agora registrada pela possibilidade de superação da luta cotidiana. Na recuperação da história torna-se possível perceber como o povo negro tem se reinventado ao longo dos anos, basta lembrar como o samba e a capoeira que hoje ocupam espaços privilegiados já foram em tempo de outrora marginalizados.

Priscila relata que é sempre penoso, naturalmente, falar das memórias que machucam, mas que, ao mesmo tempo, são essas memórias que a fazem escrever e construir novos sentidos à história. Ao retomar seu passado, percebe suas dores, que se transformam em potência de ação:

“Eu trabalhei com muitas coisas desde pequena, vendia salgados coisas de prender o cabelo, trabalhei em loja de roupas, depois que saí da casa dos meus pais sempre quis trabalhar com solda, mas as empresas não contratam mulher, a menos que você tenha indicação. No meu caso, eu trabalhava em qualquer coisa porque eu precisava me manter, eu não tinha autoestima suficiente para dizer que eu não queria trabalhar com limpeza, para escolher no que eu queria trabalhar, eu fui aceitando. Teve um trabalho que eu fiz todo o processo para ser conferente fiz a prova, a entrevista, eu era a única negra, e aí quando eu passei, no primeiro dia de trabalho eles me colocaram na faxina e disseram que eu estava precisando que eu não ia negar, e não neguei mesmo. Eu fiquei em choque era meu primeiro trabalho com registro na carteira, eu limpava tudo. Fiquei lá um ano e sete meses minha autoestima acabou, eu recorria à igreja, eu era crente mas também não tinha acolhimento porque eu vivia um conflito com a minha sexualidade...” (Priscila).

Para Jessé Souza (2019), o desprezo e a humilhação que essa camada da população sofre desde muito cedo a levam a fantasiar sua realidade intolerável. A fantasia, para o autor, assume a forma da fuga pelas drogas ou, ainda, por determinados fenômenos do que seria uma religiosidade mágica, que prometem o que não é possível realizar. Nesse sentido, produz-se ainda mais sofrimento, como é o caso de Priscila, que relata não encontrar acolhimento - nem nos espaços de trabalho, nem na religiosidade, nem na esfera pessoal.

Priscila chegou a São Paulo em 2016, já tendo conhecimento do slam. Sabia das batalhas, e alguns amigos a encorajaram a participar, mas não sentia, naquele momento, confiança para tanto. Na ocasião, trabalhava como auxiliar de limpeza em uma empresa de construção e acaba sofrendo um episódio, dos mais lamentáveis, de racismo direto. Dentre suas atribuições, tinha a tarefa de lavar os banheiros e, de acordo com as regras estabelecidas pela gerente, não poderia permitir que ninguém entrasse no banheiro no momento de sua limpeza. Entretanto, no momento da faxina, uma moça branca pediu para entrar no banheiro. Antes que Priscila pudesse falar qualquer palavra, a moça se identificou como gerente da loja, chamando-a *preta da faxina*. Priscila se recolheu e chorou, sentindo-se dolorosamente humilhada. Sua defesa foi escrever uma poesia e ir para a batalha, encontrando seu novo lugar no mundo.

“A gente joga na poesia nossos transtornos e, aí a gente se reconhece, a gente sente a mesma dor e a mesma potência...eu participei de nove slams com essa poesia e ganhei em todos. Depois que eu batalhei, não

consegui mais trabalhar na limpeza começaram a aparecer diversos convites para eu falar da minha poesia, para eu declamar. Já não conseguia mais conciliar meu trabalho na limpeza e meu trabalho como escritora”. (Priscila)

A arena do slam atua de forma transformadora para seus participantes, marcada pela celebração do público presente, que se reconhece nos conteúdos declamados. Desse modo, pude compreender, assim, como defende Vigotski (1999), que a arte resulta da relação entre o homem e o seu contexto histórico cultural, sendo percebida como elemento de mediação para compreender o movimento da vida. Além disso, no cenário em que se produz o slam, é possível observar que o efeito da arte, está além da recepção. A vivência na batalha de poesias provoca um choque de sentimentos, um confronto de emoções (emoções angustiantes e desagradáveis) contrárias, que promovem uma reorganização dos processos psicológicos superiores: a catarse, enfim. Desse modo, a arte possibilita a transição da condição particular de indivíduo à de gênero humano universal:

Catarse não é apenas a descarga de sentimentos com a sua consequente tranquilização. Ela se caracteriza pelo confronto de paixões contrárias, que gera a complexa transformação dos sentimentos. A arte suscita em nós emoções voltadas a sentidos opostos ao habitual e, ao pôr em choque impulsos contrários, destrói paixões, acarretando a complexa transformação dos sentimentos (VIGOTSKI, 1999, p. 270)

Ao final de cada batalha, há verdadeiras explosões de sentimentos, assim ainda no término da gincana pude ouvir: “as pessoas saem de lá poderosas o suficiente para lutar Se assumir negro ou negra é comprar uma luta”. Desse modo, a arte não distrai nossos sentimentos, mas nos força a vencê-los SAWAIA (2016).

A arte poética produzida no slam trata da realidade humana circunscrita a um momento histórico, mas que o ultrapassa, no sentido de ser algo além do mero reflexo do real. A escuta dos afetos possibilita a elaboração do sofrimento, que, em forma de poesia, configura um espaço de escuta para dor, ao mesmo tempo que possibilita a elaboração dessa dor. É na cena do slam que o sofrimento ético-político, vivido de forma individual, ganha novos sentidos e significados, passando da esfera individual à coletiva, da paixão à ação.

Ao longo de sua nova caminhada e já inserida no contexto das gincanas, Priscila passou a se libertar das doutrinas religiosas em que se apoiou para suportar seus conflitos. A religião, segundo Priscila, a aprisionou na condição de heterossexual, bem como na condição

de aceitar o mundo e suas mazelas da forma mais passiva. No entanto, Priscila, ao estrear no slam, já não era mais a mesma. Com isso, suas convicções também se transformaram em nome de um novo lugar a ser ocupado no mundo:

“Em nome do padre, do bispo e do pastor. Quebrei meu celibato de palavras. Estou farta dessa farsa que é pregada nos altares religiosos, que ao invés do amor, pregam um discurso de ódio... E, na busca incessante pelo lugar mais alto no pódio, agem como semideuses... Não, eu não sou a Eva saída da costela do Adão, nem estou disposta a carregar essa cruz chamada religião. Tampouco, me submeter a esse papel escroto de submissão. Então tira o teu falso moralismo da minha frente, para amar a Deus eu não preciso ser crente. Eu já estou cansada de sofrer represália em nome da moral e do bom costume... Quem é mesmo o representante do diabo? Sendo assim, decidi ser de todo mundo e não me entregar a ninguém. E que eu não seja a última a me libertar, como também não fui a primeira...” (Patrícia Meira, Trindade).

Depois dessa estreia, Priscila foi convidada a participar de diversos slams e, mergulhada no conteúdo das poesias, passou a construir um novo território de atuação para sua vida cotidiana, assumindo seu lugar de fala. Passou a se reconhecer como negra, ao mesmo tempo em que se assumiu em relações homoafetivas, libertando-se dos ensinamentos religiosos que a enclausuravam. Nesse movimento, passou a compreender que ocupar o lugar de quem declama é também ocupar o lugar de quem constrói novos repertórios. Com efeito, ser poeta na cena do slam é compreender que, na ausência de referências positivas ao povo preto, são os slammers os responsáveis por construir referências ao seu próprio povo.

Como não poderia deixar de ser, o *Slam* também é constituído por contradições: as Slammers narram cenas de sexismo, vivenciado na cena e nos bastidores, bem como de reproduções de competições desiguais. Com efeito, as estruturas racistas e sexistas perpassam todas as esferas da cultura, à própria condição material da existência. Assim, a liberdade de projetar um novo modo de ser e estar no mundo é um exercício constante.

Eu não queria ser feminista

Eu não queria ser feminista. Eu não deveria ser feminista. Em pleno século XXI minha gente, feminismo não deveria nem existir Calma sociedade, não comece a sorrir! É porque mulheres não tinham que precisar resistir tanto assim, é tão difícil imaginar que em uma era tão tecnológica eu ainda tenha que implorar Para que por onde eu passar... Todos possam me respeitar. Eu detesto ser feminista! Mas...diante de uma sociedade tão egoísta Eu não tenho opção. Porque ainda vemos mulheres sendo abusadas no ônibus. Vemos Relações abusivas virando, coisa normal...ou melhor "coisa de casal". Ninguém liga pra mulher e pra sua dor... Fazem ela acreditar que tudo isso é amor Vemos a mídia a todo momento nos dizendo que não estamos no padrão E que não teremos a menor condição de chegar ao que é considerado bonito pra toda nação. Passamos o dia escutando que as mulheres não estão se respeitando...Quando vão entender que no nosso corpo somos nós que estamos no comando ? Percebemos que quando estamos na rua à noite, e observamos um cara se aproximar já começamos a acelerar, o coração disparar, começamos a rezar..."Que seja só um assalto e, que só levem o meu celular"! Acha que ainda assim é mimimi Conversa fiada ? Como já escutei muitas vezes... Falta de vergonha na cara ? Vamos ser mais didática então Vamos jogar estatística, já que o óbvio parece que saiu de questão. O Brasil é o 5º país mais violento para mulheres do mundo Cada dia o feminicídio aumenta e, com a mulher preta a estatística é ainda mais violenta. Homicídio de mulheres negras aumentou 54% em 10 anos. A cada 11 minutos uma mulher é estuprada, 70% dos casos de estupro a vítima era próxima do agressores Em média 47,6 mil mulheres são estupradas por ano ,sendo que nem 30% delas denunciam 3 em cada 5 mulheres vão sofrer algum tipo de violência em algum relacionamento Até 2030 pode morrer 500 mil mulheres vítimas de violência doméstica no mundo 94% das mulheres já foram assediadas verbalmente e 77 % já foram assediada fisicamente E acha que o feminismo é exagero ? O feminismo já é o desespero Porque estamos em uma sociedade que eu ainda tenho que explicar Que somos seres humanos e não algo que possa se descartar. Então não venha me pedir delicadeza Pois tenha certeza Que aqui...Isso não vai rolar Foi-se a época de gentileza Vamos chegar com dois pé no peito mesmo Passar por cima de qualquer tipo de sujeito Derrubando esse seu preconceito Confundir a violência do opressor Com a reação do oprimido. Não faz o mínimo de sentido. Mas agora não conseguirão mais nos parar Na luta de outras mulheres Buscamos forças para o nosso caminhar E temos fé que tudo vai mudar Que vamos desconstruir E que essa merda de patriarcado vai cair Só precisamos nos unir Porque é tão lindo viver com a sua igual Com a plena consciência que ela não é a sua rival Sensação de liberdade Total felicidade. Mulheres precisam ser feministas...Mas tomara que em algum dia não precisem mais ser E que finalmente , alcancem o seu devido poder E eu peço, pra qualquer Deus de qualquer religião que a próxima geração Não enfrente um mundo tão sem noção

Tawane Theodoro

5.Considerações finais: Espaço de fala mas também de cura!

Ao iniciar esta, pesquisa não sabia ao certo aonde chegaria - não por não ter clareza sobre quais eram os meus objetivos-, mas por não saber qual o caminho que seria trilhado. Foram muitos os convites para abandonar o campo e ater-me às “coisas” da branquitude classe média, pois a periferia não quer mais ser objeto de estudo. No entanto, não era mais possível isolar o fenômeno, estudando apenas um dos lados, branquitude ou negritude. Além disso, confesso, eu me beneficiava desse cenário. Estava de fato encantada com a potência do ato. Ainda não imaginava que participar de um evento como esse provocaria em mim tantas reflexões e incômodos sobre minha própria branquitude porque, de verdade, nunca me considerei racista. E, assim, não fazia ideia da quantidade de privilégios de que desfruto apenas por ser branca. Com isso, não posso deixar de mencionar que, assim como alguns dos demais participantes da cena, eu também fui curada de algumas de minhas feridas existenciais pelas poesias.

O contexto poético da literatura marginal convidou-me a um novo cenário, criei laços, desfiz nós, sempre me mantendo presente como pesquisadora e, com muito respeito a todas aquelas pessoas, eu segui para investigar a cena e seus desdobramentos. Não foi fácil manter-me em um local em que era como que uma intrusa, diferente, onde as pessoas não pareciam querer a minha presença. Muitos vezes, aliás, era isso que eu ouvia nas poesias. Eu pensava: *eles estão me mandando embora*” e estavam mesmo, não todos, talvez alguns, ou a maioria; mas a mensagem não era diretamente para mim, como pessoa na esfera singular, mas para tudo o que eu represento.

Já mergulhada na teoria e com a prática de ser psicóloga, não faria sentido receber todo aquele conteúdo e levar para esfera pessoal. Não se tratava de resolver esse conflito dentro de um espaço terapêutico como minha questão atrelada à minha branquitude, o que me manteria na bolha, e não era para isso que eu estava lá. Algumas noites foram mais frias que outras; em algumas ocasiões, consegui conversar com participantes, aquecendo-me de bons encontros. Em outras, senti-me deslocada e tomada por afetos tristes, assim como é a vida. O conteúdo das poesias é literal, o sofrimento é narrado de forma nua e crua, a narrativa não está fora de contexto: abarca todo o conteúdo trata da periferia da vida daquelas pessoas que ali estão, e que chegam muitas vezes tomadas por afetos tristes, num certo padecimento e, com a participação no Slam, a catarse é como que inevitável. Rompem com uma situação de padecimento, em que estão tomadas por afetos tristes vivendo suas trajetórias a partir da

heteronomia para assumir um novo espaço a declamação e sua convocação a luta faz transbordar os afetos alegres e a produção da potência de vida construindo uma nova trajetória. As pessoas gritam, aplaudem, vibram e celebram a luta. É transformador e acolhedor quando você está entre os seus. Estar entre os seus nesse caso, para mim, significa estar entre aqueles que acreditam na construção de um novo mundo.

Ao longo do percurso e por força de minha persistência no campo, as pessoas passaram a me ver de outra forma. Reconheço que também mudei nesse processo. Quando havia espaço, eu também falava de minhas dores e agradecia aos slammers, em particular. Por vezes senti vontade de correr para o abraço, como ocorre em muitos casos na arena, quando se encerra a declamação e a poesia ainda está sangrando em todos. Nunca corri, por assim dizer, para o abraço, mas, aos poucos, também consegui abraçar, ainda que nos bastidores. A pesquisa participante traz liberdade, possibilitando expansão sem controle. A pesquisadora mergulha em campo em busca do novo, vivendo o processo da pesquisa de modo a transformar-se junto com os participantes.

Com o tempo, fui conquistando de forma discreta e respeitosa meu espaço nas cenas dos slams. As conversas com as amigas da PUC fizeram toda a diferença pois, por meio desses diálogos, eu ia reconhecendo o quanto me perdia no processo, colocando, muitas vezes, os meus referenciais para entender o movimento do público do slam. Só com o avançar da pesquisa e do aprofundamento na bibliografia fui aprendendo as diferenças gritantes e também sutis que há entre os mundos, porque sim, são mundos diferentes.

A vida da pessoa negra que mora na periferia é completamente diferente da minha vida de habitante do centro, branca e da classe média. Frequento uma universidade particular em que me sinto à vontade para ser quem eu sou. Aliás, em todos os espaços em que circulo sou sempre bem recebida, a sociedade me abre os braços! Eu posso sofrer os percalços da trajetória da minha existência, mas o mundo social, ainda assim, me receberá de braços abertos anunciando que há espaço para mim, mesmo que eu não enxergue - e esse é o grande privilégio da branquitude: desfrutar de um território de possibilidades.

E essa é a grande questão que fica com a finalização dessa pesquisa: o compromisso da branquitude em assumir sua dívida histórica: a desconstrução de privilégios. Sem dúvida que o slam se configura como um espaço de resistência, enfrentamento e afetos que transforma a vida de diversas pessoas e famílias. No entanto, ainda não consegue romper com o modelo de sociedade estruturado no racismo. Nesse sentido, a condição de ser negra no país

é interdita pelo racismo e pela segregação; ser negro e pobre no Brasil é ocupar um território de (im)possibilidades. Esse é o pano de fundo declamado com louvor em todas as poesias dramatizadas no slam: a possibilidade dentro do impossível. “Sejam realistas, exijam o impossível”²⁴.

Os espaços construídos a partir das cenas do slam reverberam uma nova poética de vida, transbordam potência produzem novas subjetividades enegrecidas, construindo novas perspectivas e novas formas de estar no mundo. O deslocamento do sofrimento da esfera individual à esfera coletiva produz perseverança, na medida em que coloca o sofrimento atrelado às estruturas do sistema libertando àqueles que estão acometidos pela culpa de sofrer de seu sofrimento. A escuta dos afetos produz acolhimento e potência. A potência de ação produzida nas arenas é combustível para seguir adiante, o sonho de um novo mundo é semeado a cada nova batalha fazendo florescer o coletivo. A forma como os conteúdos são expostos convoca a plateia para organização e luta, pois, rompe com a fabricação da individualização da vida cotidiana, na medida em que produz sentimento de pertencimento a um tecido social e histórico fabricando novos sentidos e novas reflexões na contra mão do sistema. Ao mesmo tempo em que anuncia o sofrimento que demanda por tratamento também na esfera individual na modalidade da psicoterapia. São muitas as feridas mexidas na arena do slam, e além disso, o slam descortina o mundo injustiçado, interditado, desse modo, descobrir-se nesse mundo ao mesmo tempo em que é convocado à luta, exige elaboração de sofrimentos, perseverança, escuta dos afetos.

Desse modo, na mesma direção que as autoras Angela Davis, Bell Hooks e Djamila Ribeiro, defendendo que combater o racismo não se restringe a equilibrar privilégios, mas, sim, elaborar uma nova proposta de mundo em que se possa romper com os sistemas opressores em todas as suas esferas.

Para tanto, é necessário um trabalho árduo que envolva uma nova percepção do que é ser branco, (e não só do que é ser negro) trata-se de se nutrir com o sentimento de luta e indignação frente a um modelo de sociedade doente. Desse modo, ao lado dos negros precisamos, partindo dos lugares os quais ocupamos como brancos, avançar a um novo projeto de sociedade apoiando espaços de formação política e escuta dos afetos como o slam, rompendo com discursos de vozes únicas que não promovem a pluralidade, nem tampouco,

²⁴ Slogan dos estudantes franceses durante as manifestações em Paris, no célebre maio de 68, período de constatação política e engajamento marcado por uma onda de protestos que culminou numa greve geral na Europa, que mobilizou cerca de nove milhões de pessoas. Nexo Jornal

produzem a escuta daqueles que permanecem silenciados. Precisamos ouvi-los para apreender diferentes perspectivas e análises. Além disso, é necessário também a destruição da hierarquização dos saberes que atualiza a luta de classes na medida em que produz interdições ao conhecimento criando mais espaços de poder (GONZALEZ, 2010 & RIBEIRO, 2019).

Considerando as desigualdades vividas entre negros e não negros o debate sobre o racismo torna-se essencial para discutir o cenário do movimento social e histórico e as desigualdades e injustiças vividas pela população e o slam com sua arte, tem a potência de colaborar com essa consciência e afetividade.

Além disso, para a construção de uma sociedade anti-racista é preciso que se produzam bons encontros não apenas entre brancos ou apenas entre negros, mas encontros entre brancos e negros em que a convivência possa ser horizontalizada, de forma a contribuir assertivamente pela desnaturalização dos fenômenos racistas, deixar de considerar “normal”, por exemplo, que a maioria esmagadora das pessoas negras das universidades estejam limpando os banheiros e não nas salas de aula, compondo o corpo docente ou discente. É contribuir para a construção de um cenário em que os e as slammers possam ser reconhecidos pelo seu trabalho, independentemente de seu lugar no mundo social. E eles já estão fazendo isso, por meio da arte e dos afetos. Sem se obrigar ao espaço branco ofertado aos poetas marginais, a transformação na periferia pela periferia está acontecendo. Há um movimento, ainda que tímido, que pode balançar toda a estrutura, conforme apontam as mulheres do Slam, ao conjugarem raça, classe e gênero nos poemas, que se tornam potentes forças de afetação .

6.Referências Bibliográficas

- BENTO, Maria Aparecida da Silva (org). Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes.2002.
- BERMAN, Marshall Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moises, Ana Maria L. Ioriatti. Consultor dessa edição Francisco Foot Hardman. 1 edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2007
- BERTH, Joice. O que é empoderamento. Belo Horizonte (MG): Letramento 2018.
- BUONICORE, Augusto. Reflexões sobre o marxismo e a questão racial (1ª parte), Revista Espaço Acadêmico nº 51- agosto 2005.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense. 1995
- CARDOSO, L. O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra. 2008
- CARDOSO, L, Muller, Tânia M., (orgs): Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1 ed. Curitiba, Appris, 2017.
- CARONE, I. & BENTO, M. A. S. (orgs). Psicologia Social do Racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil. Editora Petrópolis: Vozes. 2002
- CAVALLEIRO, Eliane: Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: Racismo e anti-racismo – repensando nossa escola / Eliane Cavalleiro (orgs.) São Paulo: Summus. 2001
- CIAMPA, A. C.. Entrevista. Revista Construção Psicopedagógica. 14(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt 2006
- CIAMPA, A. C., PESCATORE, C., & ALMEIDA, J. A.. O sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação. Psicologia & Sociedade, 29, e177585, 2017
- D’ALVA, Roberta Estrela. Teatro Hip-Hop. 1 ed – São Paulo, Coleção Estudos. 2014.

DAVIS, Angela Mulheres, Raça e Classe: tradução Heci Regina Candiani. – 1 ed – São Paulo. Boitempo. 2016.

_____ A liberdade é uma luta constante: Organização Frank Barat; tradução Heci Regina Candiani – 1ª edição São Paulo. Boitempo.2018.

FANON, Frantz. Pele Negra Máscaras Brancas: tradução de Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA 1.ed 1980, reedição 2008

FEFFERMAN, Marisa. Boletim do Instituto de Saúde – BIS Volume 18– Nº2 – Dezembro 2017 ISSN 1518-1812 / On Line 1809-7529 Publicação semestral do Instituto de Saúde Tiragem: 2000.

FERREIRA, F Ricardo. Uma história de lutas e vitórias: a construção da identidade afrodescendente brasileiro. Tese. (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

_____ Afro-Descendente: Identidade em Construção. Rio de Janeiro: Palas; São Paulo: EDUC, 2000.

_____ O brasileiro, o racismo silenciosos e a emancipação do afrodescendente, in Psicologia & Sociedade; 14 (1): 69-86; jan./jun.2002.

FERREIRA, R. F., & Camargo, A. C. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. Psicologia: Ciência e Profissão, 31(2),374-389. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>. 2011.

FERREIRA, R. F., & Pinto, M. C. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. Pesquisa e Prática Psicossociais, 9(2),257-266, 2014

FREIRE, Paulo: Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREITAS, Décio.A Revolução dos Malês. Porto Alegre: Movimento, 1985. 106p. il.1985

FRANKENBERG, R. A miragem de uma Branquitude não marcada. In V. Ware (Org.), Branquidade, identidade branca e multiculturalismo (V. Ribeiro, trad., pp. 307-338.). Rio de Janeiro: Garamond, 2004

FURTADO, Odair. A dimensão subjetiva da realidade. Tese de doutorado Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

HELMS, J. E.. An overview of black racial identity theory. In Helms, J. E. (Ed.). *Black and white racial identity: theory, research, and practice*. New York, Greenwood Press. 1993

HINKEL, Jason: A arte de ouvir rap e de fazer a si mesmo: investigando o processo de apropriação musical. Dissertação de mestrado, Florianópolis. 2008.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras; tradução Ana Luiza Libânio. – 1ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LANE, S. & Sawaia, B. (Orgs.): Novas Veredas da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense. 1995

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; Aquime, Rafaela Habib Souza; Franco, Ana Carolina Farias; Piani, Pedro Paulo Freire. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. *Pesqui. prá. psicossociais* [online]. 2017, vol.12, n.1, pp. 164-176. ISSN 1809-8908, 2017

LIMA, Márcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200005. (2010)

LOURENCO, Mariane Lemos.: Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. *Psicol. Am Latina- México* n 19 . 2010

LUCKÁCS, G.. Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas. 2013

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Revista Interações, 7 (13), 31-44. 2002

MAHEIRIE, K. & Pretto, Z.. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. 115 Rev. Dep. Psicol.UFF, 2007.

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. Tradução: Marta Lança, Revisão: L Baptista Coelho. Artes Gráficas. 2016.

_____ Crítica da Razão Negra. Tradução: Sebastião Nascimento. Edições.org. 2018.

MOURA, CLÓVIS Rebeliões na senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas. Ed Zumbi, Ltda. 1959.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In A. A. P. Brandão (Org.), Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira (pp. 15-34). Niterói, RJ: EDUFF. 2004

MUNANGA, K. Prefácio. In I. Carone e M. A. S. Bento (Orgs.), Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (4ª ed., pp. 09-11). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MUNANGA, Kabengele Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Revista Estudos Avançados, São Paulo, V. 18, no 50, p. 51-66. 2004

MUNANGA, K. Prefácio. In Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil Tânia Mara, Pedroso Muller, Lourenço Cardoso – 1 ed. Curitiba. Appris. 2017.

NASCIMENTO, Abdias: O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3 ed. – São Paulo. Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Roberta Marques: A performance poética do MC. Dissertação de mestrado (em Ciências Sociais – Comunicação). Universidade Pontifícia Católica, São Paulo. 2012.

NEVES, Cynthia Agra de Brito: Slams: Letramentos literários de reexistência ao/no mundo Contemporâneo Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 2017

PIZA, E. & ROSEMBERG, F. Cor nos censos brasileiros. In I. Carone & M. A. Bento (Orgs.), Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e Branqueamento no Brasil (pp. 91-120). Petrópolis: Vozes. 2002

PIZA, E. :Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. In A. S. A. Guimarães & L. Huntley (Orgs.), Tirando a máscara: ensaios sobre racismo no Brasil (pp. 97-126). São Paulo: Paz e Terra. 2000

PIZA, E. :Porta de vidro: uma entrada para branquitude. In I. Carone & M. A. Bento (Orgs.), Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (pp. 59-90). Petrópolis: Vozes. 2002

RAMOS, A. G. A Introdução Crítica à Sociologia Brasileira. Rio de Janeiro. Andes. 1957

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala. Feminismos Plurais. Belo Horizonte – MG, Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. O Dinheiro e o Território. Universidade de São Paulo- USP. Geografia, ano. 1, n.1, São Paulo. 1999

SAWAIA, B. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2006.

SAWAIA, B. A consciência em construção no trabalho de construção de existência Tese de doutorado (em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

_____ Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. Florianópolis. Psicologia & Sociedade; v.21 n.3, setembro 2006.

SAWAIA, B. B; MAGIOLINO, L. L. S. As nuances da afetividade: emoção, sentimento e paixão em perspectiva. IN: Banls-Leite, L. SMOLKA, A. L. B. ANJOS, D. d. (orgs) Diálogos na perspectiva histórico-cultural:interlocuções com a clínica da atividade. Campinas: Mercado das Letras, 2016.

SANTOS, Livia Gomes dos. Inconsciente: Uma reflexão desde a Psicologia de Vigotski. Tese de doutorado Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

SANTOS, Alessandro & SCHUCMAN, V. Lia. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). Título do periódico: Revista EPOS ISSN: 2178-700X Volume/Número/Paginação/Ano: v.06, n.2, p. 1-18, jul.-dez. 2015

SILVEIRA, Ítala Bezerra da. Cabanagem, uma luta perdida. Salvador, Bahia Editora: Secult, 2000

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro, Estação Brasil, 2019.

SCHUCMAN, Vainer Lia. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de doutorado Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Vainer Lia. Famílias Inter-raciais tensões entre cor e amor. Salvador- BA: EDUFBA, 2018.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* [online]. 2013, n.42, pp.11-28. ISSN 2316-4018. <http://dx.doi.org/10.1590/S2316-40182013000200001>.

VASCONSELOS, Marcos Estevam & Oliveira, Mateus Fernandes. O combate e a marginalização dos libertos no pós-emancipação. 2011. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2011/08_HISTORIA_OCombate.pdf

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WACQUANT, L. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participar da Pesquisa

Esse termo tem como objetivo preservar os direitos da entrevistada e garantir que a pesquisa seja realizada dentro dos parâmetros éticos exigidos pelo comitê científico. A pesquisadora Lais Biasoli Moler do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa Dra Bader Sawaia está desenvolvendo a pesquisa com o título: **Quando “os olhos não vêem” mas o coração sangra**, cujo objetivo está em investigar a experiência psicológica vivida a partir do ingresso no slam.

1. A entrevistada poderá interromper a pesquisa a qualquer momento sendo, desse modo, sua participação voluntária e livre.
2. A minha participação implica em agendar uma entrevista, num local de melhor acesso para mim, esse momento será gravado e depois transcrito pela pesquisadora. Todos os meus dados pessoais serão mantidos em sigilo
3. Qualquer consideração que eu queira fazer posso entrar em contato com a Prof. Dra. Bader Sawaia, na Pontifícia Universidade Católica, localizada à rua Monte Alegre, 984 Perdizes – São Paulo.
4. Estou recebendo uma cópia desse Termo

Eu _____ sou convidada a participar deste estudo, tenho conhecimento que minha participação neste estudo é absolutamente voluntária. É de meu direito de recusar-me a participar ou desistir em qualquer momento deste estudo. Minha decisão em participar ou não desta pesquisa é de minha livre e escolha e responsabilidade.

Autorizo o uso de minhas entrevistas pela pesquisadora nas publicações decorrentes desse estudo.

Local e data _____

Nome do participante: _____

Assinatura do Participante: _____